



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Instituto de Estudos da Linguagem

**WELLINGTON MICHEL SOUZA DE PAULA**

**UM ESTUDO CARTOGRÁFICO DA POSIÇÃO DE SOLDAGEM DAS  
ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS**

**CAMPINAS**

**2022**

**WELLINGTON MICHEL SOUZA DE PAULA**

**UM ESTUDO CARTOGRÁFICO DA POSIÇÃO DE SOLDAGEM DAS ORAÇÕES  
ADVERBIAIS CENTRAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Instituto de Estudos da Linguagem  
da Universidade Estadual de  
Campinas para obtenção do título de  
Mestre em Linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Wellington Michel Souza de Paula e orientada pelo Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto.

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

So89e Souza de Paula, Wellington Michel, 1989-  
Um estudo cartográfico da posição de soldagem das orações adverbiais centrais / Wellington Michel Souza de Paula. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Aquiles Tescari Neto.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática comparada e geral. 2. Gramática comparada e geral - Advérbio. 3. Gramática comparada e geral – Preposições. 4. Gramática comparada e geral - Sintaxe. I. Tescari Neto, Aquiles, 1983-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** A cartographic study of the merge position of central adverbial clauses

**Palavras-chave em inglês:**

Grammar, Comparative and general

Grammar, Comparative and general - Adverb

Grammar, Comparative and general - Prepositions

Grammar, Comparative and general - Syntax

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:**

Aquiles Tescari Neto [Orientador]

Violeta Virginia Rodrigues

Patricia de Araujo Rodrigues

**Data de defesa:** 13-12-2022

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3566-0386>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0656312824372380>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Aquiles Tescari Neto**

**Violeta Virginia Rodrigues**

**Patricia de Araujo Rodrigues**

**IEL/UNICAMP  
2022**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo aos meus professores, todos que passaram pela minha vida, sem exceção. É inegável a influência que todos eles tiveram sobre mim, a ponto de que eu elegesse essa profissão como sendo aquela que eu gostaria de exercer por toda a minha vida. Agradeço à “tia Karina”, por me ensinar a magia da leitura e escrita. Lembro-me ainda como se fosse hoje, enquanto escrevo esse texto, o quão mágico foi para mim começar a decifrar o “misterioso” mundo das palavras. Um momento tão especial e sublime, que me faz ser grato eternamente a ela.

Há também um outro professor que foi especial para a minha jornada, desde a infância. Ele, que foi (e ainda é) exemplo para mim como profissional e pessoa, desde sempre. Meu eterno professor e meu querido primo Luis Henrique. Desde pequeno, quando ia visitar a minha bisavó, ficava encantado com aquela estante cheia de livros, com aquela máquina de escrever e com todas aquelas pastas e papéis. Estar nesse ambiente com certeza exerceu uma grande influência sobre mim e minha carreira, não só por estar rodeado de livros, mas também por presenciar a luta e o esforço que ele teve para conseguir um diploma e uma vida melhor. Obrigado por ser um grande exemplo para mim.

Agradeço, também, a todos os professores, colegas de trabalho, da escola Padre Geraldo Lourenço, que me acolheram e me ensinaram muito sobre o que é ser professor de fato. Vê-los todos os dias empenhados, com garra e força de vontade, mesmo diante de um cenário em que o governo negligencia a escola pública, foram importantes para a minha formação. Obrigado pelos conselhos e orientações ao longo desses anos.

Aos meus professores da faculdade, Unipinhal, durante os anos de 2008 a 2010, devo também um especial agradecimento. Mais do que me formarem em licenciatura, todos eles despertaram em mim a sede pela pesquisa. É graças a eles que essa dissertação existe. Um agradecimento especial às professoras Ilka Mota, Juliana Queiroz e Flávia Domitila Morais, que me inspiraram muito, pela competência e excelência com que desenvolviam seu trabalho.

Um agradecimento mais que especial deve ser dado a um dos professores que mais me inspiram nessa jornada. Ao meu orientador, professor Aquiles Tescari Neto. Mais que teoria linguística, ele me ensinou como humildade, simplicidade, empatia, inteligência e competência podem andar juntas. É admirável a postura profissional desse grande pesquisador, muito respeitado entre os pares, e a forma como consegue levar alegria e leveza em todos os ambientes que passa. Obrigado, muito obrigado, por nos ensinar compaixão

e competência, por nos incentivar e nos motivar sempre.

À Samara Gabriela, com certeza vai um dos agradecimentos mais especiais desse texto. É até complicado escolher as palavras que possam expressar a admiração e a gratidão que sinto por ela. Apesar de ser um pouco cético, acredito que nossa parceria transcende as definições de amizade. Vai além dos trabalhos escolares do ensino médio, vai além dos seminários da faculdade, vai além do companheirismo nos corredores da escola, enquanto professores. É admirável ver a pessoa, a mãe, a esposa, a profissional e a pesquisadora que você se tornou. Sua existência, sua postura, suas escolhas, suas conquistas me inspiram demais e me dão força para prosseguir. Obrigado por todos os conselhos, o incentivo e o apoio durante todos esses anos.

Agradeço, também, imensamente a todos os meus amigos, que me aconselharam e estiveram comigo, torcendo e me proporcionando momentos de lazer e diversão, nas horas mais difíceis. O apoio e a simples presença de vocês ao meu lado foram extremamente importantes nessa caminhada. Obrigado galera do grupo “Misericórdia” por estarem comigo nessa. Obrigado Amanda e William por torcerem sempre por mim e vibrarem com as minhas conquistas. Obrigado Denise pela parceria de longa data e por dividir momentos especiais comigo. Obrigado Izael pelos conselhos e por estar sempre presente para me ouvir e incentivar. Obrigado Maria Amelia por me incentivar, me aconselhar e me guiar nesses primeiros passos da carreira acadêmica.

Gostaria também de expressar minha gratidão a todos os membros do Laboratório de Cartografia Sintática: pesquisa e ensino (LaCaSa), da Unicamp, pelas contribuições na minha pesquisa. Vocês todos foram muito importantes para a minha formação, pois são exemplos de pesquisadores. Cada discussão no nosso grupo é uma aula, que me proporciona um aprendizado imenso. Um agradecimento especial ao João pelas dicas e pelas análises tão profundas a respeito dos meus dados, e a Raquel, pelo incentivo e por dividir comigo as conquistas e angústias desses anos de mestrado.

Sem dúvidas, o agradecimento mais especial vai a minha família. Por mais clichê que pareça, a base para que tudo o que eu conquistei existir é a minha família. Foram eles os meus primeiros incentivadores, as primeiras pessoas que torceram por mim e que me fizeram, desde pequeno, acreditar que eu conseguiria atingir meus objetivos. Obrigado a todos, sem exceção, em especial à família Souza e Gabriel. Obrigado mãe por cuidar de mim e trabalhar muito para me proporcionar uma boa educação, para que eu tivesse acesso e condições de estudar. Obrigado minha mãe Dita, por cuidar muito de mim, por me educar, por me ensinar

os valores que hoje tenho, por ser o pilar e a base da nossa família.

Aos membros da minha banca de qualificação, professora Dra. Ana Paula Cavaguti e professor Dr. Roger Antunes. Muito obrigado pela leitura cuidadosa do meu texto e pelas importantes contribuições, que sem dúvidas agregaram muito e me fizeram refletir sobre meu objeto de pesquisa. Também deixo meus agradecimentos às professoras Violeta Virgínia Rodrigues e Patrícia de Araújo Rodrigues que contribuíram muito para a versão final desse trabalho bem como trouxeram reflexões muito importantes que, com certeza, guiarão meus passos nas pesquisas futuras.

## RESUMO

Assumindo a metodologia da Cartografia Sintática, esta dissertação se volta para as orações adverbiais centrais do português brasileiro (PB), da tipologia de Haegeman (2012), com o objetivo de estabelecer um lugar de soldagem para elas na sequência funcional (*f-seq*). Haegeman (2012) faz uma importante divisão tipológica entre dois tipos de orações adverbiais, sendo uma delas, as *central adverbial clauses* – as ‘centrais’ (CACs) –, modificadoras do evento da oração principal à qual se relacionam. Para captar essa relação, a autora propõe testes de escopo cujos resultados sugerem que as CACs devam figurar internas ao TP, no domínio de VP. Autores de outras línguas atestam essa hipótese (Lobo, 2013; Frey, 2020; Yip, 2020). De um ponto de vista cartográfico, no entanto, consideramos importante implementar essa análise propondo uma visão mais detalhada do lugar de soldagem dessas orações. Dados do PB apontam para um paralelismo entre CACs e sintagmas preposicionais (PPs), propriedade já indicada por gramáticos tradicionais brasileiros. O expediente da coocorrência indica a impossibilidade de um PP e uma CAC com a mesma categoria semântica ocorrerem na mesma sentença, modificando o evento da mesma oração. No espírito de Kayne (2005), tendo como base o princípio One Feature One Head (OFOH), esse resultado aponta, então, para a hipótese de que CACs e PPs são diferentes formas de realização da mesma projeção funcional, devendo, portanto, serem soldados na mesma posição da *f-seq*. Nesse sentido, argumentamos que o lugar de soldagem das CACs deva ser o Spec das projeções circunstanciais, na projeção estendida de VP, seguindo a mesma posição e ordem de base proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006). O expediente da coordenação é um primeiro indício desse paralelismo, uma vez que as coocorrências entre CACs e PPs julgadas agramaticais adquirem boa formação quando coordenadas. Ademais, recorreremos a propriedades estruturais para argumentar em favor de nossa hipótese, tanto da posição de soldagem quanto da ordem de base. Dentre elas, a posição do advérbio focalizador ‘só’ em PB (Tescari Neto, 2017), que consegue tomar sob escopo as CACs na projeção de Spec CircP – uma das propriedades apontadas por Haegeman (2012); a possibilidade de valoração/checagem do traço de foco das CACs em posição pós-verbal na periferia baixa da oração (Belletti, 2004), o que garante uma economia computacional e ainda dá conta do contorno entoacional que essas orações recebem nessa posição; a posição da CAC movida que parece ser ocupada por um vestígio que bloqueia a inserção de outros constituintes na mesma posição, mas não impede que outros sejam inseridos se respeitada a ordem de base. Com base nessas discussões, reforço, então, a minha hipótese de que CACs devam entrar na derivação seguindo uma ordem de base e sendo soldados no SpecCircP de cada projeção funcional correspondente (isto é, tempo, causa, local, modo, etc).

**Palavras-chave:** Orações adverbiais; Sintagmas preposicionais; Cartografia Sintática; Hierarquia Funcional

## ABSTRACT

By assuming the methodology of Syntactic Cartography, this thesis turns to a description of the so-called central adverbial clauses (in Haegeman's typology (2012)) in Brazilian Portuguese (BP). Its main goal is to establish a Merge position for their different subclasses in the functional sequence (f-seq). Haegeman (2012) makes an important typological split between two types of adverbial clauses, one being the aforementioned central adverbial clauses (CACs), modifiers of the event described in the main clause to which they relate. To capture this relationship, the author proposes "scope tests" whose results suggest that CACs should appear internal to the TP, precisely in the VP domain. Works on other languages have confirmed this hypothesis (Lobo, 2013; Frey, 2020; Yip, 2020). From a cartographic point of view, however, this analysis has to be implemented by means of a more detailed structure where distinct subclasses of central adverbial clauses are merged. BP data clearly show a strong structural parallelism between CACs and prepositional phrases (PPs), a property already indicated by Brazilian traditional grammarians. The co-occurrence expedient indicates the impossibility of a PP and a CAC with the same semantic import—in the same sentence—modifying the event of the same clause. In the spirit of Kayne's (2005) One Feature One Head (OFOH) principle, this result points to the hypothesis that CACs and PPs are different ways of realizing the same functional projection, and therefore should be merged in the same position of the f-seq. In this sense, we argue that the position of merger of CACs should be the Spec of the circumstantial projections, in the VP domain, following the same position and base order as proposed by Schweikert (2005) and Cinque (2006). The coordination test is a first indication of this parallelism, since the usually forbidden co-occurrence of CACs and PPs becomes well-formed when they are coordinated. Furthermore, we turn to some structural properties to argue in favor of our hypothesis on their merge position and on their relative base order. Among those structural properties are, for instance: (i) the position of the focusing adverb 'só' (which correspond to 'only') in BP (Tescari Neto, 2017)—this adverb takes under its scope the CACs in the Spec,CircP projection (one of the properties pointed out by Haegeman (2012)); (ii) the possibility of evaluating/checking the focus feature of CACs in a post-verbal position in the lower periphery of the clause (Belletti, 2004), which guarantees a computational economy and also takes into account the intonation contour that these clauses receive in this position; (iii) the position of the moved CAC that seems to be occupied by a trace that blocks the insertion of other constituents in the same position, but does not prevent others from being inserted if the base order. Based on these discussions, I then reinforce my hypothesis that CACs should enter the derivation following a base order and being merged into the Spec,CircP of each corresponding functional projection (i.e. time, cause, location, manner, etc).

**Keywords:** Adverbial clauses; Prepositional phrases; Syntactic Cartography; Functional Hierarchy

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura após a divisão do VP de Larson (1988).....	18
Figura 2 – Estrutura após a divisão do IP de Pollock (1989).....	18
Figura 3 – A arquitetura da oração em 1990.....	19
Figura 4 – Estrutura articulada do CP.....	20
Figura 5 – Proposta de uma hierarquia universal para as projeções funcionais relacionadas a AP.....	20
Figura 6 – Das possibilidades de adjunção dos adjetivos sem a assunção de um ordenamento rígido .....	21
Figura 7 – Hierarquia das Projeções Funcionais de Cinque (1999).....	24
Figura 8 – Quadro 1: as particularidades nos transpositores adverbiais .....	36
Figura 9 – Quadro 2: Orações adverbiais nas gramáticas tradicionais: definição e subtipos.....	39
Figura 10 – Quadro 3: Da similitude semântica entre diferentes tipos de orações adverbiais e posições.....	43
Figura 11 - Estrutura das orações adverbiais.....	49
Figura 12 – Elementos funcionais das orações adverbiais em japonês. ....	54
Figura 13 – Derivação das orações adverbiais em relação de “concordância”.....	56
Figura 14 – Triagem tipológica das categorias circunstanciais das orações adverbiais na literatura.....	61
Figura 15 – Quadro 4: os tipos de orações adverbiais a serem analisadas e seus respectivos conectores.....	64
Figura 16 – Quadro 5: orações adverbiais que serão testadas.....	64
Figura 17 – Quadro sinóptico com o comportamento de cada oração e conector adverbial diante dos testes.....	75
Figura 18 – Adjunção ao núcleo (Head adjunction) e adjunção a projeções máxima à esquerda e à direita (XP-adjunction).....	86
Figura 19 – (a) Adjunção de oração adverbial anteposta; (b) e (c) adjunção de oração adverbial posposta.....	87
Figura 20 – Representação sintática da adjunção de uma oração subordinada adverbial.....	88
Figura 21 – Representação sintática de derivação com pied-piping de uma sentença com PPs circunstanciais.....	89
Figura 22 – Representação sintática de derivação sem pied-piping de uma sentença com PPs circunstanciais.....	89
Figura 23 – Representação do local de soldagem das orações adverbiais centrais.....	94
Figura 24 – Estrato da Hierarquia Universal de Cinque completada com os AdvPs focalizadores.....	96
Figura 25 – Representação de uma oração adverbial temporal central sob o escopo de um advérbio focalizador.....	96
Figura 26 – Representação de uma oração adverbial temporal central na projeção de Spec FocP da periferia baixa.....	99

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- A** – Adjetivo  
**A-Mood** – (addressee mood)  
**AdvP** – Sintagma adverbial (adverbial phrase)  
**AgrP** – Concordância (agreement phrase)  
**AP** – Sintagma adjetival (adjective phrase)  
**AspP** – Projeção de aspecto  
**CAC** – Orações adverbiais centrais (central adverbial clauses)  
**CircP** – Projeção circunstancial (circumstantial phrase)  
**CP** – Complementador  
**Dem** – Demonstrativo  
**DP** – Sintagma do determinante (determiner phrase)  
**FinP** – Finitude  
**FocP** – Foco  
*f-seq* – Sequência funcional (functional sequence)  
**GT** – Gramática tradicional  
**GU** – Gramática universal  
**IP** – Camada flexional (inflectional phrase)  
**Loc** – Local  
**Mod** - Modalidade  
**N** – Substantivo (noun)  
**NGB** – Nomenclatura Gramatical Brasileira  
**NGP** – Nomenclatura Gramatical Portuguesa  
**NonIcs** – Orações dependentes não-integradas (Non-integrated dependent clauses)  
**Num** – Numeral  
**O** – Objeto  
**OFOH** – One Feature One Head  
**PAC** – Oração adverbial periférica (peripheral adverbial clause)  
**PB** – Português brasileiro  
**Pol** – Polaridade  
**PP** – Sintagma preposicional (prepositional phrase)  
**S-Mood** – (speaker mood)  
**Spec** – Especificador  
**SubP** – Sujeito (subject phrase)  
**t** – Vestígio (trace)  
**Temp** - Tempo  
**TopP** – Tópico  
**TP** – Flexão (tense phrase)  
**V** – Verbo  
**VP** – Sintagma verbal (verb phrase)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 A EXPANSÃO DAS CAMADAS DA ESTRUTURA SENTENCIAL: BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A METODOLOGIA CARTOGRÁFICA.....</b>	<b>17</b>
1.1 METODOLOGIA CARTOGRÁFICA.....	22
1.2 HIERARQUIA DE CINQUE (1999).....	23
1.3 OS SINTAGMAS PREPOSICIONAIS E AS ORAÇÕES ADVERBIAIS NA CARTOGRAFIA SINTÁTICA .....	28
<b>2 AS PROPRIEDADES DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS EM DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS.....</b>	<b>33</b>
2.1 GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	36
2.2 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS NUMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA.....	43
2.3 DOIS TIPOS DE ORAÇÕES ADVERBIAIS QUANTO AO LOCAL DE MERGE: UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA.....	48
<b>3 A HIERARQUIA DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS.....</b>	<b>59</b>
3.1 DA SELEÇÃO DOS DADOS.....	60
3.2 DOS TESTES PARA DEFINIR AS ORAÇÕES ADVERBIAIS EM CENTRAIS E PERIFÉRICAS.....	66
3.2.1 CLIVAGEM.....	67
3.2.2 OPERADOR DE FOCO .....	69
3.2.3 ESCOPO DE OPERADOR INTERROGATIVO (ALTERNATIVO).....	70
3.2.4 COMENTANDO OS RESULTADOS .....	73
3.3 ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS SÃO SOLDADAS NA MESMA POSIÇÃO QUE ADVPS E PPS ADVERBIAIS NA SEQUÊNCIA-F.....	78
3.3.1 ‘TESTE DE COCORRÊNCIA’: ADVÉRBIOS (SINTAGMAS ADVERBIAIS) E/OU LOCUÇÕES ADVERBIAIS (SINTAGMAS PREPOSICIONAIS) VS. ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS.....	79
3.3.2 O TESTE DA COORDENAÇÃO .....	83
3.4 O LUGAR DE SOLDAGEM DOS PPS CIRCUNSTANCIAIS E DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS.....	85
3.4.1 O LUGAR DE SOLDAGEM EXTERNA DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS.....	93
3.5 ARGUMENTOS EM FAVOR DA SOLDAGEM DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS NO SPEC DAS PROJEÇÕES CIRCUNSTANCIAIS.....	95
3.5.1 TESCARI NETO (2017) – POSIÇÃO DOS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES.....	95
3.5.2 A POSIÇÃO BAIXA DE FOCO E A ECONOMIA COMPUTACIONAL.....	97
3.5.3 – MOVIMENTO E VESTÍGIO – SEGUINDO A ORDEM DE BASE.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE II.....</b>	<b>113</b>

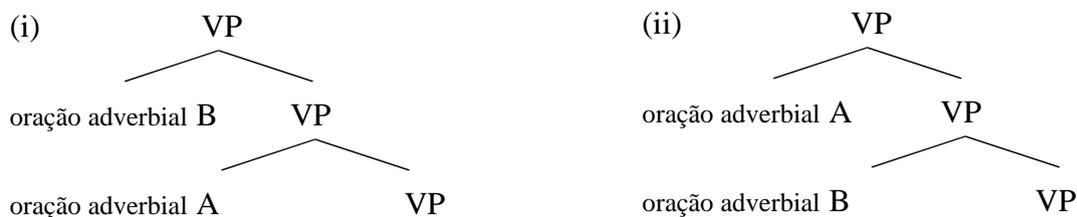
## INTRODUÇÃO

As orações subordinadas adverbiais já têm sido apontadas pela tradição gramatical do português brasileiro – doravante PB – (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011) como paralelas, quanto à função sintática e semântica, à classe dos advérbios. Segundo a Gramática Tradicional, as orações subordinadas adverbiais desempenham a função (normalmente) desenvolvida por advérbios, atuando como adjuntos adverbiais a veicularem uma série de leituras circunstanciais relativamente ao evento da oração principal à qual se relacionam.

Para além dos advérbios, as locuções adverbiais – aqui traduzidas em termos gerativistas como sintagmas preposicionais – também guardariam um paralelismo sintático-semântico com as orações subordinadas adverbiais, como ilustram as ocorrências em (1-3), em que tanto o advérbio (1) quanto o sintagma preposicional (2) e a oração adverbial (3) modificam o evento expresso pelo predicado ‘acontecerá’, veiculando uma circunstância de tempo

- (1) A defesa acontecerá **amanhã**.
- (2) A defesa acontecerá **de manhã**.
- (3) A defesa acontecerá **quando a banca autorizar**.

A Gramática Gerativa, no entanto, ao tratar da sintaxe das orações adverbiais, tem propostas diferentes quanto à posição estrutural que elas ocupariam na derivação da sentença. Segundo algumas propostas (Mateus, et. al., 2003; Donatti, 2008), as orações adverbiais entrariam na derivação como adjuntos ao VP por elas modificado, sendo, dessa forma, possível o empilhamento dessas orações, independentemente da classe semântica e ordem de linearização, como ilustram as estruturas em (i) e (ii) a seguir.



**Figuras (i) e (ii): Da integração, por meio da adjunção, das orações adverbiais à estrutura (Fonte: Elaboração própria)**

Como pode ser visto nas ilustrações acima, as orações adverbiais entrariam na sentença por meio do processo de *adjunção*, dobrando-se o nó do VP para cada oração adverbial soldada (‘merged’) na estrutura. O que (i) e (ii) também mostram é que o processo de adjunção não colocaria nenhuma restrição quanto à ordem de soldagem (‘Merge’) das orações adverbiais, isto é, uma oração adverbial de leitura circunstancial A poderia tanto proceder quanto anteceder uma oração de leitura circunstancial B. No entanto, o que veremos no capítulo 3, é que diferentes ordens podem instanciar diferentes interpretações (cf., a esse propósito a seção 3.4.1).

A proposta de Haegeman (2012) também assume o expediente da adjunção, e ainda propõe uma cisão na categoria das orações adverbiais, estabelecendo dois lugares distintos de soldagem a depender do escopo dessas orações, sendo as *centrais* – aquelas voltadas ao evento –, segundo ela, soldadas em algum lugar dentro do TP (talvez VP), enquanto as *periféricas* – as adverbiais voltadas ao discurso – seriam adjungidas à camada do CP.

Os estudos no âmbito da Cartografia Sintática, no entanto, apontam para uma direção em que propostas que organizam e hierarquizam as categorias gramaticais possibilitam um detalhamento maior da história derivacional das sentenças (Rizzi, 1997; Cinque, 1999; Scott, 2002; Schweikert, 2005).

Dessa forma, assumindo o paralelismo sintático entre as orações adverbiais *centrais* – na tipologia de Haegeman (2012) – e os sintagmas preposicionais (*prepositional phrases* ‘PPs’), este estudo propõe, de maneira original, que o lugar de soldagem das orações *centrais* são especificadores de projeções circunstanciais, seguindo a hierarquia proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006), alocados logo acima de VP. Nesse sentido, as adverbiais centrais teriam, portanto, uma ordem de base que guiaria o momento de sua entrada na derivação (Tescari Neto, 2021).

Tomando por base a epistemologia metodológica da Cartografia Sintática, este trabalho tem dois grandes objetivos, que se inter-relacionam: (i) testar, primeiramente, se em português brasileiro (PB) há orações que podem ser classificadas como *centrais*, tendo em vista a tipologia de Haegeman (2012), e (ii) testar o paralelismo entre orações adverbiais centrais e PPs adverbiais – usando o ferramental metodológico cartográfico –, a fim de verificar se de fato nossa hipótese de que CACs e PPs são expressões das mesmas projeções funcionais é plausível. Os testes aplicados levam em conta questões estruturais e mostram a presença de CACs no PB, além de deixarem evidente que há, como já apontado pelos gramáticos tradicionais, uma simetria entre CACs e PPs em um nível sintático-semântico.

No capítulo 1, então, discutiremos o processo de expansão da estrutura sentencial, desde os trabalhos gerativistas do final da década de 80 (Larson, 1988; Pollock, 1989; Belletti, 1990), até os trabalhos basilares do Programa Cartográfico (Rizzi, 1997; Cinque, 1999; Scott, 2002). Uma vez que o que propomos é o ordenamento das orações adverbiais centrais de forma hierárquica, destacaremos a importância de se assumir uma estrutura mais detalhada e ordenada, por uma tal estrutura favorecer uma explanação de ocorrências encontradas em diversas línguas, além de possibilitar uma análise mais refinada de cada etapa da derivação.

Ainda nesse capítulo, serão apresentadas algumas ferramentas metodológicas utilizadas para as propostas de hierarquização das categorias, mais especificamente os testes (i) da ‘ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021), (ii) da precedência e transitividade, e (iii) da coordenação.

Na sequência, no capítulo 2, mostraremos de que forma as orações subordinadas adverbiais são tratadas no âmbito da tradição gramatical, do funcionalismo e da gramática gerativa – tanto de modo mais global quanto no domínio da cartografia sintática, mais especificamente. Após um exame cuidadoso da análise de alguns autores dessas abordagens teóricas, elencaremos uma série de propriedades das orações adverbiais que serão levadas em conta em nossa proposta.

Começaremos o capítulo 3 aplicando os testes propostos por Haegeman (2012) a fim de detectar se em PB há, também, dois tipos de orações. Após os resultados, que mostram a existência em PB de orações centrais e periféricas, será aplicado o expediente da coocorrência e da coordenação com orações adverbiais centrais e sintagmas preposicionais com a mesma leitura semântica, o que nos mostrará que os dois constituintes parecem ocupar a mesma posição na estrutura.

Ainda no capítulo 3, proporemos, então, que as orações adverbiais entrem na posição de Spec das projeções circunstanciais, obedecendo o ordenamento proposto por Schweikert (2005) e Cinque (2006) para os PPs. Apresentaremos, na sequência, algumas evidências em favor de nossa proposta.

Para finalizar, teceremos algumas considerações finais a respeito da argumentação traçada ao longo de toda a dissertação, retomando os principais pontos discutidos em cada capítulo, bem como discutiremos os resultados obtidos. De maneira geral, será sugerido que as orações adverbiais centrais entrem na derivação sintática respeitando uma hierarquia (ou sequência funcional), obedecendo, portanto, a uma ordem rígida e fixa relativamente ao momento em que devem ser soldadas na estrutura. Para tanto, apresentaremos exemplos do PB que evidenciam que, quando aparecem em uma ordem diferente da que proporemos, as

orações adverbiais podem ou ter um escopo diferente ou adquirir uma leitura mais marcada (de focalização).

Com esta dissertação, pretendemos definir a posição de soldagem externa ('external merge') das orações adverbiais centrais a qual, apesar de vários autores definirem como sendo no domínio de TP, acaba não sendo tornada precisa na discussão pela literatura em teoria gramatical. Além disso, pretendemos contribuir com as teorias linguísticas, principalmente as de base cartográfica, fornecendo um mapa mais detalhado da estrutura, permitindo assim um possível ponto de partida para que estudos no âmbito da variação possam detectar diferenças paramétricas relativamente a propriedades morfossintáticas das orações adverbiais nas diversas línguas, uma vez que precisaremos a posição de soldagem externa das orações adverbiais centrais.

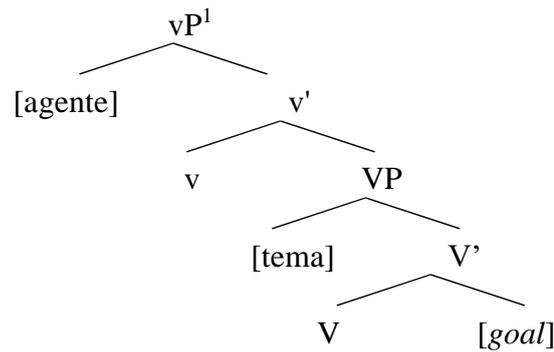
# 1 A EXPANSÃO DAS CAMADAS DA ESTRUTURA SENTENCIAL: BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A METODOLOGIA CARTOGRÁFICA

## Considerações iniciais

O projeto cartográfico, se assumirmos o que expõem Cinque e Rizzi (2010), tem como principal objetivo traçar, da forma mais detalhada possível, os mapas da estrutura sintática das línguas naturais. Trata-se de um tópico de pesquisa que teve seu início nos anos 90 e se desenvolveu paralelamente ao Projeto Minimalista (1995), tendo este último o objetivo de reduzir o número de operações sintáticas responsáveis por gerar uma estrutura, enquanto o primeiro foca nos detalhes da estrutura gerada.

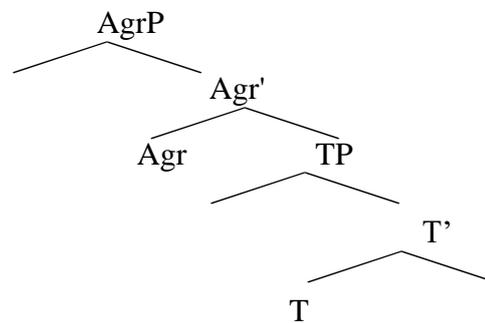
Nesse sentido, vale ressaltar trabalhos importantes do final da década de 80 que já vislumbravam uma arquitetura mais expandida da oração e, dessa forma, vários autores (Larson, 1988; Pollock; 1989; Belletti, 1990; entre outros) propuseram uma série de “explosões” que cindiam as camadas assumidas em Chomsky (1986) – nomeadamente CP, IP e VP – sendo considerados, desse modo, como cartográficos em um sentido “amplo” (Tescari Neto, 2021). Com uma estrutura ampliada, a história derivacional das estruturas sintáticas pôde ser observada com maiores detalhes, e ocorrências atestadas em diversas línguas naturais puderam ser contempladas, uma vez que se passou a assumir, então, mais projeções.

A proposta de Larson (1988), por exemplo, para construções com dois objetos procura dar conta da relação do verbo – dos tipos *dar*, *contar* e *mostrar* – e seus argumentos e, para isso, o autor propôs a divisão do VP em duas camadas, sendo a camada externa responsável por abrigar o argumento agente no especificador do núcleo V e tendo um VP como complemento; a outra camada teria em seu especificador o argumento tema e em seu complemento o argumento *goal*.



**Figura 1 - Estrutura após a divisão do VP de Larson (1988)**

Já a proposta de Pollock (1989), em um estudo comparativo entre o inglês e o francês quanto à subida dos verbos em relação aos advérbios de VP, pode ser considerada cartográfica num sentido ‘amplo’ pois, assim como Larson (1988), propõe uma estrutura mais detalhada para explicar a variação translinguística quanto ao movimento do verbo, sugerindo uma explosão da camada IP em duas projeções que acomodariam os verbos, sendo uma delas com os traços de *agreement* (concordância) – AgrP – e a outra com os traços de *tense* (tempo) – TP.

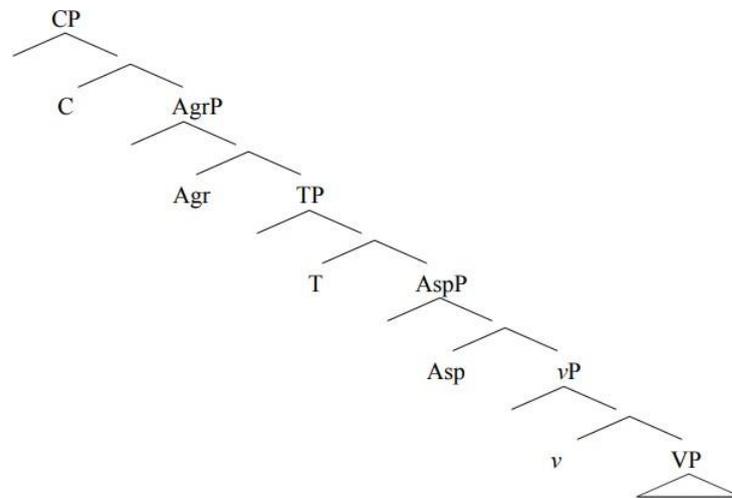


**Figura 2: Estrutura após a divisão do IP de Pollock (1989)**

Nessa mesma esteira, já no início dos anos 90, Belletti (1990), para explicar os diferentes lugares de pouso do verbo no italiano, inclui a camada AspP (Tescari Neto, 2021). Dessa forma, já no início dos anos 90, esses trabalhos contribuíram para uma arquitetura da estrutura um pouco mais elaborada (ver figura 3) do que aquela proposta por Chomsky (1986). Para a Gramática Gerativa de modo geral, assumir uma estrutura com mais camadas permitiu, além de uma análise entre línguas mais detalhada, capturando diferenças paramétricas interlinguisticamente (como o estudo de Pollock (1989)), um empoderamento

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a professora Patrícia Rodrigues por observar que Larson (1988) ainda não classifica essa nova camada com a nomenclatura vP. Manteremos, no entanto, esta etiqueta na figura uma vez que ela ilustra a estrutura enriquecida como assumida pela teoria após a proposta do autor.

da Sintaxe, que passa a dar conta de diversos fatores observados em várias línguas naturais, que antes eram compreendidos como sendo de responsabilidade dos níveis de interface.

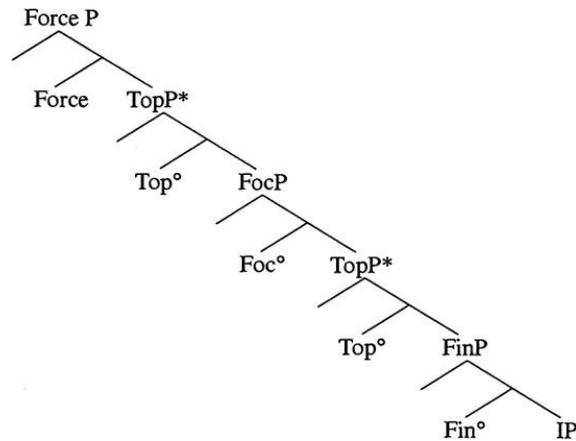


**Figura 3: A arquitetura da oração em 1990 (Tescari Neto, 2021)**

É importante destacar, ainda no que diz respeito a contribuições importantes para o enriquecimento da estrutura sentencial, os trabalhos de Rizzi (1997) e colaboradores para o refinamento do CP – conhecido na teoria como *periferia esquerda* da oração.

Rizzi (1997) cinde a projeção do CP em quatro<sup>2</sup> outras projeções, nomeadamente (i) ForceP, que é responsável pelo tipo sentencial (afirmativa, declarativa, etc), (ii) FinP, que relaciona a *periferia esquerda* ao domínio flexional (IP), (iii) TopP (tópico), que recebe elementos que expressam informação velha, e (iv) FocP (foco), que recebe em seu especificador uma informação nova. Miotto (2001) destaca a vantagem dessa proposta, afirmando que, diferentemente de uma assunção de recursão de CPs, com essa cisão cada categoria tem “nome, importe estrutural semântico/pragmático específico e são previamente ordenadas” (2001, p. 100).

<sup>2</sup> Rizzi (1997), analisando dados do italiano, chega à conclusão de que há uma única posição de Foco, mas há a possibilidade de várias posições de Tópico (pp. 295-297). A proposta inicial foi ampliada (cf. Rizzi 2017).



**Figura 4: Estrutura articulada do CP (Rizzi, 1997, p. 297)**

Vale ressaltar que a Cartografia observa princípios básicos que são caros à gramática gerativa como um todo: a noção de princípios e parâmetros e de c-comando, a teoria X-barra, questões relacionadas à localidade etc. Dessa forma, é possível afirmar que o projeto cartográfico, sendo um programa dentro da gramática gerativa, tem os mesmos objetivos dela, propondo apenas uma análise mais pormenorizada de uma estrutura mais detalhada.

Visando, portanto, esses objetivos, uma das grandes contribuições da Cartografia, sem dúvidas, foi postular que as categorias lexicais como *verbo*, *nome* e *adjetivo* são completadas ('augmented') por projeções funcionais que são rigidamente fixas e que seguem uma única ordem nas línguas naturais, sendo variável apenas se determinada língua vai ou não as expressar abertamente e quais são os movimentos necessários para as ordens encontradas nas línguas estudadas.

Um exemplo dessa abordagem diz respeito à projeção estendida dos adjetivos (AP), que pode ser ilustrada pela hierarquia proposta por Scott (2002):

[DPthe/this [Subj.CommentPnasty/magnificent [SizePbig/small [LengthPlong/short [HeightPtall/high  
 [SpeedPfast/slow [WidthPfat/thick/thin [WeightPlight/heavy [TemperaturePhot/cold  
 [AgePEdwardian/modern [ShapePround/triangular [ColourPdark brown/white  
 [Nationality/OriginPGerman/Parisian [MaterialPProsewood/brass [NP ...

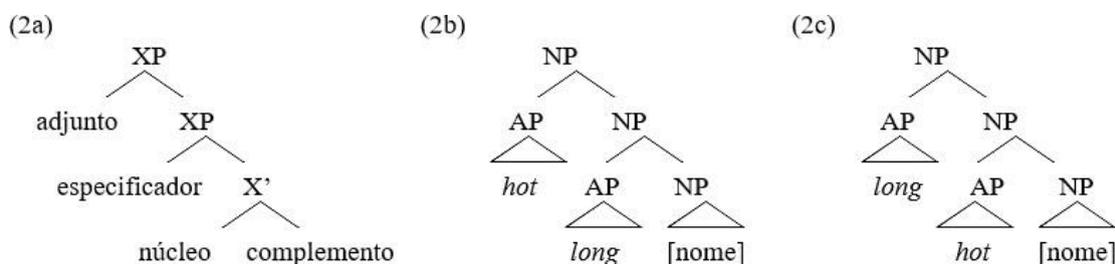
**Figura 5 - Proposta de uma hierarquia universal para as projeções funcionais relacionadas a AP (Fonte: Scott, 2002, p.102)**

De acordo com uma abordagem cartográfica, as categorias funcionais da projeção estendida do N(ome), no caso, as classes de adjetivos, aparecem nas línguas naturais seguindo o ordenamento expresso na hierarquia acima, independentemente da forma como será expressa, seja por meio de elementos do léxico substantivo seja por meio de

categorias funcionais expressas, por exemplo, por morfemas presos e/ou livres. Scott (2002, p. 101) traz vários exemplos, em diversas línguas, que atestam uma tal hierarquia para adjetivos. Como pode ser evidenciado em (1a-d), a única ordem possível, nas línguas selecionadas, é com o adjetivo de *comprimento* antecedendo o adjetivo de *temperatura*.

- |  |   |
|--|---|
| <p>(1) a. ein langer heiber Sommer<br/> <i>a long hot summer</i><br/>         ‘um verão longo e quente’</p> <p>b. dugo toplo leto<br/> <i>long hot summer</i><br/>         ‘um verão longo e quente’</p> <p>c. niinda thanutha varshakâlam<br/> <i>long cold rainy season</i><br/>         ‘estação longa, fria e chuvosa’</p> <p>d. en lång kall vinter<br/> <i>a long cold winter</i><br/>         ‘um inverno longo e frio’</p> | <p>*ein heiber langer Sommer (Alemão)<br/> <i>a hot long summer</i><br/>         ‘um verão quente e longo’</p> <p>*toplo dugo leto (Servo-croata)<br/> <i>hot long summer</i><br/>         ‘um verão quente e longo’</p> <p>*thanutha niinda varshakâlam (Malaiala)<br/> <i>cold long rainy season</i><br/>         ‘estação fria, longa e chuvosa’</p> <p>*en kall lång vinter (Sueco)<br/> <i>a cold long winter</i><br/>         ‘um inverno frio e longo’</p> |
|--|---|

Esse ordenamento rígido e fixo que parece ser encontrado em todas as línguas naturais pode ser captado e explicado se se assume que mais projeções podem ser encontradas na *narrow syntax*, sendo cada uma responsável por abrigar um elemento lexical, de acordo com sua leitura semântica (seguindo a hierarquia representada na figura 5). Se, no entanto, assume-se uma única projeção possível para abrigar os APs – no *especificador* da projeção N duplicada – e a possibilidade de soldagem por meio da adjunção (2a), a agramaticalidade atestada nos exemplos (1a-d) não deveria ocorrer, uma vez que não há nenhuma restrição de ordenamento quando se adjunge elementos (2b-c).



**Figura 6 – Das possibilidades de adjunção dos adjetivos sem a assunção de um ordenamento rígido (Fonte: Elaboração própria)**

Cinque e Rizzi (2010, p. 54-55) ainda assumem que todas as línguas partilham os mesmos princípios de composição da oração e que as projeções funcionais são as mesmas em todas as

línguas quanto aos núcleos, especificadores, quantidade e a ordem que a envolve. Para realizar tal tarefa de mapeamento preciso da estrutura oracional, bem como seu ordenamento, a cartografia recorre a metodologias que auxiliam nesse trabalho, tópico que será abordado na próxima seção.

### 1.1 Metodologia cartográfica

Há alguns expedientes metodológicos que são fundamentais para compreender de que forma o projeto cartográfico faz aquilo a que se propõe. Um dos princípios que guiam essa abordagem é o que Kayne (2005, p. 15) estabelece quando afirma que para cada traço sintático interpretável há um único elemento lexical ou funcional correspondente, princípio conhecido como One Feature One Head (OFOH).

Dessa forma, se tomarmos a hierarquia do AP acima representada (fig. 5), podemos ilustrar tal princípio, uma vez que cada traço conceitual (*size, shape, color, etc.*), aparece uma única vez na estrutura, não sendo possível dois adjetivos de cor ambos se referindo a um mesmo nome ao mesmo tempo (\*Um livro azul vermelho).

Quanto a isso, vale a distinção entre o que se pode entender enquanto classe gramatical e categoria funcional. Noções como *adjetivo, verbo, substantivo, advérbio*, entre outros, definidas na tradição gramatical luso-brasileira como “classes de palavras”, seriam consideradas classes gramaticais. Tescari Neto e Perigrino classificam as categorias gramaticais como “unidades linguísticas agrupadas por propriedades morfossintáticas e/ou semânticas semelhantes.” (2018, p. 157).

Já as categorias funcionais podem ser expressas de várias formas em cada língua, seja por meio de morfemas livres ou presos ou até mesmo por meio de verbos modais ou classes de palavras, como os adjetivos.

Para se chegar a uma hierarquia como a proposta por Scott (2002), há dois expedientes metodológicos que permitem diagnosticar: (i) se tal projeção funcional já figura na sentença – levando-se em conta o OFOH (Kayne, 2005); (ii) e em qual ordem as projeções funcionais devem aparecer caso possuam importes semânticos distintos.

O primeiro deles é o ‘teste da ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021), que diagnostica se o mesmo traço está presente na derivação. Nesse teste, se dois elementos com o mesmo importe semântico estiverem na sentença, há agramaticalidade. Ou seja, dois adjetivos *color* não poderiam coocorrer na mesma sentença (2a) enquanto um adjetivo *color* e um *size* quando coocorrem geram uma

sentença gramatical (2b):

- (2) a. \*Um carro amarelo azul.  
b. Um carro grande vermelho.

Esse expediente permitiu, por exemplo, Scott (2002, p. 99) cindir a categoria *size* em duas outras categorias *height* (*altura*) and *weight* (*peso*), uma vez que elas podem coocorrer em uma mesma sentença:

- |                              |                                       |
|------------------------------|---------------------------------------|
| (3) a. pitkä lihava mies     | *lihava pitkä mies (Finlandês)        |
| ‘tall fat man’               | fat tall man’                         |
| ‘homem alto gordo’           | ‘homem gordo alto’                    |
| b. a short skinny woman      | *a skinny short woman                 |
| ‘uma mulher baixa e magra’   | ‘uma mulher magra e baixa’            |
| c. a low narrow ceiling      | *a narrow low ceiling                 |
| ‘um teto baixo e estreito’   | ‘um teto estreito e baixo’            |
| d. uyarnna kattiyulla bhithi | *kattiyulla uyarnna bhithi (Malaiala) |
| high thick wall              | thick high wall                       |
| ‘parede alta e grossa’       | ‘parede grossa e alta’                |

O segundo teste, mais voltado para determinar a ordem das projeções funcionais caso sejam de significados distintos, é o teste conhecido como *precedência e transitividade*, dispositivo metodológico usado por Scott (2002), por exemplo, para se chegar à ordem dos adjetivos. Os exemplos acima são ilustrativos de tal teste uma vez que mostram que as categorias acima mencionadas só podem coocorrer se *height* preceder *weight*.

Usando tais testes, Cinque (1999) conseguiu chegar a uma hierarquia das projeções funcionais que é rigidamente ordenada e que representaria a estrutura presente em todas as línguas naturais. Na próxima seção vamos detalhar a hierarquia proposta por Cinque e de que forma ela pode servir como diagnóstico para trabalhos no âmbito da cartografia.

## 1.2 Hierarquia Cinque

A fim de contrapor a ideia de que há uma grande variação entre as línguas no que diz respeito ao tipo e ao número de projeções funcionais bem como sua ordem relativa, Cinque (1999) propõe a existência de uma hierarquia fixa das projeções funcionais em que os *sintagmas adverbiais* (AdvPs) seriam especificadores de projeções máximas, ao invés, do que era assumido, de adjuntos:

a sugestão é que os advérbios sejam a manifestação aberta de (os especificadores de) diferentes projeções funcionais, que em certas línguas também podem se manifestar por meio de material aberto nas posições correspondentes do núcleo. (CINQUE, 1999, p. vi, tradução nossa)

Através dos testes acima citados e de evidências a partir da ordem dos morfemas funcionais livres (“partículas” e auxiliares) e de morfemas funcionais ligados (afixos) (CINQUE, 2009, p. v), Cinque (2009) chega à estrutura hierárquica abaixo:

<p>[<i>francamente</i> Modo ato de fala &gt; [<i>felizmente</i> Modo avaliativo &gt; [<i>evidentemente</i> Modo Evidencial &gt; [<i>provavelmente</i> Modalidade Epistêmica &gt; [<i>uma vez</i> T Passado &gt; [<i>então</i> T Futuro &gt; [<i>talvez</i> Modo Irrealis &gt; [<i>necessariamente</i> Modalidade Necessidade &gt; [<i>possivelmente</i> Modalidade Possibilidade &gt; [<i>normalmente</i> Asp Habitual &gt; [<i>finalmente</i> Asp Tardio &gt; [<i>tendencialmente</i> Asp Predisposicional &gt; [<i>novamente</i> Asp Repetitivo(I) &gt; [<i>frequentemente</i> Asp Frequentativo(I) &gt; [<i>de/com gosto</i> Modalidade Volitiva &gt; [<i>rapidamente</i> Asp Acelerativo (I) &gt; [<i>já</i> T Anterior &gt; [<i>não...mais</i> Asp Terminativo &gt; [<i>ainda</i> Asp Continuativo &gt; [<i>sempre</i> Asp Contínuo &gt; [<i>apenas</i> Asp Retrospectivo &gt; [<i>(dentro) em breve</i> Asp Aproximativo &gt; [<i>brevemente</i> Asp Durativo &gt; [(?) Asp Genérico/Progressivo &gt; [<i>quase</i> Asp Prospectivo &gt; [<i>repentinamente</i> Asp Incoativo (I) &gt; [<i>obrigatoriamente</i> Modo Obrigação &gt; [<i>em vão</i> Asp Frustrativo &gt; [(?) Asp conativo &gt; [<i>completamente</i> Asp singcompletivo(I) &gt; [<i>tudo</i> Asp Repetitivo (II) &gt; [<i>frequentemente</i> Asp Frequentativo (II) &gt;...</p>
---

**Figura 7: Hierarquia das Projeções Funcionais de Cinque (1999) (Fonte: Tesconi Neto, 2017)**

O teste da ‘ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ foi importante, por exemplo, para que Cinque (2009) estabelecesse se dois advérbios, aparentemente iguais, ocupam lugares distintos na hierarquia. Para estabelecer, por exemplo, que Mod<sub>necessity</sub> e Mod<sub>possibility</sub> pudessem ocupar dois lugares diferentes na Hierarquia, bastou aplicar o teste, colocando as duas projeções para coocorrer em uma mesma sentença. A gramaticalidade gerada atesta tratar-se de duas projeções diferentes, no espírito do princípio OFOH.

Em (4a), o verbo funcional ‘*dovrebbe*’ (‘dever’), em italiano, ocuparia então a posição de núcleo da projeção Mod<sub>necessity</sub>, enquanto o verbo funcional ‘*poter*’ (‘poder’) corresponde ao núcleo da projeção Mod<sub>possibility</sub>. A possibilidade da ocorrência dos dois núcleos funcionais em uma sentença gramatical, mostra que eles ocupam lugares distintos na estrutura; a gramaticalidade de (4a), no entanto, só é alcançada na ordem Mod<sub>necessity</sub> > Mod<sub>possibility</sub>,

seguindo uma ordem hierárquica. A agramaticalidade de (4b) poderia ser tomada como uma impossibilidade de ocorrência dos dois núcleos; entretanto, a agramaticalidade é gerada pela ordem dos núcleos, que não seguem a hierarquia.

- (4) a. Perché le cose andassero a posto, questo si dovrebbe poter verificare presto.  
 'Para que as coisas andem certo isso deve poder verificar em breve
- b. \*Questo si potrebbe dover verificare presto.  
 'Isso pode dever ser verificado em breve

(CINQUE, 1999, p.79)

A ordem estabelecida como universal – e atestada por muitos estudos posteriores – pôde ser estabelecida através do teste de precedência e transitividade, já abordado na seção anterior. Dessa forma, basta colocar dois advérbios em posições diferentes e verificar em qual delas há (a)gramaticalidade; a boa formação atesta a ordem ao passo que a má-formação a rejeita.

Para chegar à ordem “solitamente > mica > già > più” (CINQUE, 2009, p. 6), o autor usa do teste, com os dados em italiano (e comparando os possíveis correspondentes em francês) (pp. 4-5):

- (5) a. Alle due, Gianni non ha *solitamente mica* mangiato, ancora.  
 'At two, G. has usually not eaten yet.'
- b. \*Alle due, Gianni non ha *mica solitamente* mangiato, ancora.  
 'At two, G. has not usually eaten yet.'
- (6) a. Non hanno *mica già* chiamato, che io sappia.  
 'They have not already telephoned, that I know.'
- b. \*Non hanno *già mica* chiamato, che io sappia.  
 'They have already not telephoned, that I know.'
- (7) a. All'epoca non possedeva *già più* nulla.  
 'At the time (s)he did not possess already any longer anything.'
- b. \*All'epoca non possedeva *più già* nulla.  
 'At the time (s)he did not possess any longer already anything.'
- (8) a. Non hanno chiamato *mica più*, da allora.  
 'They haven't telephoned not any longer, since then.'
- b. \*Non hanno chiamato *più mica*, da allora.  
 'They haven't telephoned any longer not, since then.'

No exemplo (5), a gramaticalidade de (5a) evidencia que o advérbio *solitamente*

‘normalmente’ só pode aparecer precedendo *mica* (a negação pressuposicional), o que pode ser visto pela agramaticalidade de (5b). Na mesma linha, o exemplo (6a) mostra que *mica* deve preceder *già* ‘já’, a má-formação de (6b) mostra que o oposto não é possível. Já em (7a), a ordem atestada é aquela em que *già* precede *più* ‘mais’ (e não ao contrário – cf. 7b). Se *mica* precede *già* – como visto em (6a) – e *già* precede *più* (7a), espera-se que *mica*, portanto, preceda *più*, o que é atestado no exemplo (8a).

Uma vez determinada a ordem dos advérbios e projeções funcionais, a hierarquia passou a ser usada como instrumento diagnóstico em pesquisas de base cartográfica, por permitir ao pesquisador diagnosticar com mais precisão a história derivacional da sentença. Nesse sentido, as hierarquias funcionam como uma espécie de ‘*mapa*’ (TescariNeto, 2021), permitindo analisar com mais precisão o momento em que um constituinte entra na derivação, qual posição ele pode ocupar e, ainda, quais os movimentos podem ser feitos até seu lugar de “pouso”.

Um dos tópicos de pesquisa da abordagem cartográfica que toma a hierarquia como ferramenta metodológica de trabalho é a investigação do movimento/subida do verbo nas línguas. Desde Pollock (1989), os advérbios já têm sido utilizados como diagnósticos para verificar se o verbo deixa a zona do VP e sobe à camada flexional. Para indicar uma variação entre o inglês e o francês quanto à subida dos verbos, o autor recorreu aos advérbios de VP como *often/souvent*:

- (9) a. \*John kisses often Mary.  
       ‘J. beija frequentemente a M.’  
       b. Jean embrasse souvent Marie.  
       ‘J. beija frequentemente a M.’  
       c. John often kisses Mary.  
       ‘J. frequentemente beija a M.’  
       d. \*Jean souvent embrasse Marie.  
       ‘J. frequentemente beija a M.’

As sentenças em (9) são exemplares de como os advérbios podem ser tomados como diagnósticos para um estudo comparativo. Elas mostram um comportamento diferente entre as línguas; a agramaticalidade de (9a e 9d) em comparação com a gramaticalidade de (9b e 9c) revela que em francês, mas não em inglês, o verbo sobe por sobre o advérbio para a camada flexional.

Uma hierarquia como a proposta por Cinque (1999) permitiu que estudos desse tipo avançassem e proporcionassem um resultado mais fidedigno do movimento, uma vez que se trata de uma estrutura mais elaborada, rígida e válida – como tem sido mostrado – para todas as línguas, o que permite, inclusive, detectar variação intralinguística.

Tescari Neto (2013, 2019) e Tescari Neto e Forero Pataquiva (2020) – assim como tantos outros autores – tomam a hierarquia de Cinque (1999) para explicar a subida do verbo no português brasileiro e no espanhol colombiano, argumentando que os advérbios baixos (como *bem, calmamente, cuidadosamente*) são mais confiáveis para tal tarefa.

(10) V-O-A

a. \*João comeu o bolo provavelmente

b. \*Juan comió la torta probablemente (TESCARI NETO E FORERO PATAQUIVA, 2020, p. 500)

c. João come o bolo dentro em breve

d. Juan come la torta ahorita (TESCARI NETO E FORERO PATAQUIVA, 2020, p. 501)

As sentenças (10a) e (10b) mostram como agramatical a ordem V(erbo), O(bjeto) e A(dvérbio) tanto em PB quanto em espanhol colombiano; no entanto, essa ordem pode ser atestada se se toma como diagnósticos advérbios baixos, como pode ser visto nos exemplos (10c) e (10d). Usando, então, essa metodologia, os autores chegam à conclusão de que o PB e o espanhol colombiano têm comportamento similar quanto à subida do verbo finito transitivo, que deve subir obrigatoriamente e deixar a zona temática. O grande ganho, porém, de uma análise cartográfica e de uma estrutura fixa e ordenada é – como já argumentado – um resultado mais preciso das diferenças notáveis entre as línguas.

Em ambas as línguas o verbo se move, porém em PB o movimento é obrigatório somente até por sobre o advérbio completivo *completamente*, enquanto em espanhol colombiano o local de pouso obrigatório do verbo é até por sobre o advérbio inceptivo *de repente*.

Além de questões de movimento, as projeções funcionais auxiliam na detecção de quais traços estão em jogo em determinada sentença. Lima (2020), por exemplo, faz uma abordagem cartográfica nos estudos das exclamativas-wh, argumentando que, no decurso da derivação, elas valoram/cheçam os traços de *força, miratividade, avaliação, evidencialidade/referencialidade e indexicalidade*. Tomando o traço avaliativo *EvaluativeP*, por meio do teste de coocorrência com advérbios avaliativos, o autor verifica que tal traço faz parte de sentenças com sintagmas-wh exclamativos.

- (11) \*Felizmente, que bela é aquela mulher
- (12) \*Felizmente, quão bela é aquela mulher
- (13) \*Felizmente, como é bela aquela mulher!

Os exemplos evidenciam a agramaticalidade na coocorrência de um advérbio avaliativo juntamente com uma sentença-wh com esse mesmo traço, o que sugere que o elemento-wh valora o traço no especificador dessa posição. O trabalho de Lima (2020) é, portanto, um bom exemplo de uma abordagem cartográfica, no sentido estrito, uma vez que reúne o princípio do OFOH aos testes que citamos acima e a hierarquia funcional para mostrar tal característica das exclamativas-wh em PB.

A Cartografia Sintática, portanto, mostra-se como uma abordagem bastante robusta para os objetivos dessa pesquisa já que propicia uma metodologia e apoia-se em princípios que possibilitam uma análise mais consistente do estatuto das orações adverbiais centrais e sua possível correlação com os *prepositional phrases* (PPs), que seguem uma hierarquia, proposta por Schweikert (2005), a qual argumentamos também refletir o ordenamento das orações adverbiais na sequência funcional.

### 1.3 Os sintagmas preposicionais e as orações adverbiais na cartografia sintática

Várias pesquisas que contemplam tanto os sintagmas preposicionais (PPs) quanto as orações adverbiais, inclusive, se voltam a expedientes cartográficos para compreenderem características sintático-semânticas dessas categorias funcionais. Podemos citar dois importantes estudos de base cartográfica que são basais para a compreensão do estatuto e da história derivacional das orações adverbiais e dos PPs.

O próprio Schweikert (2005, p. 50), por exemplo, ao estabelecer uma hierarquia aos PPs – na mesma esteira de Cinque (1999) para os AdvPs e de Scott (2002) com os APs – e contrapor a ideia de que eles seriam livres e permitiriam múltiplas adjunções, percebe que na verdade cada PP deve figurar na estrutura em uma posição diferente, de acordo com sua categoria semântica. Dessa forma, não haveria uma única posição para essa categoria e, como consequência, seu posterior “empilhamento” através do processo de adjunção, que permitiria, em tese, a ocorrência de dois constituintes independentemente de serem do mesmo importe semântico ou não; a agramaticalidade de (14), no entanto, mostra que essa ocorrência não é possível.

(14) \* *Hans arbeitete* [für Herrn Mayer] [für Herrn Müller]<sup>3</sup>.

Hans worked for Mr. Mayer for Mr. Müller

‘Hans trabalhou para o Sr. Mayer para Sr. Müller’

(Schweikert, 2005, p.50)

(15) *Hans arbeitete* [für Herrn Mayer] **und** [für Herrn Müller]

Hans worked for Mr. Mayer **and** for Mr. Müller

‘Hans trabalhou para o Sr. Mayer e para Sr. Müller’

Como pode ser observado em (15), a coordenação destes PPs resolveria a agramaticalidade gerada (14). O expediente da coordenação também é considerado como uma ferramenta metodológica da Linguística Geral e também da abordagem cartográfica, sendo utilizado para testar se dois constituintes são do “mesmo tipo” (Sportiche et. al, 2014) ou se são “admissíveis” no mesmo local da estrutura e com a mesma função (Huddleston and Pullum 2006, p. 201). Dessa forma, a possibilidade de coordenação dos PPs em (15) evidencia que se trata de dois constituintes que ocupam a mesma posição na estrutura.

No capítulo 3, abordaremos com mais vagar o comportamento dos PPs e depois a comparação com as orações adverbiais para embasarmos nossa assunção de que ambos (pelo menos as *centrais* – na tipologia de Haegeman, 2012) são expressões da mesma projeção funcional e, portanto, que as orações adverbiais deveriam seguir a mesma hierarquia proposta para os sintagmas preposicionais.

Um outro estudo caro para essa pesquisa, e que será visto com mais detalhes no capítulo seguinte, é o de Haegeman (2012), no qual ela estabelece dois tipos diferentes de orações adverbiais – as *centrais* e *periféricas* (cf. cap. 2) – para explicar questões relacionadas ao *Main Clause Phenomena*<sup>4</sup>. Haegeman (2012) utiliza a metodologia cartográfica apresentada nessa seção – mais especificamente o expediente da *coordenação* –, por exemplo, para argumentar que há, pelo menos, dois tipos diferentes de orações adverbiais de acordo com o lugar de soldagem. Na sentença em (16), as duas orações são consideradas *centrais* e podem ser coordenadas, enquanto em (17), as duas orações são consideradas *periféricas*, e podem ser coordenadas; já em (18) é agramatical a ocorrência de uma estrutura coordenada com

<sup>3</sup> Ao longo dessa dissertação, para facilitar a leitura e a compreensão dos exemplos, adotaremos a seguinte formatação: as oração modificadas, isto é, as oração principais, serão formatadas em itálico, enquanto os constituintes modificadores (sejam sintagmas preposicionais ou orações adverbiais) estarão entre colchetes.

<sup>4</sup> Main Clause Phenomena (Fenômeno da Oração Principal), de acordo com Haegeman (2012), refere-se a um conjunto de “certos padrões sintáticos que são tipicamente restritos a orações principais e a um subconjunto relativamente bem definido de cláusulas incorporadas. Dentre alguns desses fenômenos, a autora destaca o *fronteamento de argumentos* (*argument fronting*); *inversão da negação* (*negative inversion*), *inversão ao redor de “ser”* (*inversion around be*) e *fronteamento do VP* (*VP fronting*).

duas orações adverbiais, sendo, respectivamente, uma *central* e outra *periférica*<sup>5</sup>.

(16) *The Phoenix project works with women* [while they are still with an abusive partner<sub>central</sub>], **and** [while they are seeking alternative accommodation during resettlement<sub>central</sub>].

‘O projeto Phoenix trabalha com mulheres [enquanto elas ainda estão com um parceiro abusivo] e [enquanto procuram acomodações alternativas durante o reassentamento].’

(17) *Both these groups will swing to the Conservatives* [if the Tories are smart enough<sub>periférica</sub>] **and** [if we have nothing much to offer them<sub>periférica</sub>].

‘Ambos os grupos se voltarão para os conservadores [se os conservadores forem espertos o suficiente] e [se não tivermos muito a oferecer a eles].’

(18)\* *The lawsuit challenging the legitimacy of lethal injection will certainly delay its use* [while the Supreme Court decides what to do<sub>central</sub>] **and** [while it probably won’t stop the use of lethal injection altogether<sub>periférica</sub>]

‘O processo que contesta a legitimidade da injeção letal certamente atrasará seu uso [enquanto a Suprema Corte decidir o que fazer] e [provavelmente não interromperá completamente o uso da injeção letal].’

Os trabalhos de Schweikert (2005) e Haegeman (2012) podem ser considerados cartográficos, no sentido estrito, uma vez que se baseiam na concepção de uma estrutura mais enriquecida com diversas posições funcionais distintas para abrigar as categorias gramaticais e, para isso, recorrem a expedientes metodológicos bastante utilizados em estudos de base epistemológica da Cartografia Sintática.

Nesse sentido, levando em conta todo o caminho traçado até aqui – que evidenciou e mostrou a importância da assunção de uma estrutura mais detalhada e que apresentou testes metodológicos que permitem tal assunção –, enxergamos a Cartografia Sintática como uma teoria bastante eficaz para nossa pesquisa, uma vez que assumiremos (i) que as orações adverbiais ocupam posições distintas na estrutura, e (ii) que essas orações seguem uma hierarquia sequencial.

### **Considerações finais do capítulo**

Nesse capítulo, apresentamos um panorama do percurso de expansão das camadas propostas por Chomsky (1986) para a estrutura da oração em diversas projeções funcionais a

---

<sup>5</sup> Esses dois tipos de orações, nomeadamente, centrais e periféricas, serão analisadas com mais minúcia no capítulo 2; o que importa, neste momento, é argumentar que por meio de um teste de base metodológica e de uma ideia de uma estrutura mais detalhada foi possível observar que as orações adverbiais ocupam, no mínimo, dois lugares distintos na estrutura sentencial.

fim de explicar e captar ocorrências observadas em diversas línguas naturais. Iniciamos a discussão apresentando o objetivo de *cartografia sintática*, que é desenhar mapas detalhados da derivação da sentença, e mostrando que, mesmo antes dessa abordagem nascer, trabalhos da década de 80 já propunham uma estrutura sentencial mais articulada.

Mostramos, resumidamente, as propostas de Larson (1988), Pollock (1989) e Belletti (1990), que podem ser consideradas cartográficas (num sentido mais “amplo” (Tescari Neto, 2021)). Essas três propostas já indicavam as vantagens em se assumir uma estrutura mais detalhada, uma vez que atestavam diversas ocorrências apresentadas em diferentes línguas naturais, além de servirem como diagnóstico para explicar variação paramétrica entre línguas.

Na sequência, apresentamos a metodologia da cartografia num sentido mais “estrito” que, além de assumir mais projeções funcionais, propunha a existência de hierarquias rígidas e fixas na GU, que garantiam um ordenamento de tais projeções. Por meio de uma breve análise à proposta de Scott (2002) para os adjetivos (APs), apresentamos duas ferramentas metodológicas da cartografia que permitem estabelecer esses ordenamentos, sendo elas o *‘teste de ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’* (Tescari Neto, 2021) e o teste de *precedência etransitividade*. Com esses dois testes, é possível detectar quais categorias estão em jogo na derivação, se dois elementos pertencem à mesma categoria ou se deve se assumir que sejam de categorias distintas, além de garantir a ordem em que elas aparecem.

Apresentamos, também, a *Hierarquia das Projeções Funcionais*, de Cinque (1999), um dos trabalhos seminais da abordagem cartográfica, e mostramos como uma estrutura mais detalhada, rígida e fixa pode permitir trabalhos como os de Tescari Neto (2013, 2019) e Tescari Neto e Forero Pataquiva (2020), que captam uma diferença translinguística quanto à subida do verbo.

Ao final, apresentamos dois importantes trabalhos que levam em conta bases da epistemologia da abordagem cartográfica para uma análise dos *sintagmas preposicionais* e das *orações adverbiais*, os dois tópicos basilares desta pesquisa. A proposta de Schweikert (2005) segue a mesma linha de Cinque (1999) e Scott (2002) e propõe uma hierarquia para os *prepositional phrases* (PPs), que teriam uma ordem de base ao entrar na derivação; já Haegeman (2012) capta uma diferença estrutural entre dois tipos de orações adverbiais, as quais ela denomina *central* e *periférica*.

Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo argumentar em favor da abordagem cartográfica e da assunção de uma estrutura articulada e hierarquicamente organizada, uma

vez que esta pesquisa terá como foco propor que as orações adverbiais entram na derivação seguindo uma hierarquia como ordem de base. Para atingir, então, esse objetivo, no próximo capítulo faremos uma revisão da literatura das orações adverbiais nas abordagens da Gramática Tradicional, em abordagens funcionalistas e em abordagens gerativistas (geral e de base cartográfica). No capítulo 3, apresentaremos os argumentos de que dispomos para assumir tal hierarquia para as orações adverbiais.

## **2 AS PROPRIEDADES DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS EM DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS**

### **Considerações iniciais do capítulo**

Neste capítulo, temos como objetivo analisar a literatura sobre orações adverbiais em diferentes abordagens teóricas, mais especificamente, a tradicional, a funcionalista e a cartográfica.

Começaremos pelas gramáticas tradicionais do português brasileiro, que fazem um interessante trabalho descritivo da língua e apontam para um paralelismo entre as orações adverbiais e advérbios e adjuntos adverbiais. Veremos que esse paralelismo apontado pelos gramáticos se dá tanto no nível sintático quanto no nível semântico; quanto ao nível sintático, assume-se que as orações adverbiais exercem a mesma função sintática que advérbios e adjuntos adverbiais, e, quanto ao nível semântico, que expressam as mesmas leituras circunstanciais. Além disso, faremos um levantamento de quais circunstâncias são consideradas pela tradição, bem como olharemos para o tratamento dado às preposições relativamente às circunstâncias veiculadas a fim de buscar similaridades.

Neste ponto, evidenciaremos a importância das gramáticas tradicionais, não somente pelo trabalho descritivo que fazem da língua, mas também devido à importância de muitas de suas observações e indagações que, ao longo dos anos de pesquisa linguística, mostraram-se relevantes e significativas. Como veremos no capítulo 3, por meio do ferramental teórico da Cartografia Sintática, buscaremos apontar mais evidências em favor dessa correlação entre orações adverbiais e advérbios, algo já observado pelos gramáticos, que utilizam de outras ferramentas teóricas para suas assunções. Nesse sentido, destacamos a importância de olhar para as gramáticas tradicionais com uma visão teórica a fim de empenhar uma análise crítica que compreenda a importância da teoria ali assumida e que novas assunções fazem parte apenas da evolução do pensamento gramatical.

Na sequência, analisaremos duas propostas de base funcionalista, sendo elas Castilho (2014) e Rodrigues (2017). Dentre as propriedades apontadas por esses autores, destaca-se a relação de adjunto e de circunstância apontada por Castilho (2014), que se assemelha a propriedades apontadas por gramáticos e gerativistas. A abordagem de Rodrigues, por outro lado, questiona a relação sintática entre oração adverbial e oração principal, dando ao discurso a tarefa de determinar o tipo de relação.

Trazer abordagens distintas – tradicionais, funcionalistas, cartográficas – para a

discussão é de extrema relevância para esta pesquisa, uma vez que entendemos que nosso trabalho pode contribuir somando propriedades para nosso tópico de pesquisa – orações adverbiais – com outras já apontadas por autores de diferentes abordagens teóricas.

O trabalho de Rodrigues (2017), por exemplo, faz uma importante análise sobre o lugar das orações na estrutura, chegando à conclusão de que mais de um lugar deva ser assumido (cf. 2.2), algo que será discutido aqui levando-se em conta outras ferramentas de análise. Ou seja, duas abordagens que podem a priori ser consideradas incompatíveis, podem chegar a conclusões similares.

Por fim, traremos para a argumentação a proposta de Haegeman (2012) que, sob uma base cartográfica, estabelece, conforme dito no capítulo anterior, dois tipos de orações adverbiais – *centrais* (CACs), como a oração entre colchetes em (19a), a seguir, e *periféricas* (PACs), como no exemplo em (19b) – também entre colchetes –, abaixo – sendo cada uma delas soldada em um lugar da estrutura sentencial. Mostraremos os testes aplicados pela autora, que definem que as orações adverbiais *centrais* são soldadas em algum lugar dentro do TP. Ainda sob um ponto de vista da cartografia sintática, mostraremos os trabalhos de Endo & Haegeman (2019) e Frey (2020), que questionam essa divisão binária feita por Haegeman (2012).

(19) a. [If your back-supporting muscles tire], *you will be at increased risk of lower- back pain.*

‘Se os músculos de apoio das costas se cansarem, você terá um risco maior de dor na região lombar.’

b. We are seeing a fall in the incidence of crime, particularly serious crime, and I think we’re right to say “What’s going on? [If crime is falling], *why are we seeing a continuing rise in the prison population?*”

‘Estamos vendo uma queda na incidência de crimes, particularmente crimes graves, e acho que estamos certos em dizer “O que está acontecendo? Se a criminalidade está caindo, por que estamos vendo um aumento contínuo da população carcerária?”’

(Haegeman, 2012, p. 161)

Conforme mencionado no capítulo anterior, a oração entre colchetes em (19a) é uma CAC uma vez que introduz a condição necessária para a realização do evento expresso na oração principal. Em (19b), em contrapartida, a oração adverbial entre colchetes não se trata de uma condição necessária para o evento da oração matriz à qual se relaciona; segundo Haegeman (2012), trata-se de um pano de fundo contextual contrário à proposição expressa na oração matriz.

Em Endo & Haegeman (2019), com dados do japonês, os autores não assumirão apenas

dois lugares de soldagem ‘merge’ na estrutura para as orações adverbiais – TP para as CACs e CP para as PACs –, mas sim lugares diferentes de acordo com a relação com a estrutura interna de cada uma, apontando a possibilidade de uma gradiência que determinaria a soldagem (cf. 2.3). Já o trabalho de Frey (2020) adiciona mais um tipo de oração adverbial às duas já apontadas por Haegeman (2012); trata-se das *orações dependentes não-integradas* (NonICs), de que (20) é um exemplo, que estariam ligadas ao evento do ato de fala.

(20) ‘[If you don’t mind my saying so], *your claims are not very original.*’

‘Se você não se importa que eu diga, suas alegações não são muito originais.’

(Haegeman, 2020)

A sentença condicional em (20) não estaria ligada ao evento da oração matriz, nem seria responsável por apresentar um contexto para a proposição desse evento. O que essa oração estaria fazendo, de fato, é uma modificação condicional ao ato de fala, ou seja, o falante apresenta uma condição sobre sua própria atitude, a de enunciar o que será dito na sequência. Esse tipo de oração difere das CACs e PACs em alguns aspectos estruturais.<sup>6</sup>

Ao final do capítulo, pretende-se reunir diversas propriedades das orações adverbiais que servirão de base para nossa argumentação que será tecida no capítulo 3, em que proporemos, de maneira inédita, que as orações adverbiais *centrais* são realizações da mesma projeção funcional onde entram os PPs circunstanciais (Cinque, 2006, 2010; Schweikert, 2005).

Neste capítulo, nosso percurso será o seguinte: na seção 2.1, analisaremos as propriedades sintáticas e semânticas das orações adverbiais de gramáticas tradicionais do português brasileiro, procurando destacar as particularidades de cada oração de acordo com sua classificação semântica; na seção 2.2, observaremos as análises feitas por dois autores da abordagem funcionalista (Castilho, 2014; Rodrigues, 2017), buscando captar as propriedades sintáticas observadas por eles no âmbito da teoria assumida; na sequência, na seção 2.3, nos debruçaremos sobre estudos cartográficos (Haegeman, 2012; Endo & Haegeman, 2019; Frey, 2020) a fim de compreender a divisão da classe das orações adverbiais de acordo com seu local de soldagem, seja levando em conta aspectos da sintaxe interna, da externa ou até da relação entre ambas; ao final do capítulo, tecemos algumas considerações finais acerca do caminho percorrido, além de agrupar as propriedades observadas em cada teoria, o que será importante para o capítulo 3.

<sup>6</sup> Para uma discussão mais detalhada das diferenças estruturais entre PACs, CACs e NonICs ver Frey(2020).

## 2.1 Gramática Tradicional

A Gramática Tradicional (GT), seja pelo viés da descrição ou da prescrição, trata as orações adverbiais como estruturas oracionais de valor semântico e sintático similares à classe dos advérbios (Bechara, 2006, Kury, 2006, Cunha e Cintra, 2008, Rocha Lima, 2011). Autores de manuais de gramática exploram as relações circunstanciais que esse tipo de oração estabelece com uma oração matriz por meio de conjunções que, segundo esses materiais, têm um valor semântico próprio, valor esse que é determinante para a classificação do subtipo circunstancial da oração. Compreender e analisar tais definições é importante para entender até que ponto esses materiais iluminam teorias linguísticas, uma vez que muitos gramáticos, ao fazerem “análise linguística” (a seu modo, claro), já faziam descrições, em vários campos, que vieram inclusive a iluminar a descrição por diferentes teorias linguísticas.

Bechara (2006) aborda as orações adverbiais sob um viés descritivo – com alguns momentos de prescrição (ainda que poucos) – e mostra várias questões sintáticas que permeiam a formação de um período composto por uma oração de valor adverbial. A primeira questão de natureza sintática abordada pelo gramático diz respeito ao que considera serem os dois tipos de orações adverbiais: (i) o primeiro deles seria composto pelas orações *adverbiais propriamente ditas*, que exercem função própria dos advérbios (p. 471) – nesse grupo, estariam as orações adverbiais *causais, conformativas, concessivas, condicionais, finais, locativas, proporcionais, modais e temporais* – com destaque ao estatuto de adjunto desse tipo de oração; (ii) o segundo tipo seria formado pelas orações *comparativas e consecutivas*, que guardariam uma certa analogia com as orações adjetivas, uma vez que dependem de um antecedente (p. 471). (vide apêndices para uma exemplificação desses subtipos de orações adverbiais).

**Figura 8: Quadro 1 – Particularidades nos transpositores adverbiais (Adaptado a partir de Bechara, 2006, pp. 471-472)**

Definição	Transpositores	Exemplos
Preposições mais orações transpostas mediante <i>que</i> .	<i>Sem que, para que, desde que, porque (=por+que)</i>	Os convidados saíram <i>sem que fossem notados</i> .
Advérbios relativos sem referência a antecedente.	<i>Onde, como, quando, quanto.</i>	<i>Onde me espetam fico.</i>
Advérbios ou unidades de valor adverbial próximos aos advérbios relativos.	<i>Se (hipotético), conforme, apenas, caso, enquanto.</i>	Seus sonhos se realizaram <i>conforme ele planejara</i> .

Pronomes relativos sem antecedente ou precedidos de artigo.	<i>com quem, em que etc.</i>	Ela só saia <i>com quem lhe merecia confiança</i> .
Oração transposta de <i>que</i> como determinante dos advérbios.	<i>Ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que etc.</i>	<i>Logo que tudo fique resolvido</i> , o vizinho se mudará.
Palavras ou grupos de palavras que passam a ter estatuto de preposição quando introduzidas por <i>que</i> .	<i>Em virtude de, em cima da, graças a, abaixo de, dentro de.</i>	<i>Em virtude de que era o mais saudável</i> , dispôs-se a trabalhar pelo grupo.
Particípios fixos no masculino singular unidos a orações transpostas mediante <i>que</i> .	<i>Dado que, visto que, posto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que.</i>	Os turistas desistiram da visita <i>dado que chovia torrencialmente</i> .

Essa tipologia de Bechara (2006) é interessante para uma análise das orações adverbiais uma vez que mostra que as *conjunções* que as encabeçam são formadas por diversas estruturas, permitindo assim uma visão mais ampla da estrutura sintática desse tipo de construção.

A abordagem de Cunha & Cintra (2008), na *Nova gramática do português contemporâneo*, não permite análises mais detalhadas sobre a estrutura das orações adverbiais, uma vez que os autores se limitam a apresentar a oração adverbial como “adjunto adverbial de outras orações[...]introduzidas por uma das conjunções subordinativas” (p. 618). Os autores também destacam o fato de essas orações serem classificadas de acordo com o valor semântico da conjunção (ou locução conjuntiva) que as encabeçam.

Cunha & Cintra classificam as orações adverbiais em *causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas e consecutivas*, observando que, embora as orações *comparativas* e *consecutivas* introduzam orações adverbiais, elas vêm correlacionadas com um termo de outra oração. (p. 600). As orações *conformativas* e *proporcionais* são apresentadas pelos autores como sendo uma classificação da Nomenclatura Geral Brasileira (NGB), mas não há uma discussão acerca do estatuto dessas orações que não seriam adverbiais por excelência. A abordagem feita pelos autores é mais concisa, limitando-se a apresentar as conjunções e exemplos de orações adverbiais classificadas de acordo com cada grupo de conjunções, sem, no entanto, discutir questões sintáticas relativas a essa estrutura oracional.

De igual concisão no tratamento das orações adverbiais é a abordagem da *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (2011). O autor define-as como “equivalentes a um *advérbio*, [e que] figuram como adjunto adverbial da oração a que se

subordinam.” (p. 341) É também afirmado que são introduzidas por conjunções subordinativas, as quais seriam responsáveis pela classificação circunstancial das orações.

Rocha Lima apresenta as orações tendo em vista suas classificações – *causais, concessivas, condicionais, conformativas, comparativas, consecutivas, finais, modais, proporcionais, temporais* –, mostrando questões sintáticas, como a posição a que cada oração pode se mover a depender do conectivo que a introduz, e apontando as implicações semânticas de cada posição e quais posições seriam as mais “preferidas”, como pode-se ver no excerto a seguir

As demais (*desde que, já que, uma vez que, visto como e visto que*) colocam-se facultativamente antes ou depois da principal, mas a anteposição, ao que parece, lhes comunica certa coloração enfática — o que decerto há de ter concorrido para tornar-se esta a posição geralmente preferida. (Rocha Lima, 2011, p. 342)

A ênfase nessa obra é descrever as possibilidades de construção das orações adverbiais de acordo com a circunstância desejada, mostrando os recursos possíveis – sejam eles as conjunções e/ou locuções conjuntivas, sejam as orações reduzidas formadas por meio da nominalização dos verbos.

Já Kury (2006) inicia sua abordagem às orações adverbiais ressaltando o caráter de subordinação que elas exercem, por serem dependentes de um termo e exercerem uma função sintática em relação à outra sentença: a matriz. O autor ainda, antes de apresentar as orações adverbiais especificamente, afirma que as orações subordinadas, em geral, são “termos da frase desenvolvidos em oração” (p. 71). A oração adverbial, então, exerceria a função de adjunto ou complemento adverbial.

Na sequência, Kury (2006, p. 86) divide as orações adverbiais em dois tipos, de acordo com a maneira como (morfossintaticamente) se apresentam, podendo ser *desenvolvidas* ou *reduzidas*; de acordo com o autor, se desenvolvidas, podem, ainda, ser classificadas como *conexas*, quando introduzidas por conjunções (ou locuções conjuntivas), ou *justapostas*, quando não há o elemento conectivo<sup>7</sup> entre elas; já as *reduzidas*, são aquelas também abordadas pelos outros autores em que o verbo da oração adverbial é nominalizado no *particípio, gerúndio* ou *infinitivo*.

Em sua análise, então, o autor passa a apresentar esses tipos de oração adverbial acima citados em todas as circunstâncias que contempla – *causais, comparativas, concessivas,*

<sup>7</sup> Dentre as justapostas, Kury (2006) diz que podem ser *puramente justapostas*, como em “[Há quanto tempo] não o vejo.” ou ainda *introduzidas por um advérbio*, como em “[Onde me espetam], fico.” (p. 86)

*condicionais, conformativas, consecutivas, finais, locativas, modais, proporcionais e temporais* –, bem como as conjunções ou locuções conjuntivas que as introduzem.

O quadro sinótico abaixo resume as definições encontradas nas gramáticas analisadas, bem como as classificações estabelecidas pelos autores desses materiais.

**Figura 9: Quadro 2 – Orações adverbiais nas gramáticas tradicionais: definição e subtipos(Fonte: elaboração própria)**

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>	<b>Classificação</b>
Bechara (2006)	“orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio” (p. 471)	<i>causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, locativas, modais, comparativas, consecutivas, conformativas, proporcionais</i>
Rocha Lima (2011)	“equivalentes a um <i>advérbio</i> , figuram como adjunto adverbial da oração a que se subordinam” (p. 341)	<i>causais, concessivas, condicionais, conformativas, comparativas, consecutivas, finais, modais, proporcionais, temporais</i>
Cunha e Cintra (2008)	“Funcionam como adjunto adverbial de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das conjunções subordinativas” (p. 618)	<i>causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas, consecutivas, comparativas e consecutivas</i>
Kury (2006)	“funcionam sempre como adjunto ou complemento adverbial da oração principal de que dependem” (pp. 85-86)	<i>causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, locativas, modais, proporcionais e temporais</i>

Os subtipos (semânticos) de orações adverbiais tais como reconhecidos pela tradição gramatical e mencionados no quadro sinótico acima serão exemplificados – com ocorrências citadas pelos próprios gramáticos – no *Apêndice* (1) –, ao final desta dissertação. O trabalho “tipológico” de reconhecimento de cerca de 11 classes de orações adverbiais, pelos gramáticos, é de relevância ímpar à Linguística Teórica, sobretudo para abordagens cartográficas. Tal trabalho encerra o que Tescari Neto, Lima e Bergamini- Perez (2022) chamam de *typological screening* ‘triagem tipológica’, importantíssima etapa à *démarche*

cartográfica de desenho de mapas estruturais, por consistir no reconhecimento das categorias que constituiriam uma dada sequência funcional. Desnecessário dizer que tal importante empresa, pelos gramáticos, é ponto de partida para a hipótese central deste estudo: os diferentes tipos (semânticos) de orações adverbiais ocupariam diferentes posições da hierarquia sentencial.

O que é consenso entre os quatro autores analisados é, portanto, o fato de que as orações adverbiais seriam equivalentes a advérbios que desempenham a função sintática de adjuntos adverbiais da oração a qual se relacionam. Para além das próprias gramáticas fornecerem evidências para assumirmos essa relação direta, podemos tomar também, para pautar nossa argumentação, Cinque (1999). O autor, no mesmo livro em que estabelece a Hierarquia das Projeções Funcionais (cf. capítulo 1), diferencia o que ele chama de *advérbios propriamente ditos* (p. 28) dos *advérbios circunstanciais*. Esses advérbios, segundo o autor, seriam responsáveis pelas leituras de *tempo, modo, meio, razão, propósito* entre outras.

Dentre as várias diferenças citadas entre os dois tipos de advérbios, nos interessa, nesse capítulo, a que diz respeito à forma como os advérbios circunstanciais são realizados. Cinque (1999) afirma que esses advérbios são realizados tipicamente por formas preposicionais, como *for, in* ou *with* (p. 28), em inglês, que parece corresponder, numa tradução nossa, a *por, em* e *com*, respectivamente. A partir disso, temos um ponto em comum entre o que se propunham os gramáticos e o que é tratado pela cartografia – pelo menos se tomarmos Cinque (1999) como referencial dessa abordagem –: ambos evidenciam que constituintes formados por sintagmas preposicionais podem expressar as mesmas circunstâncias que as orações adverbiais.

Bechara (2006, p. 297), por exemplo, ao tratar das *preposições*, afirma que um *grupo unitário* formado por preposição mais substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio, como a expressão *de noite* pode exercer o papel de *adjunto adverbial*. Nesse primeiro momento, o autor atribui a leitura temporal exclusivamente ao núcleo do grupo, o substantivo *noite*, que veicula uma leitura semântica temporal.<sup>8</sup>

O autor, então, apresenta o tópico denominado *Preposição e significado*, no qual ele afirma que as preposições têm um significado, uma vez que, segundo ele, “tudo na língua é semântico” (p. 297). Ele diz que “cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de

---

<sup>8</sup> Em uma abordagem gerativista, a preposição seria núcleo da projeção enquanto o substantivo exerceria o papel de argumento interno (se se levar em conta Teoria X-Barra, de Chomsky (1986)).

mundo” (p. 298)

A partir daí, o autor passa a explorar os sentidos que podem emergir com o emprego das preposições. O primeiro ponto a ser levantado pelo autor são algumas unidades que, segundo ele, podem ser convertidas em preposições, como alguns adjetivos como *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, que figuram como *conjunções* que introduzem orações adverbiais. Nesse mesmo trecho, constata-se ainda a relação intrínseca entre preposição e orações adverbiais quando se afirma que a combinação de preposições com substantivos pode “criar” advérbios ou locuções adverbiais. (p. 299)

Ao apresentar o *emprego da preposição*, é reservado um espaço para as possíveis leituras circunstanciais que podem emergir dos grupos unitários formados pela preposição mais os outros termos. Dentre as circunstâncias mostradas pelo autor ao longo de todo o capítulo voltado às preposições, podemos citar *condição*, *concessão*, *modo*, *lugar*, *conformidade*, *causa*, *comparação*, *tempo* e *fim*; essas mesmas circunstâncias são as trazidas pelo autor como sendo estabelecidas por uma oração adverbial em um período composto por subordinação.

O que fica evidente, portanto, é que, pelo menos em português, as preposições constituem uma classe de palavras que exerce uma função fundamental na formação de orações adverbiais. Essa conclusão pode ser endossada se analisarmos as outras gramáticas que citamos acima.

Cunha & Cintra (2008) também consideram como *preposições acidentais* as palavras *conforme*, *consoante*, *salvo*, *segundo*, *visto*, etc (p. 570), vocábulos considerados pelos autores como conjunções subordinativas adverbiais. Quanto à leitura semântica das preposições, é feita uma abordagem diferente de Bechara (2006). Nesse material, os autores separam as preposições em dois grandes grupos: aquelas responsáveis por exprimirem uma noção de *movimento* e aquelas que não exprimem, classificadas pelos autores como *situação*.

Dessa forma, ao apresentarem as preposições e sentenças que exemplificam seu uso, essas duas leituras são destacadas em todas elas. Porém, outras leituras semânticas são também apontadas. As noções de *tempo*, *causa*, *modo*, *finalidade* e *concessão* são apresentadas como sendo resultado da presença da preposição na sentença (tais “noções” estão exemplificadas no *Apêndice 1*).

Rocha Lima (2011) destaca como papel da preposição o de subordinar um elemento da frase a outro (p. 432). E, assim como os outros gramáticos já citados, considera como preposições *consoante*, *segundo* e *visto*, que também aparecem como conjunções de orações

adverbiais nessa gramática. Ao abordar o que chama de “valores” das preposições, o que na verdade seria sua leitura semântica, dentre vários, são citados *tempo*, *finalidade*, *modo*, *conformidade*, *causa*, *condição*, *concessão* e *consequência* (vide o Apêndice ao final da dissertação).

Já Kury (2006), por se tratar de um material que analisa questões sintáticas, não realiza uma abordagem específica das preposições. No entanto, ao tratar dos *adjuntos adverbiais*, é possível captar diretamente a relação entre as preposições e a leitura circunstancial que elas expressam, uma vez que os exemplos de adjuntos citados pelo autor são formados por uma preposição mais um substantivo. Dentre as circunstâncias apontadas, citam-se *causa*, *comparação*, *concessão*, *condição*, *conformidade*, *finalidade*, *modo* e *tempo*, circunstâncias essas exemplificadas, como já dito, no ‘Apêndice’.

Vale ressaltar que os outros autores (Bechara, 2006, Cunha & Cintra, 2006 e Rocha Lima 2011) também apresentam os adjuntos adverbiais com as mesmas leituras e com a mesma formação – preposição + substantivo. Como afirmado por Bechara (2006), em alguns casos a leitura circunstancial se dá pelo substantivo que compõe esse *grupo unitário*, porém, em outros casos, a preposição é claramente a responsável por tal leitura. Vejam-se os exemplos:

- (21) a. Vive **para** os estudos.  
 b. Tomou a decisão **segundo** os estudos.

Se compararmos os exemplos (21a) e (21b), podemos perceber que os dois conectores em negrito – que os gramáticos consideram preposições – tomam como complemento o mesmo substantivo (DP). As leituras, no entanto, são distintas, sendo a primeira de *finalidade* e a segunda de *conformidade*. É claro, portanto, que são as preposições as responsáveis por tais leituras, uma vez que o substantivo selecionado, em ambos os exemplos, não há duas leituras distintas.

Dessa forma, o que pretendemos com essa análise nas gramáticas tradicionais brasileiras é mostrar que a tradição já apontava a semelhança quanto à função sintática entre as orações adverbiais, os advérbios e as locuções adverbiais, que, na gramática gerativa, vide o apontado por Cinque (1999), tratam-se de sintagmas preposicionais – nomenclatura que será adotada a partir de agora; a gramática tradicional também evidencia o caráter circunstancial das preposições, mostrando, portanto, que essas estruturas guardam similaridades com as orações adverbiais – o que vai ser argumentado, por meio de testes, no

capítulo 3 dessa dissertação. O quadro abaixo ilustra a semelhança no nível semântico entre as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais – característica que será retomada no capítulo 3, quando fizermos uma análise comparativa entre as orações adverbiais e a hierarquia dos PPs de Schweikert (2005), que estabelece o ordenamento desses sintagmas de acordo com seu tipo semântico; argumentaremos que as orações adverbiais podem entrar na derivação na mesma projeção, uma vez que estabelecem as mesmas circunstâncias.

**Figura 10: Quadro 3 – Da similitude semântica entre diferentes tipos de orações adverbiais e preposições (Fonte: elaboração própria)**

Orações Adverbiais	Leitura semântica das preposições
Bechara (2006), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2008), Kury (2006)	Bechara (2006), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2008), Kury (2006)
a. Condicionais	a. Condição
b. Concessivas	b. Concessão
c. Modais	c. Modo
d. Locativas	d. Lugar
e. Conformativas	e. Conformidade
f. Causais	f. Causa
g. Comparativas	g. Comparação
h. Temporais	h. Tempo
i. Finais	i. Fim/Finalidade
j. Consecutivas	j. Consequência

A abordagem funcionalista, que veremos com mais detalhes na próxima seção, também aponta para o fato de que orações adverbiais têm função sintática semelhante aos advérbios e adjuntos adverbiais/sintagmas preposicionais; no entanto, para além desses tópicos, há questionamentos sobre o grau de encaixamento das orações subordinadas adverbiais na estrutura, em comparação com estruturas coordenadas. Uma vez que nossa pesquisa tem como objetivo propor um lugar de soldagem para essas orações, é importante compreender como o funcionalismo trata esse assunto.

## 2.2 As orações adverbiais numa perspectiva funcionalista

Castilho (2014) faz uma abordagem das orações adverbiais que leva em conta tanto aspectos sintáticos quanto pragmáticos. Ao introduzir o tema em questão, o autor aponta para a necessidade do uso das orações adverbiais em determinados contextos, uma vez que eliminá-las da situação discursiva faria o falante tornar-se “telegráfico, econômico”, isto é, produziria, na situação discursiva, sentenças com poucas informações, o que prejudicaria a

comunicação (p. 371) – vejamos os exemplos:

(22) *Ficarei*.

(23) *Ficarei* [porque a Maria vem].

(24) *Ficarei* [quando a Maria vier].

Para o autor, apesar de o exemplo (22) ser gramatical, não cai bem em uma situação discursiva tamanha economia, sendo necessário, de acordo com ele, o acréscimo de informações adicionais – a *causa* do evento proposto na oração matriz em (23) ou o *tempo* em que o evento ocorrerá em (24). Dessa forma, a primeira propriedade das orações adverbiais apontadas por ele é sua função de fornecer informações adicionais ao discurso.

Quanto aos aspectos sintáticos apontados pelo autor, vale destacar a relação entre a oração adverbial e a oração matriz, que ele assume tratar-se de “adjunção ao verbo da sentença matriz, predicando ou verificando esse escopo” (p. 372). Castilho (2014) também pontua a dificuldade em categorizar sintaticamente essas orações, uma vez que, segundo ele, elas têm propriedades sintáticas heterogêneas. Para argumentar em favor dessa afirmação, o autor propõe testes de *focalização*, uma vez que, de acordo com ele, se se trata de fato de constituintes em relação de adjunção, deveriam aceitar a focalização, como o uso de *somente* e *é que* nas orações adverbiais, como ilustram os exemplos abaixo:

(25) *Ficarei somente* porque Maria vem. *Ficarei é* porque Maria vem.

(26) *Somente* se Maria vier eu fico. *É se* Maria vier que eu fico.

(27) \**Ficarei somente* [embora Maria venha]. \**Ficarei é* embora que Maria venha.

(28) \**Ficarei somente* mais tempo do que Maria pensa. *Ficarei é* mais tempo do que Maria pensa.

(29) \**Ficarei somente* tanto tempo que Maria se chateará. \**Ficarei é* tanto tempo que Maria se chateará.

(30) \*Maria falou alto *somente* como costumava fazer. \*Maria falou alto *é* como costumava fazer.

(Castilho, 2014, p. 372)

Conforme a análise do autor, as *concessivas* (27), as *comparativas* (28), as *consecutivas* (29) e as *conformativas* (30) não permitem serem focalizadas, sendo “reprovadas no teste” (2014, p. 372). No caso das concessivas, o autor ainda as considera subordinadas adverbiais, uma vez que elas selecionam o subjuntivo, que seria o modo verbal característico da subordinação; quanto às comparativas e consecutivas, o autor as classifica como correlatas, uma vez que possuem conectores tanto na primeira quanto na segunda oração (ex. *mais que*, *tanto que*).

Essa abordagem de Castilho (2014) quanto aos aspectos sintáticos das orações adverbiais é importante para nossa argumentação no tocante ao fato de que também assumimos que as orações adverbiais são adjuntos da oração matriz – mas não se soldam a elas em uma relação de adjunção (cf. Cap. 3), além de, no espírito de Haegeman (2012), reconhecermos a focalização como um teste fundamental para definir de que forma as orações adverbiais estão integradas à estrutura (cf. discussão mais detalhada no cap. 3, seção 3.4).

Para além dessas questões, há dois aspectos da abordagem funcionalista – também apontados em Castilho (2014) – que abordaremos nessa seção: o primeiro diz respeito a uma discussão acerca do nível de encaixamento entre as orações que compõem o período composto – oração matriz e subordinada adverbial –; o segundo é a perspectiva do funcionalismo sobre o papel das conjunções subordinativas na construção desse tipo de período. Para isso, vamos nos pautar em Rodrigues (2017), que organizou um livro que discute diversos aspectos relacionados às orações adverbiais sob o ponto de vista funcionalista, revisitando diversos autores dessa vertente teórica.

A tradição gramatical, normalmente, divide a formação do período composto em dois processos distintos, nomeadamente *coordenação* e *subordinação*. A coordenação consistiria na sucessão de duas orações gramaticalmente independentes (Rocha Lima, 2011, p. 321). Essa independência, como ressalta Bechara (2006, p. 476), se dá no nível sintático, uma vez que, em um período composto por coordenação como *Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura*, a oração “*e aumenta sua cultura*” é uma consequência do que está expresso na primeira. Segundo o autor, essa interpretação consecutiva se pauta no nosso conhecimento de mundo e não pode ser captado pela estrutura sintática do período.

O processo de coordenação, ainda, pode se dividir em dois tipos: de forma *sindética*, quando há a presença de um conectivo, ou *assindética*, quando as orações são justapostas sem a presença de um elemento que as conecte.

O outro processo comumente abordado pelas gramáticas tradicionais e materiais didáticos é a *subordinação*. Rocha Lima (2011) define a relação de subordinação – na articulação de orações – como a que se manifesta num “período” em que “há uma oração principal, que traz presa a si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.” (p. 323). O papel que cada uma dessas orações desempenha são os mesmos desempenhados sintaticamente pelos *substantivos* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, complemento nominal, aposto, e, às vezes, predicativo), *adjetivos* (adjunto adnominal e predicativo) e

*advérbios* (adjunto adverbial) (Rocha Lima, 2011, p. 324)

Dias e Rodrigues (2017) trazem para a discussão outros processos, que teriam sido identificados pelos vários estudos funcionalistas, e que explicariam de forma mais detalhada as diferentes formas de composição do período composto. Apoiadas em Halliday (1985) e Hopper & Traugott (1993), as autoras depreendem que há, na verdade, três formas de combinação de cláusulas, a *parataxe*, em que estariam incluídas a coordenação e a justaposição, a *hipotaxe*, que consistiria nas orações adjetivas restritivas e as adverbiais, e a *subordinação*, em que estão incluídas as subordinadas substantivas.

As três formas dizem respeito ao nível de integração da oração na estrutura de uma outra oração, a principal:

Nessa perspectiva, parataxe implicaria independência relativa, ou seja, o vínculo entre as cláusulas dependeria apenas do sentido e da relevância da relação entre elas; já a hipotaxe implicaria dependência entre um núcleo e margem(ns), mas não encaixamento da margem em um constituinte do núcleo. Por sua vez, a subordinação implicaria dependência completa entre núcleo e margem(ns) e, portanto, encaixamento de toda a margem em um constituinte do núcleo. (Rodrigues, 2017, p. 26)

Por essa citação, fica evidente que, na perspectiva funcionalista, as orações adverbiais não estabeleceriam, de fato, uma relação de subordinação propriamente dita relativamente às orações principais à qual se relacionam, uma vez que não há uma integração sintática nesse elo. Como cláusula hipotática, têm a função de modificar ou expandir uma informação contida em outra oração, estabelecendo, portanto, uma relação circunstancial. (Dias e Rodrigues, 2017, p. 26).

Rodrigues (2017) argumenta em favor da ideia da existência de um *continuum* quanto ao grau de encaixamento entre as orações:

Desse modo, pode-se propor um continuum em ordem decrescente do maior para um menor grau de encaixamento até se chegar à combinação de cláusulas – para as estruturas tradicionalmente denominadas subordinadas e coordenadas com base nos pressupostos funcionalistas aqui revisitados. (Rodrigues, 2017, p. 78)

A ideia da autora é questionar a classificação tradicional e a dicotomia '*coordenação x subordinação*'. Dessa forma, a noção de *continuum* e a tripartição *coordenação x subordinação x hipotaxe circunstancial* seria mais coerente, na visão da autora, ao explicar o grau de encaixamento das orações no período composto e explicar a relação das orações

adverbiais com a oração matriz, que não seriam nem de encaixamento total – funcionando como complemento de um termo da oração principal – nem de uma justaposição de orações – o que seria o caso das coordenadas –, mas sim uma “combinação de realce” (2017, p. 81).

A análise funcionalista, no entanto, questiona a classificação tradicional levando em conta o discurso. Ao tecer esta crítica, Rodrigues (2017) argumenta que o nível do discurso deve ser tomado como nível fundamental, pois, segundo ela, nesse nível, várias leituras podem emergir a partir de uma dada sentença. Para ilustrar, a autora toma uma sentença adjetiva explicativa (31), que pode ser compreendida, ao ser parafraseada, como uma sentença adverbial concessiva (32).

(31) *Nosso time*, [que sofreu apenas uma derrota], não ganhou o campeonato.

(32) *Nosso time*, [mesmo sofrendo apenas uma derrota], *não ganhou o campeonato*.

(Rodrigues, 2017, p. 80)

A abordagem funcionalista, portanto, assume a adjunção à oração matriz, tal qual os gramáticos e os gerativistas; no entanto, não define o exato lugar de soldagem em que elas entrariam, até mesmo por essa questão não fazer parte dos objetivos do programa. Ao deixar para o discurso levar em conta as possíveis interpretações que podem surgir a partir de determinadas construções – como o caso do exemplo em (31), que poderia ser similarmente compreendido como o exemplo em (32), ou até de outras maneiras – de acordo com o entendimento de cada pessoa, a abordagem desloca seu foco da forma à função, como esperado, não oferecendo uma explicação sintática *stricto sensu* do comportamento das orações adverbiais.

Nesse sentido, a sintaxe mostra-se como uma ferramenta útil para complementar tal análise, principalmente a abordagem cartográfica que, como visto no capítulo 1, fornece uma estrutura enriquecida e detalhada da sentença, permitindo que busquemos por um lugar exato de soldagem das orações adverbiais, que dê conta tanto dos aspectos sintáticos quanto semânticos, já observados por gramáticos e funcionalistas – o que será discutido no capítulo 3.

Cinque (1999) argumenta em favor da “ideia de que todas as línguas têm toda a gama de projeções funcionais disponíveis” (p. 132, tradução nossa). E, como já mostrado no capítulo 1, por meio de testes, o autor mostra que essas projeções são fixas e ordenadas. Se assumirmos, portanto, o que é proposto por Cinque, podemos tratar as orações adverbiais como sendo formas morfossintáticas de realizações das categorias semanticamente relacionadas na hierarquia universal de Cinque – como será a ideia proposta e avançada, com

mais argumentos, no próximo capítulo. Na perspectiva aqui adotada de não ignorar o que foi produzido pela reflexão gramatical, as evidências empíricas reunidas no capítulo 3 vão ao encontro do apontamento que os gramáticos já faziam a respeito do paralelismo entre as orações adverbiais, advérbios e as “locuções prepositivas” (sintagmas preposicionais) relativamente às funções sintáticas expressas por essas três formas de manifestação.

A abordagem de Haegeman (2012), por exemplo, toma os princípios e a estrutura sentencial propostos pela cartografia sintática para analisar o comportamento das orações adverbiais, olhando para as camadas da estrutura – VP, TP, CP – a fim de explicar diferenças semânticas que podem haver nas orações adverbiais, propondo que, para além das circunstâncias que podem expressar – *tempo, modo, lugar, causa etc* –, há uma outra tipologia que pode ser adotada de acordo com o lugar de adjunção das orações.

Na próxima seção, vamos detalhar a abordagem de Haegeman (2012), que fornece uma argumentação consistente sobre o comportamento das orações adverbiais, baseada em uma diferença estrutural, mesmo em orações com o mesmo conectivo. A autora propõe que há orações adverbiais que são adjungidas internamente ao VP e que modificariam o evento – as quais ela denomina *centrais* – e orações adjungidas externamente ao VP, provavelmente ao CP – denominadas *periféricas*. Essa abordagem é importante e fundamental para nossa hipótese, pois oferece subsídios consistentes e precisos para um detalhamento da história derivacional das orações adverbiais.

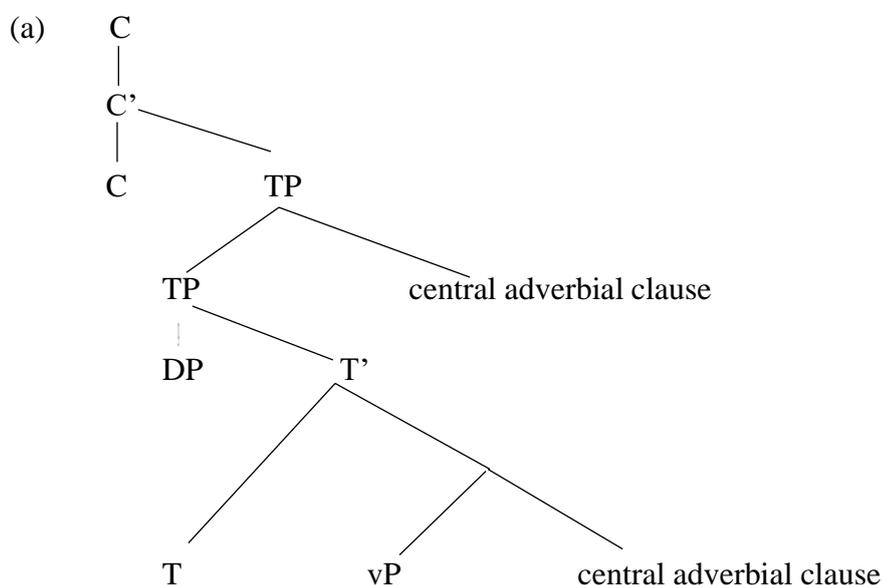
### **2.3 Dois tipos de orações adverbiais quanto ao local de soldagem: uma abordagem cartográfica**

De um ponto de vista gerativista, Haegeman (2012) faz uma tipologia das orações adverbiais de acordo com algumas características sintático-semânticas que ela observa, estabelecendo dois tipos de orações adverbiais conforme o local em que são soldadas na estrutura – as orações adverbiais *centrais* e as orações adverbiais *periféricas*.

Nessa seção, abordaremos o comportamento sintático de cada um dos tipos de orações adverbiais estabelecidos pela autora. Compreender o que diferencia orações adverbiais *centrais* das *periféricas* é fundamental para os objetivos desse trabalho, uma vez que, no próximo capítulo, argumentamos que os sintagmas preposicionais mantêm o mesmo comportamento sintático – relativamente à posição de soldagem, a que estão associadas questões de escopo – que as orações centrais propostas por Haegeman (2012), e que a posição

de soldagem desses elementos é a mesma, nomeadamente o *especificador* (Spec) das projeções circunstanciais semanticamente correspondentes em Cinque (1999, 2006) e Schweikert (2005).

Haegeman (2012) estabelece que as orações adverbiais *centrais* – CACs – são responsáveis por fornecer uma leitura circunstancial para a cláusula principal com a qual se conectam, enquanto as orações adverbiais *periféricas* – PACs<sup>9</sup> – introduziriam uma assunção por parte do falante acerca do discurso que foi estabelecido pela oração principal. De forma mais sucinta, enquanto as CACs estruturam o evento, as PACs estruturam o discurso. (Haegeman, 2012, p. 160).



**Figura 11 – Estrutura das orações adverbiais (Fonte: Haegeman, 2012, p. 170)**

Para explicar as diferenças sintáticas que emergem desses dois tipos de orações, a autora assume que as CACs seriam adjungidas em algum lugar interno à camada do TP, enquanto as PACs seriam adjungidas a CP.

Para evidenciar sua proposta, Haegeman (2012) submete as orações a testes de escopo, uma vez que, se se assume que as CACs estão sob o domínio de TP, elas devem estar sob o escopo de operadores tanto de TP quanto de CP; já as PACs, se figuram de fato em uma posição mais alta que CP, como apresentado na figura acima, não estariam sob o escopo de tais operadores.

<sup>9</sup> CAC e PAC são abreviações, respectivamente, de *central adverbial clauses* e *peripheral adverbial clauses* (Haegeman, 2012).

Uma das propriedades das CACs oriunda do fato de figurarem em uma posição interna ao TP diz respeito ao fato de estarem subordinadas ao tempo verbal da oração matriz, o que, segundo a autora, interfere na expressão do futuro em inglês. Estando as PACs por sobre o nó do TP, que abriga o tempo, essa interferência não ocorre. Os exemplos (33) e (34) ilustram essa propriedade:

(33) [If your back-supporting muscles tire], *you will be at increased risk of lower-back pain.*

‘Se os músculos de apoio das costas se cansarem, você terá um risco maior de dor na região lombar.’

(34) [While the lawsuit challenging the legitimacy of lethal injection probably won't stop the use of lethal injection altogether], *it will certainly delay its use while the Supreme Court decides what to do.*

‘Embora o processo que contesta a legitimidade da injeção letal provavelmente não interrompa completamente o uso da injeção letal, certamente atrasará seu uso enquanto a Suprema Corte decidir o que fazer.’

(Haegeman, 2012, pp. 166-167)

No exemplo (33), o verbo da oração adverbial se encontra no presente (*'tire'*); no entanto, tem uma leitura de futuro nesse período, uma vez que estaria sob o escopo do tempo futuro expresso na oração principal (*'will be'*). Em contrapartida, em (34), o verbo da oração principal (*'decides'*) encontra-se no presente e não é modificado pelo futuro, uma vez que a oração adverbial que o contém está adjungida no CP da oração principal, ou seja, fora do escopo do TP. Diz-se, então, que (34) seria uma CAC enquanto (35) uma PAC.

Haegeman (2012) também toma operações de focalização como evidências para demonstrar a diferença sintática entre os dois tipos de orações adverbiais que estabelece, principalmente no que diz respeito ao local de integração na estrutura. De acordo com a autora, as CACs, de modo geral, podem ser clivadas, e as introduzidas por um focalizador como *only* podem ser fronteadas e desencadear uma inversão negativa (cf. (35), (36) e (37)). Todos esses comportamentos não são observados nas PACs (cf. (38) e (39)).

(35) It's only [while you're alive] that *human selfishness, or whatever, is held against you.* (Independent on Sunday, Review, October 14, 2001: 9, col. 1)

‘É apenas enquanto você está vivo que o egoísmo humano, ou o que quer que seja, é usado contra você.’

(36) It's only [when fashion tries to pass itself off as some sort of relevant real world artform, or even worse as 'caring',] that *its practitioners are in danger of becoming offensive and practically asking for a good, classic kicking.* (Guardian, G2, February 1, 2002: 5, col. 1)

‘É somente quando a moda tenta se passar por algum tipo de forma de arte relevante do mundo real, ou ainda pior como “cuidado”, que seus praticantes correm o risco de se tornar ofensivos e praticamente pedir um chute bom e clássico.’

(37) Only [while they were copulating] *were they not conspiring*. (Guardian, November 1, 2008: 9, col. 3) (40)

‘Só enquanto copulavam não conspiravam.’

(38) \* It is [while my mother is a doctor] that *my father used to work in a brickyard*.  
É enquanto minha mãe é médica que meu pai trabalhava em uma olaria.’

(39) \* (Only) [while my mother was a lawyer] *did my father use to work in a brickyard*.  
‘(Somente) enquanto minha mãe era advogada meu pai trabalhava em uma olaria’

Segundo a autora, se essa previsão for correta, outras operações que afetam os domínios de TP e VP não devem afetar as PACs, mas, em contrapartida, seriam capazes de afetar as CACs. Essas assunções partem de características que levam em conta a estrutura externa da oração, ou seja, seu lugar de soldagem. No entanto, Haegeman (2012) também explica essa diferença através de uma análise à estrutura interna dessas orações, que também se diferem.

A primeira diferença apontada pela autora é que as CACs, em inglês, resistem ao fronteamto do argumento (*‘argument fronting’*), enquanto as PACs permitiriam tal operação.

(40) \**We discovered something else* [while **this paper** we were writing].

‘Descobrimos outra coisa enquanto este artigo escrevíamos.’

(41) *His face not many admired*, [while **his character** still fewer felt they could praise].

‘Seu rosto não foi admirado por muitos, enquanto seu caráter ainda menos sentiu que poderia elogiar.’

Quirk et al. (1985, p. 1378)

No exemplo (40), há uma agramaticalidade na sentença quando o argumento interno do verbo da oração adverbial (*‘this paper’*) é fronteado, ou seja, vai para uma posição anterior ao sujeito. Na oração (41), o argumento interno da oração adverbial (*‘his character’*) pode ser fronteado sem prejuízos à gramaticalidade da sentença. Para a autora, o comportamento presente em (40) seria característico das CACs, uma vez que esse tipo de oração adverbial teria uma estrutura empobrecida.

Por empobrecida entende-se que as CACs não teriam toda a estrutura completa, mais especificamente as quatro projeções mais altas da Hierarquia de Cinque (1999), não sendo,

portanto, compatíveis com expressões de modalidade voltadas ao falante (*speaker-anchored*). Os exemplos abaixo, de Haegeman (2012, p. 174), mostram a agramaticalidade das CACs quando está presente na derivação um advérbio de *ato de fala* (42a), um *avaliativo* (42b), um *evidencial* (42c) e um *epistêmico* (42d).

- (42) a. ?? \* [If frankly he's unable to cope], *we'll have to replace him*.  
 'Se francamente ele for incapaz de lidar, teremos que substituí-lo'
- b. \* [If they luckily arrived on time], *we will be saved*. (Nilsen 2004, Ernst 2007, p. 1027)  
 'Se eles por sorte chegaram a tempo, seremos salvos.'
- c. \* *John will do it* [when/if he may/must have time]. (Declerck and Depraetere, 1995, p.278)  
 'John fará isso quando/se puder/deve ter tempo.'
- d. \* *We met John* [before he must have tampered with the tapes]. (Heinämäkki, 1978: 22; ver também Palmer 1990, p. 121, 182)  
 'Conhecemos John antes de ele dever ter adulterado as fitas.'

Em contrapartida, assume-se que as PACs teriam uma estrutura enriquecida, ou seja, completa, uma vez que são compatíveis com a força ilocucionária e, conseqüentemente, com advérbios voltados ao falante (*'speaker oriented'*), como ilustram os exemplos (43a-b), respectivamente, com advérbios *de ato de fala* e *epistêmico* (Haegeman, 2012, p. 174).

- (43) a. *A referendum on a united Ireland . . . will be a "good thing,"* [because frankly they need to be taken down a peg and come down to earth and be a little bit more sober in their approach to things]. (Guardian, July 22, 2002: 4, col. 4)  
 'Um referendo sobre uma Irlanda unida . . . será uma "coisa boa", porque francamente eles precisam ser levados para baixo e descer à terra e ser um pouco mais sóbrios em sua abordagem das coisas.'

- b. [If Le Pen will probably win], *Jospin must be disappointed*. (Nilsen 2004: 811, note 5)  
 'Se Le Pen provavelmente vencerá, Jospin deve estar decepcionado.'

A autora ainda mostra que esse comportamento relativo à estrutura interna das orações adverbiais não é exclusivo do inglês, podendo se estender a outras línguas, como o francês (44a) e o holandês (44b), em que as CACs também não admitem advérbios da zona alta da hierarquia de Cinque (1999).

- (44) a. \* [Si Jean venait probablement/peut-être], *je serais contente*.  
 '\* Se Jean viesse provavelmente/talvez, eu ficaria feliz.'
- b. [Als Jan (\* waarschijnlijk) beter is], (*dan zal ik je bellen*).



na oração matriz.

- (47) [Quand cette chanson je l'ai entendue], *j'ai pensé à mon premier amour*.  
 ‘Quando ouvi essa música, pensei no meu primeiro amor’

Baseado em dados do japonês, os autores, então, questionam esse rótulo binário das orações adverbiais – CACs e PACs – proposto por Haegeman (2012), argumentando em favor de uma gradiência a respeito da estrutura interna dessas orações. Essa proposta é feita com base “na distribuição de elementos funcionais pós-verbais em orações adverbiais” (Endo & Haegeman, 2019, p. 14), representados na sequência abaixo:

- (48) Voice < Asp < Neg < T < S-Mood < A-Mood (=Speech-act)  
 (Endo & Haegeman, 2019, p. 14)

O que os dados mostram é que no japonês, por exemplo, as orações introduzidas por *nagara*, que corresponde a ‘*enquanto*’, apresentam somente *Voice*, ao passo que *ga*, correspondente a ‘*embora*’, permite todos os elementos funcionais. O quadro ilustra bem o que seria essa gradiência proposta pelos autores, mostrando cada tipo de conectivo e as projeções funcionais que os mesmos licenciam:

		Voice	Aspect	Pol	T	S-Mood	A-Mood
Group A	<i>nagara</i> ‘while’	+	–	–	–	–	–
Group B	<i>zuni</i> ‘without’	+	+	–	–	–	–
Group C	<i>ba</i> ‘if’	+	+	+	–	–	–
Group D	<i>toki</i> ‘when’	+	+	+	+/-	–	–
Group E	<i>node</i> ‘because’	+	+	+	+	–	–
Group F	<i>ga</i> ‘though’	+	+	+	+	+	–

**Figura 12 – Elementos funcionais das orações adverbiais em japonês (Fonte: Endo & Haegeman, 2019)**

Essa gradiência na disponibilidade das projeções funcionais na estruturas das orações adverbiais interferiria no lugar de soldagem de cada oração. Para essa argumentação, os autores recorrem à ideia de Noda (1989), que estabelece o termo *koou*, traduzido para o inglês ‘*concord*’ (*concordância*), que, basicamente, consiste na ideia de relacionar a estrutura interna da oração adverbial – aquela representada no quadro acima – com a estrutura externa – ou seja, o lugar exato de soldagem de cada uma delas.

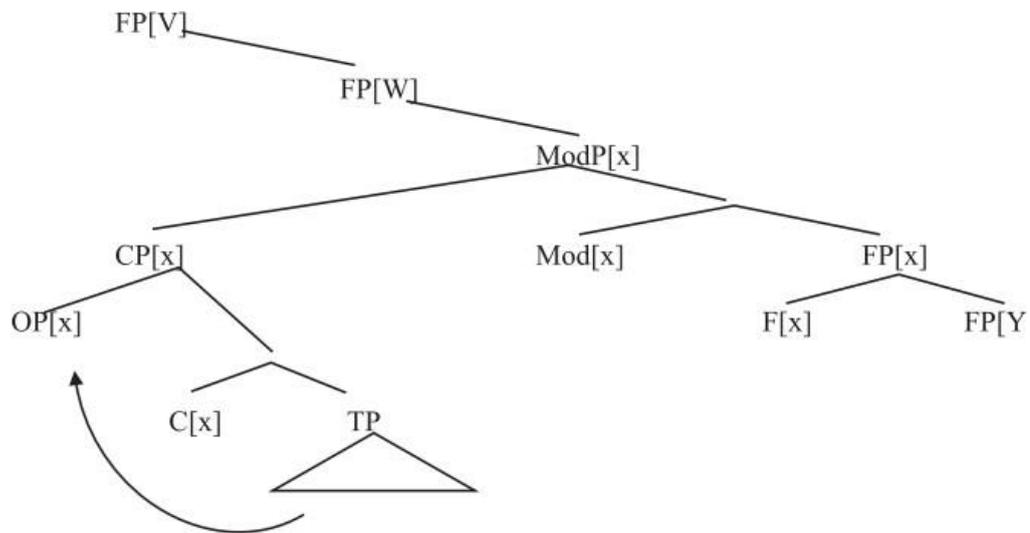
De forma resumida, o que esses autores defendem é que a estrutura interna das orações adverbiais interfere nas projeções funcionais existentes na oração matriz. Por exemplo, na sentença (49a), do japonês, a oração adverbial inserida por ‘*nagara*’ (‘*enquanto*’) licencia uma oração matriz com o elemento de *aspecto progressivo*, mas não licencia o elemento de *aspecto inceptivo* ‘*hazime*’ (49b).

- (49) a. [TV-o            mi        nagara]    *gohan-o tabe-tei-ru.*  
           [TV.acc            assistir enquanto] arroz.acc comer.prog.npst  
           ‘Estou comendo arroz enquanto assisto TV.’
- b. \*[TV-o            mi        nagara]    *gohan-o tabe-hazimeru.*  
           [TV.acc            assistir enquanto] arroz.acc comer.incept.npst  
           ‘Começo a comer arroz enquanto assisto TV.’

A derivação de uma oração adverbial, então, para Endo & Haegeman (2019), aconteceria da seguinte forma: um operador ou um núcleo seria movido para o Spec,CP da oração adverbial, e, os traços desse elemento movido seriam responsáveis por um “rótulo” dessa oração; para “concordar”, então, com a oração matriz, a oração adverbial faria a soldagem com um núcleo da oração principal que seleciona uma projeção funcional do mesmo tipo.

- (i) Uma oração adverbial é derivada por movimento de operador ou por movimento de núcleo, e os traços do operador movido ou do núcleo movido são instanciados como um recurso de tipagem de oração na camada C da oração adverbial. Por exemplo, se as orações introduzidas por *nagara* são derivadas pelo movimento de um núcleo *aspectual*, então o traço [asp] ou [+aspecto estativo] será instanciado como um recurso de tipagem de oração da oração adverbial.
- (ii) A condição de correspondência na soldagem de orações adverbiais requer que uma oração adverbial com o traço [x] se solde com um Mod principal que seleciona a camada funcional instanciando o traço (“concordante”) [x]. (Endo & Haegeman, 2019, p. 24. Tradução nossa)

A figura abaixo representa a proposta dos autores para dar conta do lugar de soldagem das orações adverbiais e desse *continuum* que foi proposto. As orações adverbiais, portanto, teriam seu lugar de soldagem determinado pela sua estrutura interna, ou seja, pela quantidade de projeções funcionais que cada tipo oracional licencia.



**Figura 13 – Derivação das orações adverbiais em relação de “concordância”**  
(Fonte: Endo & Haegeman, 2019)

Já é fato que esse binarismo proposto inicialmente pela autora é questionado pela literatura, sendo proposto, por Frey (2020) pelo menos três tipos oracionais, que variam quanto o tipo de encaixamento, sendo as CACs mais encaixadas na estrutura que as PACs o que já foi proposto por Haegeman (2012) – e um outro tipo que seriam as *orações dependentes não-integradas* (*non-integrated dependent clauses* – ‘*NonICs*’). Esta última estaria ligada ao ato de fala e, diferente das outras duas, não estaria integrada à estrutura, mas sim fora da sintaxe, no nível do discurso. (cf. Frey, 2020 e Haegeman & Schönenberger, 2020 para maiores discussões acerca das características das NonICs).

O que vale ressaltar com essa nova divisão é que as PACs são consideradas como integradas à estrutura, em uma posição alta – possivelmente na zona alta da Hierarquia de Cinque (1999). (50), então, representa a hierarquia das orações adverbiais de acordo com o grau de encaixamento, segundo Frey (2020), sendo as CACs mais integradas.

(50) CAC > PAC > NonIC

(Frey, 2020. Adaptado)

O foco deste trabalho, e que será feito no próximo capítulo, é lidar com a sintaxe externa das orações adverbiais *centrais* – CACs – propondo um lugar exato de merge para esse tipo de oração adverbial, levando em conta a hierarquia dos circunstanciais proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006, 2010), uma vez que percebemos uma relação direta entre as

propriedades das orações adverbiais e dos sintagmas preposicionais. Por isso, no próximo capítulo, testaremos quais orações adverbiais podem ser consideradas *centrais* em português brasileiro (doravante PB) e argumentaremos em favor da hipótese que as orações adverbiais centrais seguem a hierarquia de Schweikert (2005) e entram na derivação no Spec das projeções funcionais destinadas a esses constituintes.

### **Considerações finais do capítulo**

Nesse capítulo, reunimos trabalhos de diversas abordagens teóricas a fim de compreendermos algumas das principais propriedades, sobretudo sintáticas, das orações adverbiais. A tradição gramatical do PB aponta o paralelismo entre as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais em dois aspectos: (i) sintático, quando diz que as orações adverbiais exercem a mesma função que os advérbios e locuções adverbiais (que, como vimos, numa tipologia cartográfica são classificados como *sintagmas preposicionais*), e (ii) semântico, uma vez que as mesmas leituras circunstanciais apontadas como sendo expressas por meio de orações adverbiais também podem ser expressas com preposições e/ou sintagmas preposicionais.

Da abordagem funcionalista, vimos, a partir de Castilho (2014), que as orações adverbiais atendem a necessidades pragmáticas e que, sintaticamente, estão relacionadas à oração principal através da adjunção. O autor então propõe testes de escopo para detectar essa relação e chega à conclusão de que há alguns tipos de orações adverbiais (concessivas, comparativas e alguns tipos de temporais) que não “passam” no teste; desse resultado, conclui-se: (i) que as concessivas seriam subordinadas adverbiais devido ao uso do subjuntivo (tempo verbal da subordinação por excelência, segundo ele), e (ii) que comparativas e consecutivas encerrariam estruturas correlatas.

Ainda no âmbito do funcionalismo, Rodrigues (2017) traz para a discussão o grau de encaixamento entre oração adverbial e oração principal e diz que as orações adverbiais se relacionam com as principais por meio da hipotaxe, isto é, não estariam ligadas sintaticamente à oração a qual modifica, tendo a função apenas de expandir circunstancialmente as informações. A autora, ainda, argumenta que o discurso é fundamental nessa relação, já que cabe ao receptor/leitor/ouvinte interpretar o tipo de relação.

Já em uma abordagem mais cartográfica, Haegeman (2012) divide as orações adverbiais em dois tipos, CACs e PACs, de acordo com o lugar de soldagem de cada uma

delas. Após alguns testes de escopo, levando em conta a sintaxe externa dessas orações, a autora chega à conclusão de que as orações adverbiais *centrais* figurariam em algum lugar dentro do TP, enquanto as *periféricas* seriam soldadas em algum lugar de CP. Questões relacionadas à sintaxe interna também são levantadas, e o trabalho de Endo & Haegeman (2019), com dados do japonês, questiona a binaridade apontada por Haegeman (2012), sugerindo que há mais de um lugar na estrutura funcional para as orações adverbiais, que estariam ordenadas em uma relação de “gradiência”.

Há outra análise, também, que questiona essa divisão binária de Haegeman (2012), propondo uma divisão ternária. Para Frey (2020), além das CACs e das PACs, haveria ainda um outro tipo de oração adverbial, as NonICs, que estariam relacionadas ao ato de fala. Ao analisar os três tipos oracionais, o autor chega à conclusão de que as CACs são mais integradas à estrutura.

Após analisar essas propriedades referentes às orações adverbiais, destaca-se, para o próximo capítulo, as seguintes:

- (i) orações adverbiais desempenham a mesma função sintática dos sintagmas preposicionais; (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011)
- (ii) orações adverbiais e sintagmas preposicionais podem expressar as mesmas circunstâncias semânticas (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011);
- (iii) orações adverbiais são adjuntos da oração principal; (Castilho, 2014)
- (iv) as orações adverbiais centrais (CACs) são soldadas em algum lugar dentro do TP (Haegeman, 2012);
- (v) testes de escopo podem ser diagnósticos para detectar o lugar de soldagem das CACs (Haegeman, 2012; Castilho, 2014);
- (vi) há mais de um lugar para as orações adverbiais na estrutura sentencial (Endo & Haegeman, 2019);
- (vii) as CACs são mais integradas à estrutura que os demais tipos de orações adverbiais (Frey, 2020).

Na discussão que se seguirá no próximo capítulo, levaremos em conta tais propriedades, como observadas pelos autores referenciados ao longo deste capítulo, tentando manter todas elas na proposta que apresentaremos na sequência, além de outras abordagens que serão discutidas e levadas em consideração também.

### 3 A HIERARQUIA DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS

#### Considerações iniciais do capítulo

Neste capítulo, levando em conta (i) a metodologia cartográfica apresentada no capítulo 1 – sobretudo os testes de *ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria* (Tescari Neto, 2021), de *coordenação* e de *precedência e transitividade* –, (ii) o paralelismo já observado por gramáticos e gerativistas entre orações subordinadas adverbiais e advérbios e/ou locuções adverbiais (sintagmas preposicionais) (cf. cap. 2) e (iii) a tipologia adotada por Haegeman (2012), que classifica as orações adverbiais em *centrais* e *periféricas* (cf. cap. 2), temos como objetivo argumentar em favor da hipótese de que uma vez que as orações adverbiais *centrais* expressam as mesmas *categorias*<sup>11</sup> (temporal, de lugar, instrumento, entre outras) comumente também expressas por advérbios e locuções adverbiais, elas, portanto, têm seu lugar de primeira *soldagem* no mesmo local onde esses mesmos constituintes tipicamente são soldados, i.e., logo acima de VP, mais precisamente no Spec das projeções circunstanciais proposta por Cinque (1999, 2006).

Para tanto, primeiramente, aplicaremos alguns testes propostos por Haegeman (2012) – mais especificamente os testes da *clivagem*, de *operador de foco* e de *escopo de operador interrogativo* – a dados do português brasileiro, a fim de checar se nessa língua também há dois tipos de orações adverbiais, uma relacionada ao *evento* e outra ao *discurso*, que, para Haegeman (2012), estão ligadas, respectivamente, ao TP (ou vP) e CP, por meio de adjunção. Tal etapa é importante pois nos permite entender se, em PB, as orações *centrais* se comportam sintaticamente do mesmo modo que se comportam, p.ex., no inglês, em conformidade, portanto, com o tratamento dado por Haegeman.

A partir dos resultados dos testes, e apoiados no princípio do *One Feature One Head* (Kayne, 2005), submeteremos as orações adverbiais *centrais* e *PPs circunstanciais* (*Sintagmas Preposicionais*) aos testes de *ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria* (Tescari Neto, 2021) e ao da *coordenação* para propor que esses constituintes modificam o evento da oração matriz à qual se relacionam e, portanto,

---

<sup>11</sup> Aquilo que a Gramática Tradicional trata como sendo leituras circunstanciais, isto é, os “tipos” (ou classes) de orações adverbiais, corresponderia – em vista do princípio do One Feature, One Head (Kayne, 2005) – ao que se convencionou tratar, em teoria gramatical, como “categoria”, terminologia que será adotada nessa pesquisa. Para uma discussão mais pormenorizada da definição de categoria em teoria gramatical, ver Tescari Neto (2021, cap. 2).

disputam pelo mesmo especificador da projeção funcional semanticamente relacionada na estrutura da sentença (Cinque, 1999, 2006).<sup>12</sup> Uma vez que orações adverbiais *centrais* e *advérbios* e/ou *locuções adverbiais* com o mesmo importe semântico geram sentenças agramaticais quando ocorrem na mesma sentença – exceto quando estão *coordenados* – é válido assumir que se trata de constituintes com estruturas diferentes a entrarem na mesma posição de soldagem (o especificador semanticamente correspondente em Cinque (1999, 2006)) e a modificarem, portanto, a mesma porção da estrutura.

Na sequência, assumiremos a *Hierarquia dos Sintagmas Preposicionais*, proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006), analisando o comportamento das orações adverbiais *centrais* diante dos testes aplicados pelo autor para estabelecer tal hierarquia. Com esse expediente, pretendemos determinar uma hierarquia, ou pelo menos uma ordem de base (ver discussão na seção 3.4), para as orações adverbiais *centrais* – que parece ser a mesma dos sintagmas preposicionais –, o que seria totalmente convergente com os princípios da cartografia sintática, além de contribuir, com a Gramática Gerativa como um todo, ao estabelecer, na hierarquia sentencial, a posição de soldagem dessas orações.

### 3.1 Da seleção dos dados

As orações adverbiais podem corresponder a diversas categorias, por isso, faz-se necessário estabelecer um recorte para a seleção dos dados a serem analisados neste capítulo. Para isso, recorreremos a diferentes materiais (artigos e manuais de linguística) a fim de captar as circunstâncias adverbiais mais comumente arroladas na literatura sobre língua portuguesa, no espírito do que Tesconi Neto, Lima & Bergamini-Perez (2022) denominam “typological screening” (‘triagem tipológica’). Assim, para a triagem tipológica das categorias circunstanciais comumente mencionadas na literatura, recorreremos aos seguintes trabalhos, conforme detalhado na Figura 9, a seguir: (i) gramáticas da língua portuguesa (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011), (ii) obras funcionalistas (Castilho, 2014; Rodrigues, 2017), e (iii) gerativistas (Mateus et al., 2003; Lobo, 2013).

---

<sup>12</sup> A modificação do evento da matriz seja por um CP (oração subordinada adverbial), PP (locução adverbial), AdvP (advérbios, sobretudo os terminados em *-mente*) ou DP (expressões adverbiais como *hoje, ontem*, etc.) corresponde, na NGB, à função sintática de adjunto adverbial, normalmente expressa por essas formas. Ver, contudo, Rocha Lima (1986) e Bechara (1985) que propõem, à revelia da NGB, que alguns constituintes circunstanciais podem exercer funções argumentais: os complementos circunstanciais. Não entrarei, contudo, nessa discussão aqui.

Categoria	Autores							
	Kury (2006)	Bechara (2006)	Cunha & Cintra (2008)	Rocha Lima (2011)	Castilho (2014)	Rodrigues (2016)	Mateus et. al. (2003)	Lobo (2013)
Causal	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Consecutiva	✓	✓	✓	✓		✓		
Concessiva	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Conformativa	✓	✓		✓		✓		✓
Comparativa	✓	✓	✓	✓		✓		
Condicional	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Final	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Temporal	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Proporcional	✓	✓		✓		✓		
Locativa	✓	✓				✓		
Modal	✓	✓		✓		✓		✓
Agente da Passiva						✓		

**Figura 14 – Triagem tipológica das categorias circunstanciais das orações adverbiais na literatura. (Fonte: Elaboração própria)**

A Figura 14 elenca as classes indicadas pela tradição gramatical, por estudiosos funcionalistas e por estudiosos gerativistas como sendo as classes de subordinadas adverbiais. Uma vez que o Apêndice 1 detalhou exemplos das circunstâncias indicadas pelos gramáticos, o apêndice 2 se limita a exemplificar as circunstâncias indicadas por Castilho (2014), Rodrigues (2017), Mateus et al. (2003) e Lobo (2013) como circunstâncias expressas por orações subordinadas adverbiais.

Dentre as circunstâncias elencadas na Figura 9, há algumas que tanto gramáticos tradicionais quanto funcionalistas assumem não se tratar de orações adverbiais propriamente ditas uma vez que apresentam comportamentos sintáticos distintos dos subtipos considerados orações adverbiais por excelência.

No âmbito da tradição gramatical, Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2008) não consideram as orações *consecutivas* e *comparativas* como *adverbiais*, assumindo que elas se comportam mais como orações *adjetivas* e que sempre estão correlacionadas com algum termo da oração anterior.

Mateus et. al. (2003) também diferenciam esses dois tipos de orações das consideradas adverbiais, nomeando-as como estruturas de *graduação* e *comparação*. Para definir o estatuto adverbial de uma oração, a autora propõe testes estruturais que definiriam o que seria de fato uma oração subordinada adverbial; tanto as estruturas *comparativas* quanto as *consecutivas* não apresentam resultados que as fariam figurar no grupo das adverbiais, por exemplo, pela impossibilidade de mobilidade (51a, 51b; 52a, 52b) – característica basilar de uma oração adverbial – e de clivagem (50c; 51c); além de não

considerarem as orações *comparativas* como adjuntos.

#### *Comparativa*

- (51) a. Dita é tão esperta quanto sua mãe (era).  
 b. \*Quanto sua mãe (era), Dita é tão esperta.  
 c. \*É quanto sua mãe (era) *que* Dita é tão esperta.

#### *Consecutiva*

- (52) a. Miguel brincou tanto *que* passou mal.  
 b. \*Que passou mal Miguel brincou tanto.  
 c. \*Foi *que* passou mal *que* Miguel brincou tanto.

Além desses dois tipos, Mateus et. al. (2003) ainda excluem do rol de orações adverbiais as *proporcionais* e *conformativas*, fato também apontado por Cunha e Cintra (2008, p.600). Para a autora, o fato de as orações *proporcionais* serem ligadas por *conectores descontínuos/correlativos* (2003, p. 765) (do tipo *quanto mais...mais (menos)*) restringiria a possibilidade de figurarem em clivadas (53a') e de se moverem (53a'') (2003, p. 766), características básicas das orações adverbiais, segundo Mateus et al. Já as proporcionais com *conectores isolados* (não descontínuos) – do tipo *à medida que, à proporção que* – têm mobilidade e podem ser clivadas, no entanto, de acordo com sua análise, “por comportarem conectores que exprimem uma quantificação/grau integram-se nas construções de graduação” (2003, p. 766).

- (53) a. Quanto mais os pais ralham, mais as crianças fazem pior.  
 a'. \*Mais as crianças fazem pior quanto mais os pais ralham.  
 a''. \*É quanto mais os pais ralham *que* mais as crianças fazem pior.

(Mateus et. al., 2003, p.766)

Já quanto às *conformativas*, há uma divergência quanto o que é assumido pela tradição do português europeu e do português brasileiro, como apontado por Pereira (2014). A NGB e muitos gramáticos do PB incorporam as orações conformativas introduzidas por *conforme, segundo, consoante* como orações adverbiais, enquanto a NGP (Nomenclatura Gramatical Portuguesa) não contempla esse tipo de oração, sendo consideradas por muitos gramáticos como estruturas comparativas, assim como apontado por Mateus et. al. (2003, p. 763). Aplicados os testes propostos pelas autoras, a conclusão é a de que as orações conformativas introduzidas por *conectores isolados (segundo, conforme, consoante)* têm mobilidade (54a, 54b, 54c) e podem ser clivadas (55a, 55b, 55c); nesse sentido, devem ser consideradas como orações adverbiais.



Orações adverbiais	
CATEGORIA	CONECTIVOS
<b>Tempo</b>	quando, enquanto, sempre que
<b>Condição</b>	se, caso, desde que
<b>Causa</b>	porque, já que, uma vez que
<b>Concessão</b>	embora, ainda que, mesmo que
<b>Proporção</b>	à medida que, à proporção que
<b>Conformidade</b>	conforme, como, segundo
<b>Finalidade</b>	para que, a fim de que
<b>Modo</b>	sem que, como se, como que
<b>Lugar<sup>14</sup></b>	(conjunção+) onde

**Figura 15: Quadro 4: os tipos de orações adverbiais a serem analisadas e seus respectivos conectores**

A partir dessa seleção, elaboramos sentenças com orações adverbiais para cada categoria selecionada; para cada conector, foram elaboradas duas sentenças – quando possível<sup>15</sup> – em que se espera, após os testes, que uma seja classificada como *central* – modificadora do evento – enquanto a outra como *periférica* – relacionada ao discurso. As sentenças que serão analisadas estão no quadro a seguir<sup>16</sup>:

Orações subordinadas adverbiais
<b>Temporais</b>
<i>Eu comecei a viver [quando comecei a me amar].</i>
<i>O Tite colocou o Rodrigo para bater o pênalti [quando a torcida queria o Neymar].</i>

<sup>14</sup> As orações *locativas* não são consenso entre os gramáticos. Rocha Lima faz uma distinção entre orações adverbiais e complementos circunstanciais, sendo o primeiro adjunto da oração principal e o segundo é complemento do verbo, ou seja, é necessário para a valência verbal. Para além dessa discussão, o que nos interessa é compreender esses constituintes como circunstanciais que ocupam um lugar na estrutura e, uma vez que há um lugar para PPs locativos circunstanciais, assumiremos, de início, que esses constituintes podem fazer parte dessa hierarquia proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006).

<sup>15</sup> Como será mostrado na análise dos resultados, há algumas orações que podem ser classificadas apenas como centrais, ao passo que outras, apenas como periféricas (cf. seção 3.2.4)

<sup>16</sup> Essa lista de categorias pode ser ampliada se considerarmos os diversos subtipos de orações temporais - *tempo anterior*, *tempo posterior*, *tempo simultâneo etc* – (Lobo, 2013) e as condicionais-concessivas (Lobo, 2013; Cavaguti, 2018). Para além desses casos, outras categorias, se submetidas a testes de coocorrência, podem ser cindidas, e um posterior teste de precedência e transitividade deve ser feito para dar conta da ordem que elas ocupariam na estrutura. Como nos baseamos em manuais de gramática tradicional e funcionalistas que não consideram essa divisão, optamos por, nesse momento da pesquisa, manter essas categorias.

<i>Eu arrumo a casa</i> [enquanto meu pai faz almoço]. <i>A família idolatrava o caçula</i> [enquanto o filho mais velho carecia de atenção].
<i>Os estudantes se esforçam mais</i> [sempre que o ano está acabando]. <i>A escola organiza gincanas às vezes</i> [sempre que pode].
<b>Condicionais</b>
<i>Eu ingressarei na universidade</i> [se estudar muito]. <i>Eu ingressei na universidade</i> [se isso interessa a você].
<i>Marília fechará o negócio</i> [caso todas as suas exigências sejam atendidas]. <i>Eu comprei dois pares de sapatos novos</i> , [caso você precise de um].
<i>Os objetivos serão alcançados</i> [desde que haja a colaboração de todos]. <i>Eu te ajudo em tudo</i> [desde que eu esteja bem comigo mesma].
<b>Causais</b>
<i>Eu estou resfriado</i> [porque não me agasalhei adequadamente]. <i>Eu estou resfriado</i> [porque meu nariz está escorrendo].
<i>Vamos tomar um banho de piscina</i> [já que está calor]. <i>A direção contratou novos funcionários</i> [uma vez que o quadro atual era escasso].
<b>Concessivas</b>
<i>Luciana dançou muito</i> [embora estivesse com o pé quebrado]. <i>Eu amei esse bolo</i> [ainda que o recheio estivesse salgado]. <i>Eu concordei com o contrato</i> [mesmo que não tivesse entendido algumas cláusulas].
<b>Proporcionais</b>
<i>Você vai se apaixonar por essa autora</i> [à medida que conhecer sobre sua vida]. <i>O comércio reabriu</i> [à proporção que a imunização aumentou].
<b>Conformativas</b>
<i>Joaquim realizou as tarefas</i> [conforme constava no manual dos alunos]. <i>Todos fizeram o trabalho de português</i> , [conforme a diretora nos contou].
<i>Organizamos a festa de despedida</i> [como havíamos combinado]. <i>O número de pessoas insatisfeitas com o governo dobrou</i> , [como mostram as pesquisas]. <i>Raquel decorou seu apartamento</i> [segundo as orientações do pai]. <i>O número de desemprego aumentou</i> [segundo as estatísticas].
<b>Finais</b>
<i>Temos que chegar mais cedo no salão</i> [para que os cozinheiros possam entrar]. <i>Eu me dediquei muito nesse evento</i> [para que você fique sabendo]. <i>Decidimos te matricular nesse curso</i> [a fim de que consiga seus objetivos].
<b>Modais</b>
<i>O ladrão conseguiu fugir</i> [sem que fizesse barulho]. <i>Os hóspedes se sentiram no hotel</i> [como se estivessem em casa]. <i>O marido tratou a esposa</i> [como deveria ser tratada].
<b>Locativas</b>

*Bruno fica [onde se sente bem].*  
*O baú fica no canto da sala, [onde sempre esteve].*

Figura 16<sup>17</sup> : Quadro 5 – orações adverbiais que serão testadas

### 3.2 Dos testes para definir as orações adverbiais em *centrais* e *periféricas*

Os testes que serão aplicados nesta seção são os mesmos aplicados por Haegeman (2012) e, basicamente, consistem em testes de escopo. Uma vez que, para a autora, a diferença entre orações adverbiais *centrais* e *periféricas* decorre da diferença no lugar de soldagem dessas orações – internas ou externas ao VP, respectivamente – tais testes são suficientes para detectar essa diferença estrutural.<sup>18</sup>

Na seção 3.2.1, será aplicado o teste da *clivagem*, em que se espera gramaticalidade apenas com as orações *centrais*; na sequência, na seção 3.2.2, será introduzido um *operador de foco* (*só, somente*) nas orações matrizes e, como resultado, espera-se gramaticalidade somente com as orações *centrais*; já na seção 3.2.3, as orações ficarão sob o *escopo de um operador interrogativo* e, mais uma vez, prevê-se sentenças bem-formadas com orações *centrais*. Os três testes que serão aplicados são testes de focalização, em que apenas constituintes soldados dentro do VP podem ser modificados; uma vez que se acredita que as orações *periféricas* estejam soldadas em CP, a agramaticalidade esperada é justificável.

É importante ressaltar que se deve levar em conta para a análise da gramaticalidade – ou agramaticalidade – das orações adverbiais (fig. 16) o contexto de interpretação de cada oração adverbial – *central* e *periférica*. Para as CACs, assumimos o contexto *out of the blue*, ou seja, aquele que indica uma neutralidade na estrutura informacional. Esse contexto é verificado quando o constituinte pode servir como resposta a uma pergunta do tipo “*O que aconteceu?*”, “*O que está acontecendo?*”<sup>19</sup>. Já para as PACs, uma vez que se assume que

<sup>17</sup> Os exemplos analisados foram criados para essa pesquisa pelo autor.

<sup>18</sup> Como é praxe em teoria gramatical, o método de avaliação dos resultados dos testes baseia-se no julgamento de gramaticalidade (Chomsky, 1957). Assim como pontuado pelo autor, se assumimos que os falantes têm um conhecimento internalizado e inato sobre a estrutura da língua a qual é falante nativo, eles são capazes de dizer se uma sentença é bem ou mal formada nessa língua. As sentenças que forem marcadas pelo sinal do asterisco (\*) são aquelas que são consideradas agramaticais, mal formadas, enquanto que as sentenças sem nenhuma marcação são consideradas gramaticais.

<sup>19</sup> Para exemplificar, testaremos as orações conformativas introduzidas por ‘conforme’ da figura 16. Em um contexto *out of the blue*, apenas a CAC funciona como resposta de uma pergunta como ‘o que aconteceu?’ (i), enquanto uma PAC não (ii); uma possível gramaticalidade com a PAC só é alcançada se houver uma pausa, ou algum tipo de contorno entoacional na leitura, marcada na escrita pela vírgula (iii).

O que aconteceu?

- (i) Joaquim realizou as tarefas conforme constava no manual dos alunos.
- (ii) \*Todos fizeram o trabalho de português conforme a diretora nos contou.
- (iii) Todos fizeram o trabalho de português, conforme a diretora nos contou.

elas são soldadas na periferia esquerda, é intrínseco o contexto em que, na leitura, elas ganhem um contorno entoacional, uma vez que está envolvida a estrutura informacional.

### 3.2.1 Clivagem

A *clivagem* é uma operação de movimento de um constituinte para uma posição de foco bem marcada entre o verbo *ser* – em uma de suas formas conjugadas – e o complementador *que* (Tescari Neto, 2017). A gramaticalidade esperada nas orações adverbiais *centrais* é alcançada quando a leitura circunstancial se mantém mesmo após o movimento do constituinte para a posição de foco, mantendo a relação *evento- circunstância*. Nas orações *periféricas*, essa relação *evento-circunstância* não existe, uma vez que essas orações estão adjungidas ao CP e ligadas ao discurso, e não ao evento proposto na oração *matriz*. Dessa forma, as sentenças abaixo (nos três testes) consideradas agramaticais são compreendidas como *periféricas*, ao passo que as gramaticais, como *centrais*.

Analisemos, então, os dados a seguir, que envolvem a aplicação do teste da *clivagem*.

#### Temporais

- (56) a. **Foi** [quando comecei a me amar] **que eu comecei a viver**.  
 b. \***É** [quando a torcida queria o Neymar] **que o Tite colocou o Rodrigo para bater o pênalti** .
- (57) a. **É** [enquanto meu pai faz almoço] **que eu arrumo a casa**.  
 b. \***É** [enquanto o filho mais velho carecia de atenção] **que a família idolatrava o caçula**.
- (58) a. **É** [sempre que o ano está acabando] **que os estudantes se esforçam mais**.  
 b. \***É** [sempre que pode] **que a escola organiza gincanas às vezes**.

#### Condicionais

- (59) a. **É** [se estudar muito] **que eu ingressarei na universidade**.  
 b. \***É** [se isso interessa a você] **que eu ingressei na universidade**.
- (60) a. **É** [caso todas as suas exigências sejam atendidas] **que Marília fechará o negócio**.  
 b. \*/? **É** [caso você precise de um] **que eu comprei dois pares de sapatos novos**.
- (61) a. **É** [desde que haja a colaboração de todos] **que os objetivos serão alcançados**.  
 b. \***É** [desde que eu esteja bem comigo mesma] **que eu te ajudo em tudo**.

#### Causais

- (62) a. **É** [porque não me agasalhei adequadamente] **que estou resfriado**.  
 b. \***É** [porque meu nariz está escorrendo] **que estou resfriado**.
- (63) a. \***É** [já que está calor] **que vamos tomar um banho de piscina**.
- (64) a. \***É** [uma vez que o quadro atual era escasso] **que a direção contratou novos funcionários**.

### Concessivas

- (65) a. \*É [embora estivesse com o pé quebrado] **que** *Luciana dançou muito.*  
 (66) a. \*É [ainda que o recheio estivesse salgado] **que** *eu amei esse bolo.*  
 (67) a. \*É [mesmo que não tivesse entendido algumas cláusulas] **que** *eu concordei como contrato.*

### Proporcionais

- (68) a. É [à medida que conhecer sobre sua vida] **que** *you vai se apaixonar por essa autora.*  
 (69) a. Foi [à proporção que a imunização aumentou] **que** *o comércio reabriu.*

### Conformativas

- (70) a. É [conforme constava no manual dos alunos] **que** *Joaquim realizou as tarefas.*  
 b. \*É [conforme a diretora nos contou] **que** *todos fizeram o trabalho de português.*  
 (71) a. É [como havíamos combinado] **que** *organizamos a festa de despedida.*  
 b. \*É [como mostram as pesquisas] **que** *o número de pessoas insatisfeitas com o governo dobrou.*  
 (72) a. É [segundo as orientações do pai] **que** *Raquel decorou seu apartamento.*  
 b. \*É [segundo as estatísticas] **que** *o número de desemprego aumentou.*

### Finais

- (73) a. É [para que os cozinheiros possam entrar] **que** *temos que chegar mais cedo no salão.*  
 b. \*É [para que você fique sabendo] **que** *eu me dediquei muito nesse evento.*  
 (74) a. É [a fim de que consiga seus objetivos] **que** *decidimos te matricular nesse curso.*

### Modais

- (75) a. Foi [sem que fizesse barulho] **que** *o ladrão conseguiu fugir.*  
 (76) a. Foi [como se estivesse em casa] **que** *os hóspedes se sentiram no hotel.*  
 (77) a. Foi [como deveria ser tratada] **que** *o marido tratou a esposa.*

### Locativa

- (78) a. É [onde se sente bem] **que** *Bruno fica.*  
 b. \*É [onde sempre esteve] **que** *o baú fica no canto da sala.*

As orações adverbiais que geraram sentenças gramaticais continuam modificando o evento da oração principal, mesmo após serem movidas para uma posição mais marcada, como podemos ver em (70a), por exemplo, em que a *realização da tarefa* continua atrelada ao *que constava no manual*, mantendo a relação de *conformidade* entre as orações. O mesmo não ocorre em (70b), em que a *realização do trabalho* – o evento – não tem uma relação direta de conformidade com o que *a diretora contou*; esse mesmo comportamento acontece na demais sentenças agramaticais dos exemplos.

Essa impossibilidade de *clivagem* de certas orações adverbiais deve-se ao fato de estarem em uma posição estrutural que não permite essa operação; Lobo (2013) argumenta, na esteira de Frison (1988) e Duarte (2000), que “constituintes periféricos” não podem ser clivados, uma vez que apenas constituintes internos ao “domínio proposicional básico” – o CP da oração matriz – podem servir como antecedentes do operador relativo que faz parte da estrutura das clivadas (Lobo, 2013, p. 162-163).

Consoante ao que argumenta a autora e os resultados obtidos com os testes, podemos concluir que as orações que não podem ser clivadas são as orações *periféricas*, enquanto as orações que geraram gramaticalidade ao serem clivadas, seguindo a tipologia de Haegeman (2012), assumiremos ser as *centrais*.

### 3.2.2 Operador de foco

O uso de operadores de foco possibilita detectar as relações de c-comando existentes na estrutura da sentença. Um constituinte que é sensível a um operador do tipo *só/somente* é c-comandado pelo nó em que este operador está presente. Sportiche et. al. (2014) assumem que o operador *only* – que parece corresponder a *só/somente* em PB – é adjungido em VP e, por essa razão, é capaz apenas de afetar os constituintes por ele c-comandados.

Assim sendo, se a hipótese de Haegeman (2012) é correta, e válida também para o português brasileiro, apenas as orações adverbiais *centrais* são afetadas pelo operador, uma vez que, em termos cartográficos, se assume que elas sejam soldadas abaixo da posição de soldagem do *só* (interna a IP – Tesconi Neto, 2017), ao passo que as *periféricas*, se são de fato soldadas ao CP, não serão afetadas, o que será representado nos testes como agramaticalidade.

#### Temporais

- (79) a. *Eu só comecei a viver* [quando comecei a me amar].  
 b. \**O Tite só colocou o Rodrigo para bater o pênalti* [quando a torcida queria o Neymar].
- (80) a. *Eu só arrumo a casa* [enquanto meu pai faz almoço].  
 b. \**A família somente idolatrava o caçula* [enquanto o filho mais velho carecia de atenção].
- (81) a. *Os estudantes só se esforçam mais* [sempre que o ano está acabando].  
 b. \**A escola somente organiza gincanas às vezes* [sempre que pode]

#### Condicionais

- (82) a. *Eu só ingressarei na universidade* [se estudar muito].  
 b. \**Eu só ingressei na universidade* [se isso interessa a você].
- (83) a. *Marília só fechará o negócio* [caso todas as suas exigências sejam atendidas].  
 b. \**Eu só comprei dois pares de sapatos novos*, [caso você precise de um].
- (84) a. *Os objetivos só serão alcançados* [desde que haja a colaboração de todos]

- b. \**Eu só te ajudo em tudo* [desde que eu esteja bem comigo mesma].

### Causais

- (85) a. *Eu só estou resfriado* [porque não me agasalhei adequadamente].  
 b. \**Eu só estou resfriado* [porque meu nariz está escorrendo].  
 (86) a. \**Só vamos tomar um banho de piscina* [já que está calor].  
 (87) a. \**A direção só contratou novos funcionários* [uma vez que o quadro atual era escasso].

### Concessivas

- (88) a. \**Luciana só dançou muito* [embora estivesse com o pé quebrado].  
 (89) a. \**Eu só amei esse bolo* [ainda que o recheio estivesse salgado].  
 (90) a. \**Eu só concordei com o contrato* [mesmo que não tivesse entendido algumas cláusulas].

### Proporcionais

- (91) a. *Você somente vai se apaixonar por essa autora* [à medida que conhecer sobre sua vida].  
 (92) a. *O comércio só reabriu* [à proporção que a imunização aumentou].

### Conformativas

- (93) a. *Joaquim só realizou as tarefas* [conforme constava no manual dos alunos].  
 b. \**Todos só fizeram o trabalho de português*, [conforme a diretora nos contou].  
 (94) a. *Só organizamos a festa de despedida* [como havíamos combinado].  
 b. \**O número de pessoas insatisfeitas com o governo só dobrou*, [como mostram as pesquisas]  
 (95) a. *Raquel só decorou seu apartamento* [segundo as orientações do pai].  
 b. \**O número de desemprego só aumentou* [segundo as estatísticas].

### Finais

- (96) a. *Só temos que chegar mais cedo no salão* [para que os cozinheiros possam entrar].  
 b. \**Eu só me dediquei muito nesse evento* [para que você fique sabendo].  
 (97) a. *Só decidimos te matricular nesse curso* [a fim de que consiga seus objetivos].

### Modais

- (98) a. *O ladrão inclusive conseguiu fugir* [sem que fizesse barulho].  
 (99) a. *Os hóspedes somente se sentiram no hotel* [como se estivessem em casa].  
 (100) a. *O marido só tratou a esposa* [como deveria ser tratada].

### Locativa

- (101) a. *Bruno só fica* [onde se sente bem].  
 b. \**O baú só fica no canto da sala* [onde sempre esteve].

### 3.2.3 Escopo de operador interrogativo (alternativo)

As gramáticas descritivas de diversas línguas, como aponta Lobo (2013), já

indicavam um comportamento distinto entre as classes de advérbios (e estruturas adverbiais). Quirk et al. (1972; 1985), para o inglês, distinguem entre *adjuntos* – referindo àquelas estruturas adverbiais mais integradas na estrutura sentencial – e *disjuntos* – que diz respeito a estruturas adverbiais com uma relação mais periférica na sentença –, o mesmo comportamento observado nas orações *centrais* e *periféricas*.

Segundo Quirk et al. (1972), para o advérbio, ou constituinte adverbial, ser considerado *adjunto* (ou seja, integrado à estrutura), uma das características fundamentais é poder ser contrastado por uma *interrogação alternativa*, uma vez que, continuam esses autores, o teste é capaz de mostrar que esse constituinte pode ser o foco de interrogação da oração a qual se relaciona. Já constituintes periféricos, como é o caso dos *disjuntos*, por estarem fora do escopo da interrogação da oração principal à qual se relacionam, não conseguem ser contrastados por meio de uma interrogação alternativa.

Ou seja, o teste representado abaixo consegue captar uma diferença relativamente ao lugar de soldagem das orações que estão sendo testadas nessa seção, com o resultado esperado de gramaticalidade para as *centrais*, que parecem ter as mesmas características dos *adjuntos*, e agramaticalidade para as *periféricas*, que se aproximam dos *disjuntos*.

### Temporais

(102) a. *Eu comecei a viver* [quando comecei a me amar]? (Ou quando aprendi a me respeitar?)

b. *\*O Tite colocou o Rodrigo para bater o pênalti* [quando a torcida queria o Neymar]? (Ou quando todos pediam o Vini Jr.?)

(103) a. *Eu arrumei a casa* [enquanto meu pai fazia almoço]? (Ou enquanto ele lavava a louça?)

b. *\*A família idolatrava o caçula* [enquanto o filho mais velho carecia de atenção]? (Ou enquanto ele terminava o dever?)

(104) a. *Os estudantes se esforçam mais* [sempre que o ano está acabando]. (Ou sempre que precisam de notas?)

b. *\*A escola organiza gincanas às vezes* [sempre que pode]? (Ou sempre que é solicitado pelos alunos?)

### Condicionais

(105) a. *Eu ingressarei na universidade* [se estudar muito]? (Ou se conseguir uma bolsa de estudos?)

b. *\*Eu ingressei na universidade* [se isso interessa a você]? (Ou se você me ajudar a estudar?)

(106) a. *Marília fechará o negócio* [caso todas as suas exigências sejam atendidas]? (Ou caso haja um acordo entre as partes?)

b. *\*Eu comprei dois pares de sapatos novos*, [caso você precise de um]? (Ou caso eu tenha que decidir qual usar no casamento?)

(107) a. *Os objetivos serão alcançados* [desde que haja a colaboração de todos]? (Ou

desde que a meta esteja clara?)

b. *\*Eu te ajudo em tudo* [desde que eu esteja bem comigo mesma]? (Ou desde que você me ajude também?)

### Causais

(108) a. *Eu estou resfriado* [porque não me agasalhei adequadamente]? (Ou por que tomei chuva ontem?)

b. *\*Eu estou resfriado* [porque meu nariz está escorrendo]? (Ou por que deixei de me agasalhar?)

(109) a. *\*Vamos tomar um banho de piscina* [já que está calor]? (Ou já que estamos de férias?)

(110) a. *\*A direção contratou novos funcionários* [uma vez que o quadro atual era escasso]? (Ou uma vez que as vendas aumentaram?)

### Concessivas

(111) a. *\*Luciana dançou muito* [embora estivesse com o pé quebrado]? (Ou embora estivesse cansada?)

(112) a. *\*Eu amei esse bolo* [ainda que o recheio estivesse salgado]? (Ou ainda que fosse um sabor que eu não gostava?)

(113) a. *\*Eu concordei com o contrato* [mesmo que não tivesse entendido algumas cláusulas]? (Ou mesmo não tendo compreendido nada?)

### Proporcionais

(114) a. *Você vai se apaixonar por essa autora* [à medida que conhecer sobre sua vida]? (Ou à medida que falarem sobre ela?)

(115) a. *O comércio reabriu* [à proporção que a imunização aumentou]? (Ou à proporção que os empregos cresceram?)

### Conformativas

(116) a. *Joaquim realizou as tarefas* [conforme constava no manual dos alunos]? (Ou conforme orientação do professor?)

b. *\*Todos fizeram o trabalho de português*, [conforme a diretora nos contou]? (Ou conforme pedia o roteiro?)

(117) a. *Organizamos a festa de despedida* [como havíamos combinado]? (Ou como Pedro quis fazer?)

b. *\*O número de pessoas insatisfeitas com o governo dobrou*, [como mostram as pesquisas]? (Ou como foi percebido pelo povo?)

(118) a. *Raquel decorou seu apartamento* [segundo as orientações do pai]? (Ou segundo as recomendações da mãe?)

b. *\*O número de desemprego aumentou* [segundo as estatísticas]? (Ou segundo o avanço da pandemia?)

### Finais

(119) a. *Temos que chegar mais cedo no salão* [para que os cozinheiros possam entrar]? (Ou para que não haja atrasos?)

b. \**Eu me dediquei muito nesse evento* [para que você fique sabendo]? (Ou para que você não reclame de nada?)

(120) a. *Decidimos te matricular nesse curso* [a fim de que consiga seus objetivos]? (Ou a fim de que você aprenda mais sobre esse assunto?)

### Modais

(121) a. *O ladrão conseguiu fugir* [sem que fizesse barulho]? (Ou sem que deixasse pistas?)

(122) a. *Os hóspedes se sentiram no hotel* [como se estivessem em casa]? (Ou como se fossem especiais?)

(123) a. *O marido tratou a esposa* [como deveria ser tratada]? (Ou como uma rainha?)

### Locativa

(124) a. Bruno fica [onde se sente bem]? (Ou onde lhe convém?)

b. \* *O baú fica no canto da sala* [onde sempre esteve]? (Ou onde o colocaram ontem?)

### 3.2.4 Comentando os resultados

Analisando os resultados dos testes aplicados acima, podemos propor que, no PB, também existem dois tipos de orações adverbiais. Uma vez que aplicamos os mesmos testes de Haegeman (2012), vamos manter a tipologia adotada pela autora, classificando, como *centrais*, as orações que geraram sentenças gramaticais – adjungidas, portanto, num tratamento tradicional, internamente ao VP –, e, como *periféricas*, as adverbiais que geraram sentenças agramaticais – soldadas, assim, externamente ao domínio do VP, provavelmente em CP.

O que pode ser evidenciado, e que também pode ser depreendido na análise de Lobo (2013) para o português europeu, é que existem (i) algumas circunstâncias/conectores que podem aparecer tanto nas *centrais* quanto *periféricas*, (ii) algumas circunstâncias que podem ser apenas *centrais* enquanto outras apenas *periféricas*, e (iii) alguns conectores que podem ser apenas *centrais* e outros apenas *periféricos*.<sup>20</sup>

Quanto ao primeiro caso, podemos destacar as orações *temporais*, *condicionais*, *conformativas* e *locativas*, que mantêm o comportamento diante dos três testes com todos os conectores analisados. Se nos atentarmos aos exemplos (56a), (59a), (70a) e (78a) do teste da clivagem, por exemplo, percebemos que a oração adverbial – introduzida pelos conectores *quando*, *se*, *conforme* e *onde*, respectivamente – modifica ou agrega uma circunstância – de *tempo*, *condição*, *conformidade* e *lugar* – à oração matriz à qual se relaciona mesmo após o

<sup>20</sup> Sobre como casos de aparente homonímia (no léxico) – na verdade, sobre como casos em que uma mesma forma é subespecificada no léxico e, portanto, compatível com mais de uma posição na estrutura – são tratados em Cartografia, ver Tescari Neto (2021, p. 99, nota 9).

movimento em estruturas de clivagem.

Já nas sentenças (56b), (59b), (70b) e (78b), com os mesmos conectores, não há a mesma relação de *tempo*, *condição*, *conformidade* e *lugar* entre oração adverbial e o evento da oração matriz. Como assumido por Haegeman (2012) que nesses casos trata-se de orações adjungidas externamente ao VP, provavelmente em CP<sup>21</sup>, e responsáveis por alguma informação do discurso, essa relação não é de fato esperada. O que se tem nesses casos são comentários a respeito da proposição feita na oração matriz, ou seja, nesses casos as orações adverbiais não modificam o evento, mas sim o discurso, acrescentando-lhe informações a respeito.

Quanto ao segundo tipo de comportamento analisado, temos as orações *concessivas*<sup>22</sup>, *proporcionais* e *modais*, que parecem não variar entre os dois tipos de orações adverbiais. As *concessivas*, como pode ser observado pelos testes, apresentam apenas o comportamento esperado pelas orações *periféricas*, não podendo ser clivadas e nem estando sob o escopo dos operadores de foco e interrogativo, fato que converge com a análise de Lobo (2013) para o português europeu. No inglês, a conjunção ‘*although*’, que introduz uma oração contrastiva e que pode ser traduzida em PB também como *embora*, é apontada por Endo & Haegeman (2019) como sendo “especializada por introduzir orações adverbiais periféricas” (2019, p. 1), o que pode ratificar nossa análise. Dessa forma, podemos propor que as orações *concessivas* seriam sempre voltadas ao discurso e não ao evento, introduzindo uma proposição semântica e pragmaticamente oposta à proposição da oração matriz sem, no entanto, alterá-la.

Já as *proporcionais* e as *modais* estariam diretamente ligadas ao *evento* proposto na oração *matriz* – ou seja, são apenas *centrais*. No caso das *proporcionais*, este comportamento já era esperado pelo fato de, mesmo se tratando de conectores *isolados*, este tipo de oração adverbial tem a função de pontuar aumento ou diminuição em relação ao que é proposto na oração matriz de forma concomitante e paralela (Rocha Lima, 2011, p. 103); por isso, está

---

<sup>21</sup> O texto de Haegeman (2012), como já mostrado no capítulo 2, sugere que as orações periféricas sejam adjungidas ao CP, o que será assumido em nossa argumentação a fim de estabelecer um contraste com as orações centrais. Como as orações periféricas não são o foco de nossa pesquisa, não estabeleceremos um lugar preciso de soldagem para elas.

<sup>22</sup> As orações *concessivas* parecem corresponder a mais de uma categoria e, conseqüentemente, ocupar mais de um lugar na estrutura. Mínimamente, elas podem ser *concessivas de conteúdo*, de *ato de fala* e *epistêmicas*. Dessa forma, assim como as orações centrais *temporais*, por exemplo, que podem ocupar mais de uma posição na hierarquia dos circunstanciais, pode haver também mais de uma posição para as *concessivas* na hierarquia das *periféricas*. Vale ressaltar a discussão em Frey (2020) e Haegeman (2020) sobre as NonIcs, um tipo de oração adverbial que estaria em uma posição alta, até fora do domínio oracional (cf. 2.1.3), que pode contemplar algum tipo de orações *concessivas* ou até outras consideradas *periféricas*. Agradeço a professora Patrícia de Araujo Rodrigues, membro da banca, por levantar esse ponto.

sempre atrelada ao evento da oração à qual se relaciona. O mesmo pode se dizer das *modais*, que têm a função de indicar o *modo/maneira* como o fato expresso na oração *matriz* é realizado (Rocha Lima, 2011, p. 100). Desse modo, a relação entre a oração adverbial *modal* e a oração *matriz* é inerente, não sendo de fato esperado que esse tipo oracional não esteja ligado ao evento.

O terceiro comportamento observado, que diz respeito àquelas circunstâncias que variam entre *centrais* e *periféricas* de acordo com o conector que as introduzem, compreende as orações *causais* e  *finais*. Nesses casos, há conectores que podem variar, como é o caso de *porque* e *para que*, enquanto há conectores que figuram apenas como *centrais* – *a fim de que* – ou como *periféricos* – *uma vez que* e *já que*.

Quanto aos conectores *porque* e *para que*, eles podem tanto representar a *causa* ou *finalidade* do fato proposto na oração *matriz*, quanto introduzir um comentário por parte do enunciador sobre o fato da oração à qual estão relacionados. No caso de *a fim de que*, parece que sua função é apenas assinalar a finalidade do evento da oração *matriz*, portanto, somente está relacionado ao *evento*. Comportamento oposto têm os conectores *uma vez que* e *já que*, que têm um caráter inerentemente *pressuposicional* e implicam uma assunção por parte do falante (Lobo, 2013, pp.181-182).

Dessa forma, chegamos então ao quadro abaixo com as orações adverbiais testadas e seus respectivos conectores após a aplicação dos testes:

<b>Tipologia das orações subordinadas adverbiais e seus conectores em PB</b>			
<b>CENTRAIS</b>	<b>Clivagem</b>	<b>Operador de foco</b>	<b>Operador Interrogativo</b>
<i>Temporais</i>			
Quando	✓	✓	✓
Enquanto	✓	✓	✓
sempre que	✓	✓	✓
<i>Condicionais</i>			
Se	✓	✓	✓
Caso	✓	✓	✓
desde que	✓	✓	✓
<i>Causais</i>			
Porque	✓	✓	✓
<i>Proporcionais</i>			

à medida que	✓	✓	✓
à proporção que	✓	✓	✓
<b><i>Conformativas</i></b>			
Conforme	✓	✓	✓
Como	✓	✓	✓
Segundo	✓	✓	✓
<b><i>Finais</i></b>			
para que	✓	✓	✓
a fim de que	✓	✓	✓
<b><i>Modais</i></b>			
sem que	✓	✓	✓
como se	✓	✓	✓
Como	✓	✓	✓
<b><i>Locativas</i></b>			
Onde	✓	✓	✓
<b>PERIFÉRICAS</b>			
<b><i>Temporais</i></b>			
Quando	*	*	*
Enquanto	*	*	*
sempre que	*	*	*
<b><i>Condicionais</i></b>			
Se	*	*	*
Caso	*	*	*
desde que	*	*	*
<b><i>Causais</i></b>			
Porque	*	*	*
já que	*	*	*
uma vez que	*	*	*
<b><i>Concessivas</i></b>			
Embora	*	*	*
mesmo que	*	*	*
ainda que	*	*	*
<b><i>Conformativas</i></b>			

Conforme	*	*	*
Como	*	*	*
Segundo	*	*	*
<i>Finais</i>			
para que	*	*	*
<i>Locativas</i>			
Onde	*	*	*

**Figura 17 – Quadro sinóptico com o comportamento de cada oração e conector adverbial diante dos testes (Fonte: elaboração própria)**

O quadro acima resume o comportamento sintático das orações adverbiais em PB quanto a seu lugar de soldagem. O que se pretende concluir com esses resultados, e com a teoria aqui escolhida – Haegeman (2012) – é que em português brasileiro, assim como em inglês, para além das diferentes leituras semânticas (veiculadas por cada distinta categoria ou classe – temporais, condicionais, causais, etc.), as orações adverbiais – centrais e periféricas – se diferenciam também quanto ao lugar que ocupam na estrutura da sentença matriz a qual se relacionam.

O que é assumido por Haegeman (2012) – e que não será foco de análise nessa pesquisa – é que as orações periféricas são “discourse-related”, e, portanto, dessa forma, devem ser adjungidas<sup>23</sup> à camada do CP. Essa camada funciona como a interface entre a proposição estabelecida pelo TP e o discurso (Rizzi, 1997) e é responsável por definir o tipo de oração (declarativa, interrogativa, etc) e sua finitude (infinitivo ou não). Para além dessas questões, a camada do CP também é responsável por informações como *comentário*, *pressuposição* entre outras funções relacionadas ao discurso (Rizzi, 2017).

A hipótese de que seria no CP o local das periféricas é endossada pelos testes acima aplicados, uma vez que, como já mencionado (cf. cap. 2 e seções anteriores deste capítulo), todos os testes afetam apenas constituintes internos ao domínio da camada do TP. As orações *centrais*, em contrapartida, seriam, de acordo com a autora, relacionadas ao *evento* proposto pela oração principal, logo, ocupariam estruturalmente outro lugar de adjunção. Os testes, como mostram os resultados – e a tabela – acima, evidenciam que, de fato, as orações *centrais* figuram em algum lugar do TP.

<sup>23</sup> A hipótese de adjunção será discutida na seção 3.4 quando for proposto que as orações *centrais* entram na derivação acima de VP nas projeções dos especificadores circunstanciais.

Essa camada é dotada de alguns traços que modificam o evento – expresso pelo verbo (na camada do VP) –, como por exemplo, o tempo em que o evento ocorre, o aspecto desse evento (perfectivo ou imperfectivo) e o modo (indicativo, subjuntivo etc.). Então, como um lugar da estrutura diretamente ligado ao evento, faz sentido pensar, dentro da proposta de Haegeman (2012), que, de fato, é nessa posição em que estão as orações *centrais*.

Com os resultados obtidos, portanto, e com a hipótese de que as orações *centrais* são modificadoras do evento e figuram em algum lugar do TP, na próxima seção pretende-se propor onde de fato seria esse “lugar”, olhando para os PPs adverbiais que também têm a função de modificadores de evento e, para a proposta de Schweikert (2005) e Cinque (1999, 2006) que os colocam acima de VP como especificadores de projeções funcionais.

Os dados do PB apontam, como será discutido a seguir, que as orações adverbiais *centrais* podem ser, assim como os PPs, uma forma de realização das categorias circunstanciais correspondentes.

### **3.3 Orações adverbiais centrais são soldadas na mesma posição que AdvPs e PPs adverbiais na sequência-funcional**

Como já apontado no capítulo 1 dessa pesquisa, a cartografia sintática pode oferecer um ferramental teórico bastante sólido e que permite fundamentar nossa conjectura segundo a qual as orações adverbiais centrais e os AdvPs e PPs adverbiais são realizações distintas das mesmas categorias funcionais e, portanto, devem entrar, na derivação sintática, no mesmo lugar de soldagem, i.e., no especificador das categorias correspondentes em Cinque (1999).

Para isso, lançaremos mão de dois instrumentos diagnósticos muito importantes para a teoria: o ‘teste da ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021) que, no espírito de Kayne (2005), mostra que há espaço para apenas um elemento para cada categoria funcional (cf. 3.3.1), e o teste da coordenação, que, no sentido oposto, possibilita que dois elementos com o mesmo traço funcional possam coocorrer numa mesma sentença – justamente por contarem, os elementos coordenados, como uma mesma posição na estrutura – sem que cause prejuízos à gramaticalidade da mesma.

### 3.3.1 ‘Teste de coocorrência’: advérbios (sintagmas adverbiais) e/ou locuções adverbiais (sintagmas preposicionais) vs. orações adverbiais *centrais*

Como já abordado no capítulo 1, a Cartografia Sintática oferece expedientes metodológicos capazes de compreender a história derivacional de uma sentença, desde o local de primeira soldagem dos constituintes – *soldagem externa* – até o último movimento destes constituintes – *soldagem interna* – para a posição necessária para a valoração/checagem dos traços envolvidos na derivação.

Uma diretriz metodológica da Cartografia é o princípio estipulado por Kayne (2005), “One Feature, One Head” (cf. cap. 1), segundo o qual a GU impõe que há apenas um elemento lexical ou funcional para cada traço sintático interpretável. Nesse sentido, e como já abordado no capítulo 2, parece que o comportamento sintático das orações adverbiais apontado pelos gramáticos como sendo similar ao dos advérbios e das locuções adverbiais/sintagmas preposicionais – no que diz respeito à possibilidade de sintaticamente atuarem como adjuntos adverbiais, o que “traduzido” em termos gerativo-cartográficos na possibilidade de as orações adverbiais atuarem, à semelhança dos AdvPse PPs adverbiais, como modificadores em IP – revela-se de fato plausível quando aplicado o ‘teste da ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021).

O que se propõe aqui é que apenas as orações adverbiais *centrais* teriam o mesmo comportamento dos advérbios (AdvPs) e das locuções adverbiais (PPs), sendo, portanto, responsáveis por exprimirem o mesmo traço sintático que esses outros constituintes podem exprimir. Nesta seção, então, mostraremos, através do teste da ocorrência (Tescari Neto, 2021), que as orações adverbiais *centrais* não podem coocorrer com advérbios e locuções adverbiais do mesmo importe semântico, evidenciando que são constituintes que competem pelo mesmo lugar na história derivacional de uma sentença, além de mostrar que as orações adverbiais *periféricas*, como já mostrado na seção anterior, figuram em outro lugar da sentença, por isso não podem ser consideradas em paralelo aos advérbios e locuções adverbiais que entram em posições adjacentes ao VP.

O que vale ressaltar quanto aos testes é que a impossibilidade de ocorrência só acontece quando há dois constituintes – orações adverbiais, advérbio e locuções adverbiais com o mesmo importe semântico, ou seja, exprimindo a mesma circunstância; caso sejam constituintes com importes semânticos distintos, o que se espera é que a coocorrência seja possível. Ilustremos esse resultado com as orações *temporais* e *causais*:

- (125) a. *O funcionário correu para o trabalho* [quando percebeu que estava atrasado].  
 b. *O funcionário correu para o trabalho* [ontem].  
 c. \**O funcionário correu para o trabalho* [ontem] [quando percebeu que estava atrasado].  
 d. \**O funcionário correu para o trabalho* [quando percebeu que estava atrasado] [ontem]
- (126) a. *O funcionário correu para o trabalho* [quando percebeu que estava atrasado] [por causa de seu chefe, que era muito rigoroso]

Os exemplos acima são fundamentais para deixar claro os resultados que pretendemos alcançar através do teste da ocorrência. As sentenças (125a-b) representam, respectivamente, um período composto por uma oração adverbial *central* que modifica o evento<sup>24</sup> da oração *matriz* – ‘*correr para o trabalho*’ –, adicionando uma circunstância de *tempo* a ele, e um período simples com um advérbio que modificaria o evento da mesma forma.

Em (125c-d), dizemos que a sentença é agramatical se assumirmos que tanto o advérbio ‘*ontem*’ quanto a oração adverbial estejam modificando o evento da oração à qual se relacionam, atribuindo-lhe uma circunstância de *tempo*. As sentenças podem até ter uma leitura gramatical, o que faria alguém questionar a validade do teste e da proposta aqui defendida. Entretanto, a gramaticalidade só consegue ser alcançada caso se interprete o constituinte à direita modificando o constituinte imediatamente à esquerda, e não a oração a conter o evento principal. No caso, a oração adverbial em (125c) funcionaria como uma oração relativa, especificando o advérbio ‘*ontem*’, que a antecede, enquanto no caso de (125d), o advérbio estaria relacionado ao evento da oração adverbial à esquerda, e não ao evento da oração matriz.

Um outro ponto que deve ficar claro com os exemplos temporais acima é o fato de que, assim como Scott (2002) cindiu a categoria *size* em outras duas categorias, ao estabelecer a hierarquia dos adjetivos, (ver discussão cap. 1) – utilizando o teste da ocorrência e detectando que um adjetivo de *peso* e um de *altura* podiam ocorrer na mesma sentença – é possível compreender a circunstância de *tempo* em outras categorias, como por exemplo *tempo anterior*, *tempo simultâneo* e *tempo posterior*<sup>25</sup> (Quirk, 1985; Lobo, 2013). O teste de coocorrência atesta essa possibilidade

<sup>24</sup> Para Haegeman (2012, p. 7), há duas camadas da estrutura ligadas diretamente ao evento, o VP que, segundo a autora, estabelece as propriedades centrais do evento, e o TP, que é responsável pelas propriedades de tempo, aspecto e modo.

<sup>25</sup> Cinque (1999) estabelece três projeções distintas de tempo, nomeadamente  $T_{anterior}$ ,  $T_{past}$  e  $T_{future}$ .

(127) a. *O funcionário correu para o trabalho* [após o almoço] [quando percebeu que estava atrasado].

A sentença em (126a) se comporta da mesma forma que em (126a), em que, apesar de se tratar de dois constituintes circunstanciais – que aqui consideramos ocupar o mesmo lugar na estrutura –, eles expressam circunstâncias diferentes – *tempo* e *causa* em (126a), e *tempo posterior* e *tempo simultâneo* em (127a) – seguem uma hierarquia, como proposto por Schweikert (2005) e Cinque (2006), que será tratada na próxima seção deste capítulo. Casos como (126a) não serão abordados nessa pesquisa; aqui consideraremos a circunstância temporal de maneira geral, ficando essas particularidades para pesquisas futuras.

Vale, antes, ressaltar que, para ter um resultado mais preciso, colocaremos para coocorrer as orações adverbiais e os demais constituintes nas duas ordens possíveis – oração adverbial precedendo os advérbios e/ou locuções adverbiais e vice-versa. Passemos, então, aos testes de ‘coocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021).

### Temporais

(128) a. *\*Eu arrumei a casa* [quando meu pai fazia almoço] [durante a novela].

a'. *\*Eu arrumei a casa* [durante a novela] [quando meu pai fazia almoço].

(129) a. *\*Os estudantes se esforçam mais* [sempre que o ano está acabando] [todo final de ciclo]

a'. *\*Os estudantes se esforçam mais* [todo final de ciclo] [sempre que o ano está acabando].

### Condicionais

(130) a. *\*Eu ingressarei na universidade* [se estudar muito] [só com reza brava.].

a'. *\*Eu ingressarei na universidade* [só com reza brava] [se estudar muito].

(131) a. *\*Marília fechará o negócio* [caso todas as suas exigências sejam atendidas] [somente com um contrato mais claro].

a'. *\*Marília fechará o negócio* [somente com um contrato mais claro] [caso todas as suas exigências sejam atendidas].

(132) a. *\*Os objetivos serão alcançados* [desde que haja a colaboração de todos] [somente com espírito de equipe].

a'. *\*Os objetivos serão alcançados* [somente com espírito de equipe] [desde que haja a colaboração de todos].

### Causais

(133) a. *\*Eu estou resfriado* [porque não me agasalhei adequadamente] [por causa do frio].

a'. *\*Eu estou resfriado* [por causa do frio] [porque não me agasalhei adequadamente].

### Proporcionais

(134) a. *\*Você vai se apaixonar por essa autora* [à medida que conhecer sobre sua vida] [mês a mês].

(135) a. \*O comércio reabriu [à proporção que a imunização aumentou] [pouco a pouco]<sup>26</sup>.

### Conformativas

(136) a. \**Joaquim realizou as tarefas* [conforme constava no manual] [de acordo com as orientações do portal do aluno].

a'. \**Joaquim realizou as tarefas* [de acordo com as orientações do portal do aluno] [conforme constava no manual].

(137) a. \**Organizamos a festa de despedida* [como havíamos combinado] [segundo as regras do local].

a'. \**Organizamos a festa de despedida* [segundo as regras do local] [como havíamos combinado].

(138) a. \**Raquel decorou seu apartamento* [segundo as orientações do pai] [conforme o gosto da família].

a'. \**Raquel decorou seu apartamento* [conforme o gosto da família] [segundo as orientações do pai].

### Finais

(139) a. \**Temos que chegar mais cedo no salão* [para que os cozinheiros possam entrar] [para o cumprimento do horário].

a'. \**Temos que chegar mais cedo no salão* [para o cumprimento do horário] [para que os cozinheiros possam entrar].

(140) a. \**Decidimos te matricular nesse curso* [a fim de que consiga seus objetivos] [para o seu bem].

a'. \**Decidimos te matricular nesse curso* [para o seu bem] [a fim de que consiga seus objetivos].

### Modais

(141) a. \**O ladrão conseguiu fugir* [às pressas] [sem que fizesse barulho].

a'. \**O ladrão conseguiu fugir* [sem que fizesse barulho] [às pressas].

(142) a. \**Os hóspedes se sentiram no hotel* [como se estivessem em casa] [à vontade].

a'. \**Os hóspedes se sentiram no hotel* [à vontade] [como se estivessem em casa].

(143) a. \**O marido tratou a esposa* [como deveria ser tratada] [carinhosamente].

a'. \**O marido tratou a esposa* [carinhosamente] [como deveria ser tratada].

### Locativa

(144) a. \**Bruno vai esperar sua namorada* [lá] [onde combinaram].

a'. \**Bruno vai esperar sua namorada* [onde combinaram] [lá].

O teste evidencia o comportamento já esperado, gerando apenas sentenças agramaticais quando orações adverbiais *centrais* coocorrem com advérbios ou locuções adverbiais que expressam a mesma circunstância. Este resultado pode ser tomado como base para nossa argumentação de que se tratam de constituintes que competem pelo mesmo lugar na estrutura – Spec das projeções circunstanciais (Cinque, 1999, 2006; Schweikert, 2005).

<sup>26</sup> Bechara (2006:307), ao arrolar as circunstâncias que podem ser introduzidas pela preposição *a*, considera as construções “um *a* um; mês *a* mês; pouco *a* pouco” como como circunstâncias de *distribuição proporcional, gradação*.

### 3.3.2 O teste da coordenação

O teste da coordenação pode ser tomado também como diagnóstico da assunção aqui feita de que orações adverbiais centrais, AdvPs, DPs adverbiais e PPs adverbiais seriam constituintes com o mesmo traço circunstancial e ocupariam o mesmo lugar na estrutura. Haegeman (2012) lança mão desse expediente para argumentar em favor de sua tese de que haveria dois tipos distintos de orações adverbiais baseada em Huddleston e Pullum (2006), que afirmam que a coordenação só é possível com dois constituintes coma mesma função, assumindo que constituintes que fizeram a *soldagem* em diferentes posições na estrutura, não podem ser coordenados (2012:165).

Nessa esteira, a autora usa desse princípio para mostrar que orações adverbiais *centrais* só podem ser coordenadas com orações adverbiais *centrais* (144), sendo agramatical a coordenação entre *centrais* e *periféricas* (145); logo, as orações *periféricas* só conseguem se coordenar com outras orações do mesmo tipo.

(145) *The woods were yellowing* [before autumn had come] and [while the sun was still hot].

‘Os bosques estavam amarelando antes de o outono chegar e enquanto o sol ainda estava quente’

(146) \*[While the lawsuit challenging the legitimacy of lethal injection probably won’t stop the use of lethal injection altogether] and [while the Supreme Court decides what to do], it will certainly delay its use.

‘Embora a ação judicial que questiona a legitimidade da injeção letal provavelmente não interrompa totalmente o uso da injeção letal e, enquanto a Suprema Corte decide o que fazer, ela certamente atrasará seu uso.’

(Haegeman, 2012:165)

O mesmo comportamento é válido quando coordenamos *centrais* e *periféricas* no português brasileiro: gramaticalidade quando as sentenças são do mesmo tipo e agramaticalidade quando são de tipos distintos. Nas sentenças (146), em que há duas orações *centrais*, e (147), com a ocorrência de duas orações *periféricas*, não há prejuízos para a gramaticalidade; já em (148), em que há, respectivamente, uma oração adverbial *central* e uma *periférica* coocorrendo, gera-se agramaticalidade para a sentença.

(147) *Eu ingressarei na universidade* [se estudar muito] e [caso haja vagas suficientes].

(148) *Luciana dançou muito* [embora estivesse com o pé quebrado] e [mesmo estando de atestado médico].

(149) *\*Eu ingressarei na universidade* [se estudar muito] e [embora eu não esteja confiante].

Se de fato *centrais* se coordenam com *centrais* e *periféricas* com *periféricas* porque têm a mesma função e ocupam o mesmo lugar da estrutura, como argumentado por Haegeman (2012), podemos lançar mão do teste da coordenação para embasar nossa assunção de que orações adverbiais *centrais*, AdvPs e PPs têm sua *soldagem* no mesmo lugar. Para isso, vamos aplicar esse teste às sentenças em que aplicamos o teste da ocorrência na seção anterior, coordenando as orações *centrais* com os constituintes com os quais elas estão coocorrendo; o que se espera é que a coordenação resolva a agramaticalidade.

### **Temporais**

(150) *Eu arrumei a casa* [enquanto meu pai fazia almoço] e [durante a novela].

(151) *Os estudantes se esforçam mais* [sempre que o ano está acabando] e [todo final de ciclo]

### **Condicionais**

(152) *Eu ingressarei na universidade* [se estudar muito] e [só com reza brava].

(153) *Marília fechará o negócio* [caso todas as suas exigências sejam atendidas] e [somente com um contrato mais claro].

(154) *Os objetivos serão alcançados* [desde que haja a colaboração de todos] e [somente com espírito de equipe].

### **Causais**

(155) *Eu estou resfriado* [porque não me agasalhei adequadamente] e [por causa do frio].

### **Proporcionais**

(156) *Você vai se apaixonar por essa autora* [à medida que conhecer sobre sua vida] e [no decorrer da leitura da sua obra].

(157) *O comércio reabriu* [à proporção que a imunização aumentou] e [pouco a pouco]

### **Conformativas**

(158) *Joaquim realizou as tarefas* [conforme constava no manual] e [de acordo com as orientações do portal do aluno].

(159) *Organizamos a festa de despedida* [como havíamos combinado] e [segundo as regras do local].

(160) *Raquel decorou seu apartamento* [segundo as orientações do pai] e [conforme o gosto da família].

### **Finais**

(161) *Temos que chegar mais cedo no salão* [para que os cozinheiros possam entrar] e [para o cumprimento do horário].

(162) *Decidimos te matricular nesse curso* [a fim de que consiga seus objetivos] e [para o seu bem].

### **Modais**

(163) *O ladrão conseguiu fugir* [às pressas] e [sem que fizesse barulho].

(164) *Os hóspedes se sentiram no hotel* [como se estivessem em casa] e [à vontade].

(165) *O marido tratou a esposa* [como deveria ser tratada] e [carinhosamente].

### Locativa

(166) *Bruno fica* [onde se sente bem] e [na casa da avó].

O resultado dos testes converge com nossa hipótese de que orações adverbiais *centrais* igualmente podem modificar, assim como PPs e AdvPs de mesma categoria, uma mesma porção da estrutura, nomeadamente, a “oração matriz”.<sup>27</sup> Nesse sentido, se tomarmos como base o que é assumido por Haegeman (2012) e o princípio do *One Feature One Head* (Kayne, 2005), é correto admitir que as orações adverbiais sejam soldadas no especificador da categoria correspondente na hierarquia de Cinque (1999, 2006).

### 3.4 O lugar de soldagem dos PPs circunstanciais e das orações adverbiais

Como já apontado e testado por Haegeman (2012) – ver discussão capítulo 2 –, as orações adverbiais *centrais* parecem figurar em algum lugar dentro do TP ou do VP, uma vez que somente elas – e não as *periféricas* – são sensíveis aos testes de foco e escopo – que determinam a posição dos constituintes (dentro ou fora de TP) – aplicados pela autora. O mesmo espera-se das orações *centrais* em português brasileiro, uma vez que os testes mostraram um comportamento igual com dados dessa língua (cf. seção 3.2.4).

Se de fato os testes de coocorrência e de coordenação apresentam resultados válidos, como se acredita nesta pesquisa por serem dois expedientes metodológicos que resultaram em pesquisas muito consistentes dentro da cartografia e da gramática gerativa em geral, é válido propor que as orações adverbiais *centrais* tenham seu lugar de soldagem no mesmo lugar da estrutura que os advérbios e sintagmas preposicionais, estabelecido por Schweikert (2005) e Cinque (2006).

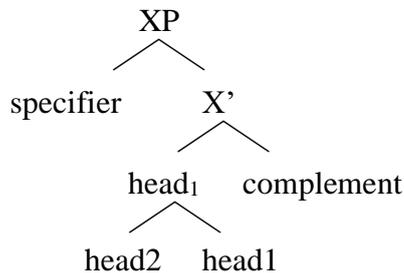
Em Cinque (1999), o autor faz uma distinção entre o que ele denomina *AdvPs proper* e *adverbials* (ou *circumstantial*), sendo este último, segundo o autor, modificadores de eventos, que seguem os complementos do VP e abrangem vários elementos: tempo, maneira, razão etc. (pp. 28-29). Uma das características apontadas por Cinque, neste livro, é que os *adverbials* – que aqui consideraremos como as locuções adverbiais – teriam uma liberdade na estrutura, não tendo uma ordem rígida e fixa como ela estava propondo para os advérbios

<sup>27</sup> Antecedentes dessa linha de análise já estão presentes nas gramáticas tradicionais: os gramáticos consideram que as orações adverbiais exercem a mesma função sintática de advérbios e locuções adverbiais o que estamos traduzindo, em termos gerativistas, como “ocupando a mesma posição na estrutura” (o que nos remete à faceta propriamente cartográfica da posição desses constituintes na sequência-f) e, conseqüentemente, modificando o constituinte ou porção da estrutura sob seu escopo.

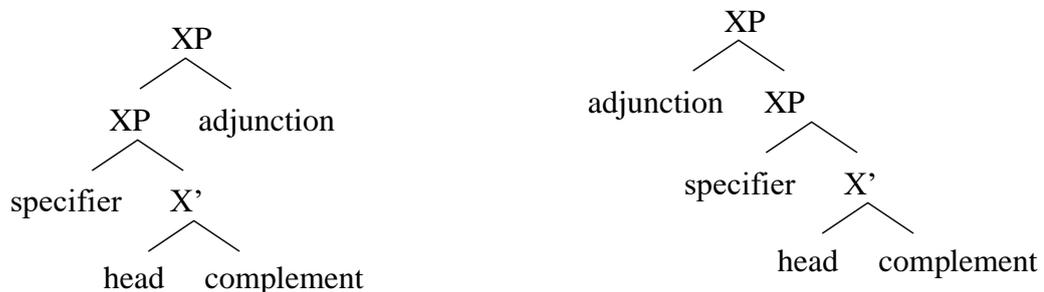
nesta obra em que argumenta pela existência de uma estrutura hierárquica universal.

Além dessa assunção, muito comum na gramática gerativa como um todo, esses constituintes circunstanciais, assim como os adjetivos – e por muito tempo também os advérbios –, não eram considerados “necessários” para a sentença – em oposição aos argumentos internos e externos do verbo –, fato, inclusive, que foi incorporado pelas gramáticas tradicionais que ainda hoje tratam esses constituintes como *termos acessórios*. Dessa forma, o que se afirmava – e ainda é afirmado por muitos teóricos – era que esses constituintes entravam na sentença sendo adjungidos, dobrando-se a categoria onde ocorre a adjunção; trabalhos dos anos 80 e 90 concebiam – e muitos concebem inclusive hoje – que os modificadores entravam na sentença em relação de adjunção no núcleo (*Head adjunction*) ou em projeções máximas (*XP-adjunction*), sem um limite para adjunções, podendo um segmento ser, *a priori*, adjungido a uma categoria tanto à direita quanto à esquerda (Schweikert, 2005).

Head adjunction:



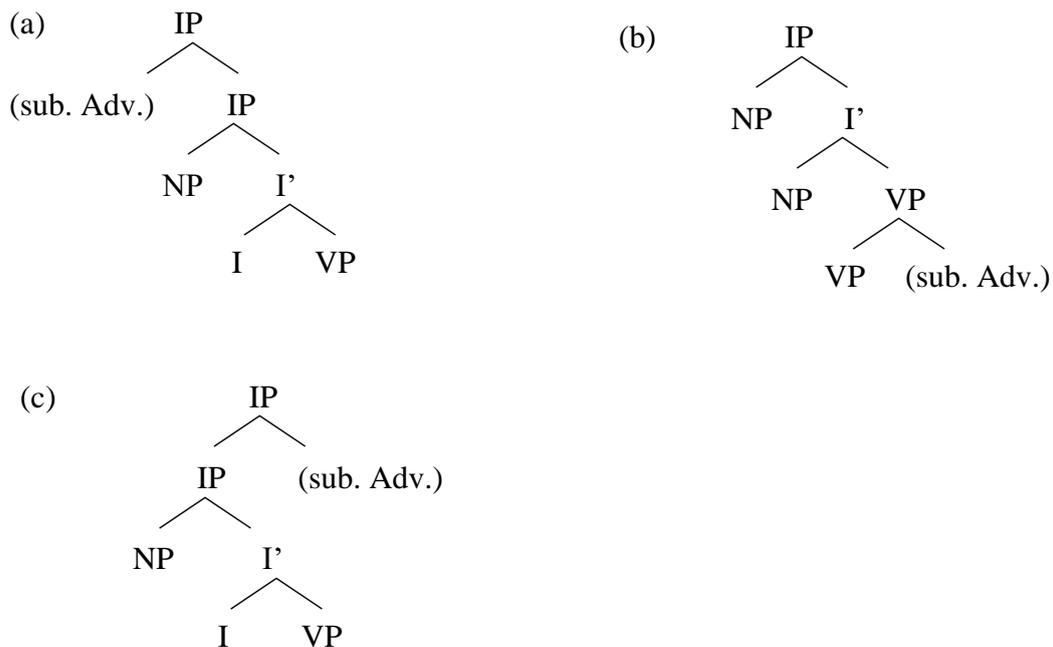
XP-adjunction:



**Figura 18 – Adjunção ao núcleo (Head adjunction) e adjunção a projeções máxima à esquerda e à direita (XP-adjunction), respectivamente (Fonte: Schweikert, 2005, pp.17-18)**

Do mesmo modo, as orações subordinadas adverbiais têm sido tratadas na literatura,

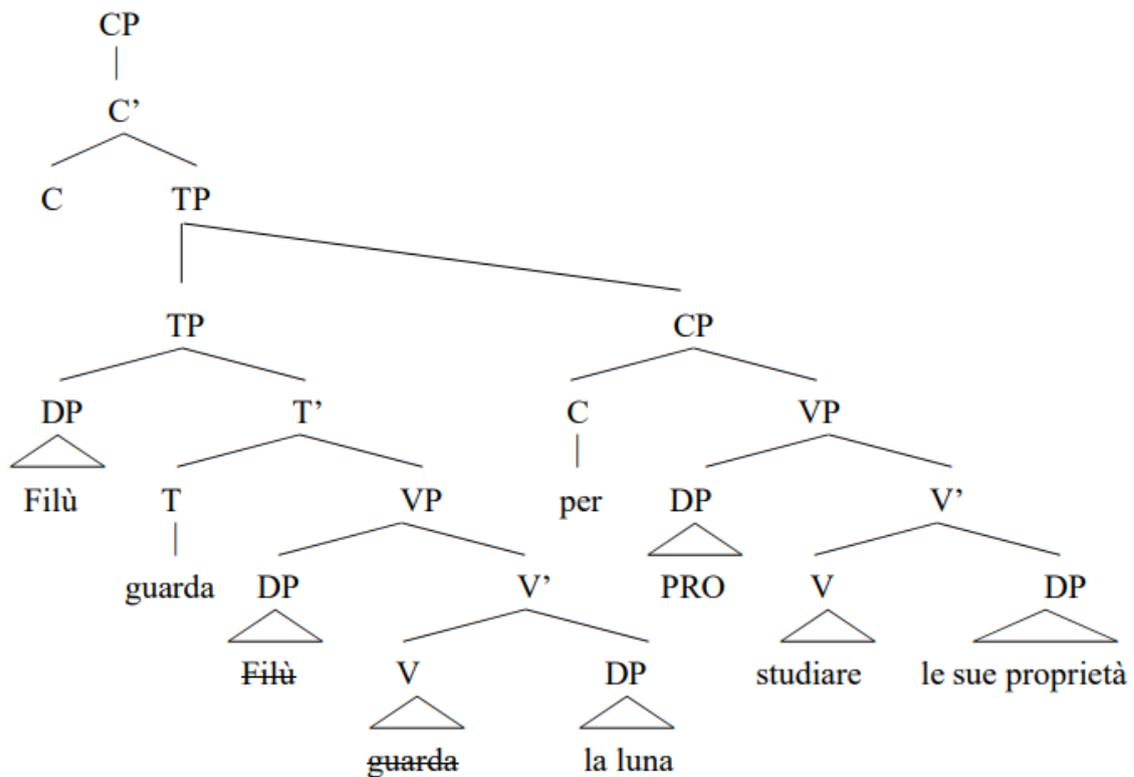
seguindo a mesma regra de adjunção na estrutura que as locuções adverbiais, uma vez que fazem a função de advérbio das orações às quais se relaciona, também como adjuntos. Mateus et. al. (2003:702-703) propõem três possíveis estruturas de adjunção para as orações adverbiais a depender de como elas são linearizadas: (i) se estiver em primeira posição (165a) e (ii) se estiver em posição final (fig. 14b e 14c)<sup>28</sup>.



**Figura 19– (a) Adjunção de oração adverbial anteposta; (b) e (c) adjunção de oração adverbial posposta (Fonte: adaptado de Mateus et. al., 2003, pp.702-703).**

Donati (2008, p. 202) também assume o expediente da adjunção ao tratar das orações subordinadas adverbiais, afirmando que a posição de adjunção depende da interpretação, sendo necessária a reduplicação do nó em que consta o constituinte que será modificado pela oração.

<sup>28</sup> Mateus et. al. (2003) utilizam a nomenclatura SFLEX (sintagma flexional) para referir-se à camada I, SV (sintagma verbal), para a VP e SN (sintagma nominal), para NP.

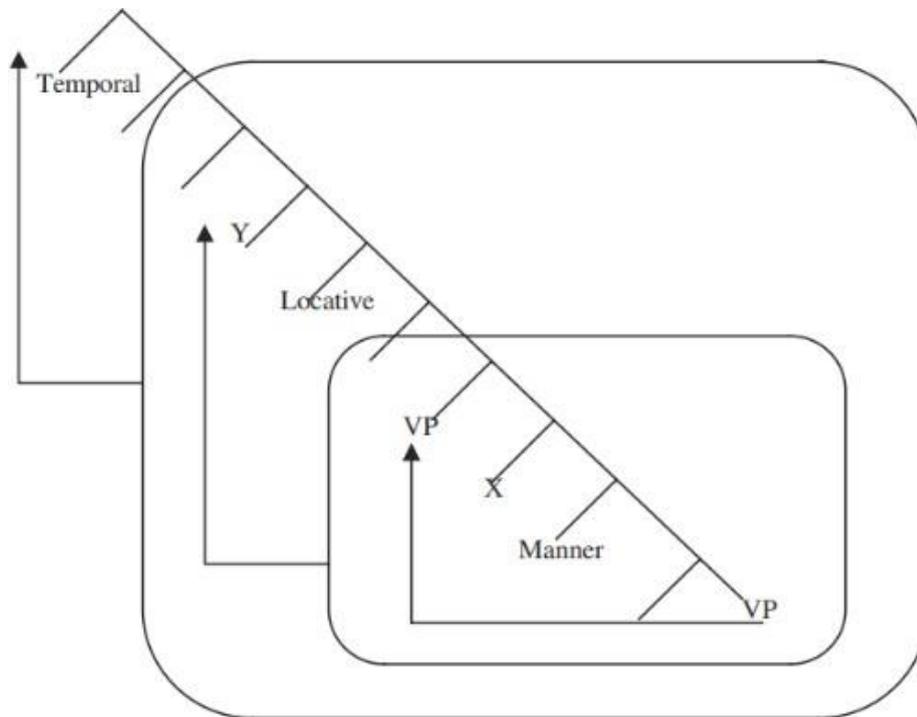


**Figura 20 – Representação sintática da adjunção de uma oração subordinada adverbial (Fonte: adaptado de Donati, 2008, p. 202).**

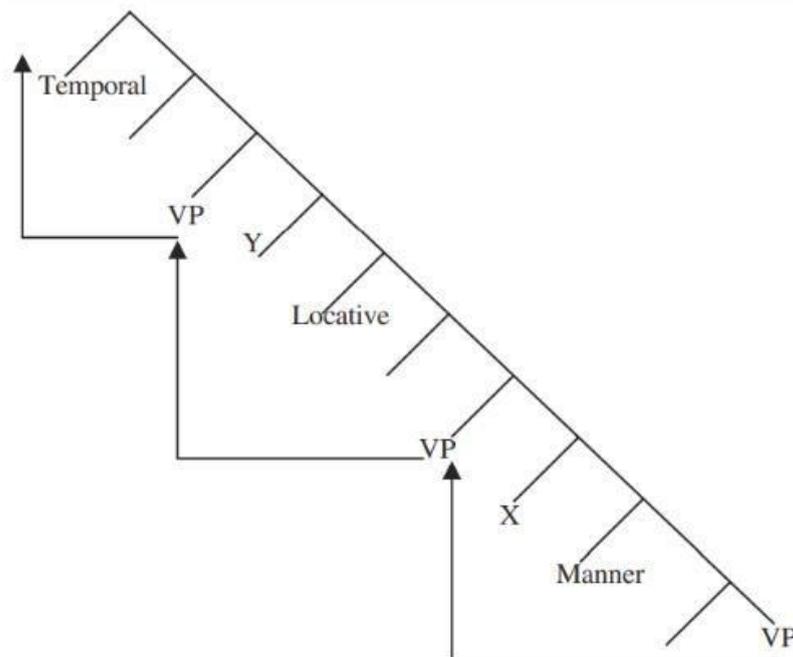
Essa assunção da teoria de adjunção amplamente assumida, no entanto, é questionada, de um ponto de cartográfico, pois o que se propõe, desde Cinque (1999), é que a GU conte com uma sequência de categorias funcionais hierarquicamente ordenadas (cf. discussão cap. 1), o que daria conta de explicar certas restrições quanto a ordem de alguns constituintes. Em outras palavras, em uma teoria que assume adjunção – que ainda é muito usada, principalmente por trabalhos de base teórica minimalista (Chomsky, 1995) não seria possível, a priori, explicar por que certas ordens não são aceitas – são agramaticais – em determinadas línguas.

É nesse sentido que nos apoiaremos na Hierarquia dos PPs circunstanciais – muitas dessas categorias de circunstanciais inclusive tratadas pela tradição gramatical brasileira como *locuções adverbiais* – de Schweikert (2005) que propõe, após uma série de testes, que esses constituintes têm uma ordem fixa de soldagem externa. Baseado nessa proposta, Cinque (2006) estabelece o local exato em que os PPs entrariam na derivação, em uma única e universal ordem de *soldagem* (Temporais > Locativos > Modais > Complementos > VP), com duas possíveis maneiras em que o VP poderia subir, assim atestando as outras ordens encontradas: (i) com *pied-piping* (fig. 15) levando consigo o PP logo acima – que domina o

nó do VP – derivando a ordem inversa (VP > Complementos > Modais > Locativos > Temporais), ou (ii) sem *pied-piping* (fig. 16), com o VP subindo por sobre os PPs.



**Figura 21 – Representação sintática de derivação com pied-piping de uma sentença com PPs circunstanciais (Fonte: Cinque, 2006, p. 154).**



**Figura 22– Representação sintática de derivação sem pied-piping de uma sentença com PPs circunstanciais (Fonte: Cinque, 2006, p. 155).**

Apesar dessa possível inversão, o autor mostra que a ordem de base, se tomarmos o par *Temp – Loc*, por exemplo, sempre vai ser com o PP temporal mais alto que o PP locativo:

- (167) a. Where did Hermann play every day?  
 b. When did Hermann play in every town?  
 (Cinque, 2006, p. 156)

- (168) a. Onde Pedro jogou todos os dias?  
 b. Quando Pedro jogou em cada cidade?

De acordo com Cinque (2006), fundamentado no teste de Schweikert (2005), a sentença (167a), e estendemos a interpretação para (168a), são ambíguas, podendo haver duas possibilidades de respostas, dependendo do escopo do *quantificador universal* ‘every’ (‘todos’, ‘cada’): na primeira leitura, a resposta para a pergunta pode ser ‘*Hermann played every day in Cambridge*’ (ou ‘*Pedro jogou todos os dias em São Paulo*’); quanto à segunda leitura, a resposta pode ser ‘*On Monday Hermann played in Cambridge, on Tuesday in Basingstoke...*’ (o que corresponde em PB a ‘*Na segunda, Pedro jogou em São Paulo, na quarta, no Rio de Janeiro...*’) (Cinque, 2006, p. 156).

O fato de o *quantificador universal* ter escopo sobre o PP locativo é porque ele c-comanda o traço do elemento-wh movido e, mesmo o quantificador, na pergunta, estar modificando o PP temporal, uma vez que se assume que ele está mais alto na estrutura, faz com que seja possível comandar o elemento mais baixo.

Comportamento diferente apresenta o exemplo (167b), e (168b), seu correspondente em PB, que, segundo Cinque (2006, p.156), tem uma leitura única (ou preferencial), com uma possível resposta ‘*On Monday (Hermann played in every town)*’ (ou ‘*Na segunda (Pedro jogou em cada cidade)*’). A preferência por essa resposta ocorre pelo mesmo motivo que a ambiguidade relatada acima, no entanto, nesse caso, uma vez que o PP temporal é mais alto que o locativo, seu traço não é c-comandado pelo *quantificador*.

Um outro teste proposto por Schweikert (2005) para atestar a ordem de base que ele estabelece é denominado pelo autor como *Focus neutral order* (2005, p. 73). Para detectar qual seria a ordem entre dois PPs circunstanciais, uma pergunta genérica, do tipo ‘*What happened?*’ (‘*O que aconteceu?*’) teria como resposta a sentença com a ordem mais neutra, enquanto para obter a ordem inversa, somente por meio de uma pergunta com um constituinte. Por exemplo:

- (169) a. What did you do (yesterday)?  
 ‘O que você fez (ontem)?’

- b. “*I played* [in the park] [with a ball].”  
 ‘Eu brinquei no parque com uma bola.’  
 c. “*I played* [with a ball] [in the park].”  
 Eu brinquei com uma bola no parque.”

(Schweikert, 2005, p. 74)

De acordo com Schweikert (2005), ambas podem funcionar como respostas para a pergunta, no entanto, (169b) é uma sentença mais neutra, na ordem *PP locativo* > *PP instrumento*, ao passo que em (169c) a sentença é mais marcada com a ordem inversa. Por meio desses e outros testes, o autor chega à hierarquia abaixo:

(170) Evidential > Temporal > Locative > Comitative > Benefactive > Reason > Source > Goal > Malefactive > Path/Mean > Instrumental > Matter > Manner

(Schweikert, 2005, p. 74)

Cinque (2006) assume a ordem *LocPP* > *TempPP* para o inglês (2006:155-156), ou seja, a ordem inversa da hierarquia, alcançada, portanto, através de movimentos com *pied-piping*. Para o PB a ordem de base dos PPs circunstanciais não é o foco desta pesquisa; no entanto, se tomarmos os testes acima mencionados e as possíveis ordenações que os constituintes podem ter à direita de um núcleo (Cinque, 2006, p. 153), vamos assumir a ordem dos PPs circunstanciais em PB como sendo:

(171) Evidencial > Tempo > Local > Companhia > Beneficiário > Causa > Origem > Meta > Oposição > Caminho/Meio > Instrumento > Assunto > Modo > VP<sup>29</sup>

Para chegar a essa hierarquia então seria necessário o movimento do VP por sobre a ordem de base dos PPs circunstanciais, sem *pied-piping* (cf. fig. 16). Essa proposta tem como base o modelo de Cinque, que propõe, a partir do Universal de Greenberg, a ‘assimetria dos lados esquerdo e direito’ (Tescari Neto, 2021), que é representada pelo esquema abaixo da projeção estendida do nome (N):

- (172) a. Dem > Num > A > N  
 b. \*A > Num > Dem > N  
 c. N > Dem > Num > A  
 d. N > A > Num > Dem

(Cinque, 2006, p. 153)

<sup>29</sup> Tradução nossa da Hierarquia dos PPs circunstanciais (em 169) a partir dos papéis temáticos escolhidos por Schweikert (2005, pp. 96-101)

Como pode ser observado, quando precedem o núcleo, os modificadores têm uma ordem de base (172a); já quando à direita do núcleo, os elementos podem tanto figurarem na estrutura na mesma ordem de base (172c), apenas com o movimento do núcleo, ou com a ordem inversa (172d), por meio do movimento do núcleo carregando consigo o elemento que o domina, ciclicamente, invertendo a ordem de base (movimento do tipo *whose picture*). Cinque (2006) atesta essa dupla possibilidade em línguas de núcleo inicial.

Aplicando-se os testes sugeridos por Schweikert (2005) a dados do PB, podemos notar que nossa hipótese de que (170) é a ordem de base dos PPs circunstanciais parece ser válida. É claro que um estudo mais robusto deve ser feito para afirmações mais concretas a respeito da ordem, mas já é o suficiente para os propósitos desta pesquisa, que visa a investigar se as orações adverbiais têm o mesmo lugar de *soldagem* que os advérbios e os PPs.

(173) a. O que aconteceu?

b. *Pedro conheceu sua esposa* [ano passado<sub>temp</sub>] [em uma viagem<sub>loc</sub>] [através de um amigo<sub>meio</sub>].

(174) a. Onde Pedro conheceu sua esposa?

b. *Pedro conheceu sua esposa* [em uma viagem<sub>loc</sub>] [ano passado<sub>temp</sub>] [através de um amigo<sub>meio</sub>].

(175) a. Através de quem Pedro conheceu sua esposa?

b. *Pedro conheceu sua esposa* [através de um amigo<sub>meio</sub>] [ano passado<sub>temp</sub>] [em uma viagem<sub>loc</sub>].

O exemplo (173) pode atestar nossa hipótese de que essa seria a ordem de base no PB. Levando-se em conta o teste do *focus neutral order* ('*foco da ordem neutra*'), aplicado por Schweikert (2005) para detectar em que ordem os constituintes aparecem de forma mais '*natural*' (ou *neutra*) ou mais *marcada*, a sentença em (173b) parece ser a resposta mais neutra para uma pergunta genérica como em (173a), com a ordem *Temp > Loc > Meio*. Os exemplos em (174) e (175) atestam outras ordens possíveis – *Loc > Temp > Meio* e *Meio > Temp > Loc* – em PB; no entanto, essas ordens são mais *marcadas*, uma vez que, como pôde ser visto nos exemplos, elas foram alcançadas por meio de perguntas que *focalizavam* o constituinte movido.

A troca da ordem de base, além de uma sentença mais marcada, pode gerar ambiguidade estrutural, ocasionada por questões de escopo. Em (174b), por exemplo, o PP temporal pode tanto ter uma leitura em que modifica o evento da oração matriz ('*conhecer a*

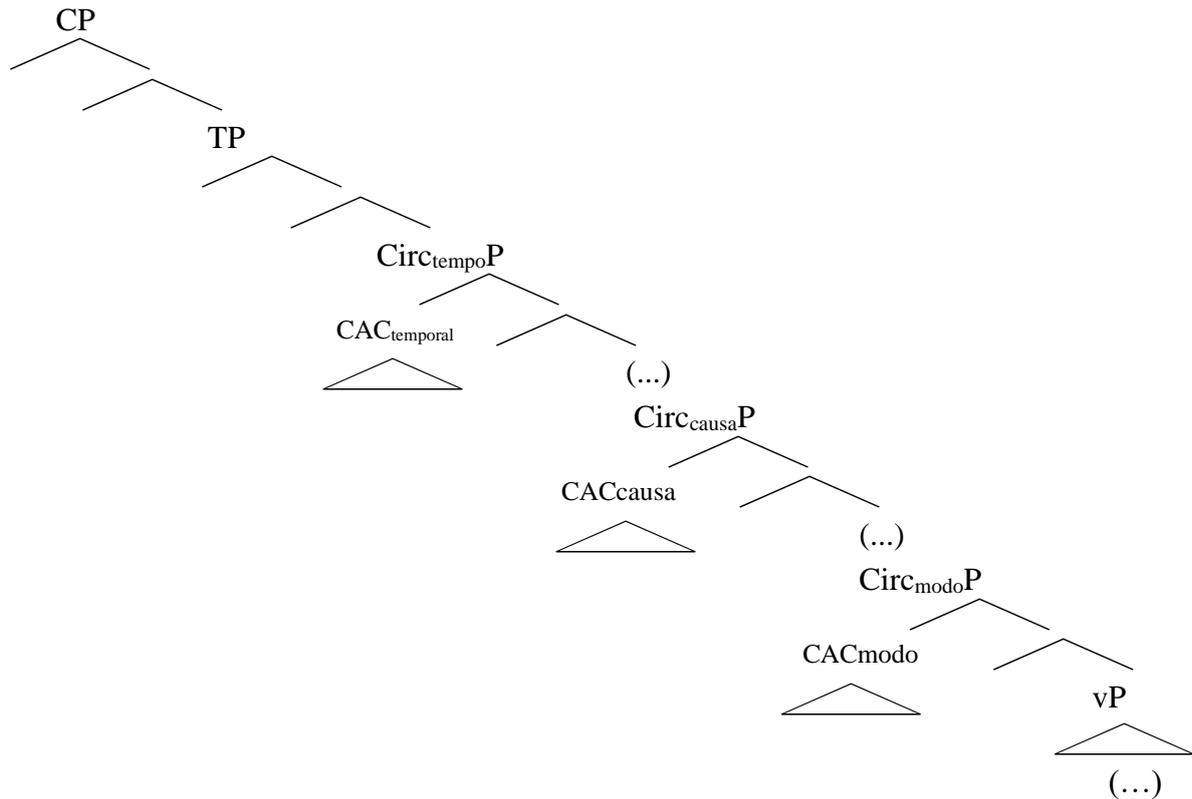
*esposa*'), quanto pode modificar o constituinte que o antecede, no caso, expressar que '*a viagem*' ocorreu '*ano passado*'.

Baseado no que foi apresentado, vamos assumir a ordem da hierarquia dos PPs circunstanciais para o PB como a representada em (171). A partir disso, vamos argumentar que as orações adverbiais *centrais* também ocupam a mesma posição na estrutura.

### **3.4.1 O lugar de soldagem externa das orações adverbiais *centrais***

Nosso percurso ao longo deste capítulo procurou evidenciar que as orações adverbiais centrais ocupariam a mesma posição estrutural que PPs e AdvPs a exprimirem as mesmas categorias (i.e., a veicularem o mesmo importe semântico/a mesma leitura circunstancial). Isso se traduziria, na terminologia da gramática tradicional, em dizer que as orações subordinadas adverbiais exercem a mesma função dos advérbios (cf. cap. 2). Já em termos da gramática gerativa, sugerimos que orações adverbiais centrais entram na derivação no mesmo lugar que os PPs circunstanciais, logo acima do VP, no especificador de projeções funcionais.

Portanto, no lugar de representações como as ilustradas na figuras 6 (cf. cap. 2) e 14 e 15 (seção 3.5), assumiremos uma representação estrutural em que as orações adverbiais *centrais* têm posições distintas de soldagem, a depender da categoria por elas veiculada – i.e., do seu subtipo ou classe semântica –; essas categorias seriam as mesmas que as categorias da sequência-f (Cinque 1999, 2006; Schweikert 2005); cada subtipo de subordinada adverbial entraria, portanto, no especificador correspondente, conforme o esquema abaixo:



**Figura 23 – Representação do local de soldagem das orações adverbiais centrais (Representação própria)**

Vale ressaltar, a respeito da representação acima, e que também é válida para a hierarquia das projeções funcionais de Cinque (1999), que os PPs circunstanciais não estão todos na estrutura de uma sentença em todas as derivações; na verdade, entra na estrutura apenas aquela projeção para a qual há material na numeração e, havendo mais de uma categoria na numeração, a ordem expressa na figura guiará o momento de entrada dos constituintes na derivação consoante a hierarquia subjacente (vide Tescari Neto, 2019, 2021).

Um ponto que merece ser destacado antes de continuarmos com nossa argumentação, é que as leituras semânticas das orações adverbiais *centrais* que assumimos nessa pesquisa não convergem totalmente com as leituras semânticas dos PPs circunstanciais da hierarquia de Schweikert (2005). O que temos claramente são as orações adverbiais *temporais*, *locativas*, *causais*,  *finais* e *modais* que ocupariam, respectivamente, as projeções de *tempo*, *local*, *causa*, *meta* e *modo* – nessa ordem de base. As orações adverbiais *condicionais*, *conformativas* e *proporcionais* não teriam um lugar na estrutura dos PPs circunstanciais; no entanto, de acordo com o próprio Schweikert (2005, p. 96), provavelmente há muitos outros ‘papéis temáticos’.

### 3.5 Argumentos em favor da soldagem das orações adverbiais no Spec das projeções circunstanciais (Schweikert, 2005; Cinque, 2006)

#### 3.5.1 Tescari Neto (2017) – posição dos advérbios focalizadores

Haegeman (2012) estabelece como um dos critérios para argumentar em favor da hipótese de que as orações adverbiais *centrais* figurariam em algum lugar dentro do TP a possibilidade de elas serem afetadas por um advérbio focalizador como *only* (cf. seção 2.3). Na seção 3.2.2, lançamos mão desse mesmo expediente metodológico para mostrar que há orações adverbiais em PB que também podem ser afetadas por advérbios focalizadores – e que determinamos tratar-se das *centrais* na tipologia de Haegeman (2012) – enquanto outras não podem – a que determinamos tratar-se das *periféricas*.

Lobo (2013), ao testar *orações centrais e periféricas – não periféricas e periféricas* na tipologia dela – recorre também aos operadores de foco para explicar as diferenças estruturais entre esses dois tipos de orações adverbiais. O que a autora argumenta, baseada em Bayer (1999), é que a partícula focalizadora ocuparia uma posição pré-VP e, por esse fato, constituintes soldados em posições muito periféricas não estariam sob o foco, isto é, não seriam c-comandados por tais partículas, ao passo que os constituintes não periféricos seriam afetados.

Outro ponto importante apontado por Lobo (2013) é que, segundo ela, “a partícula focalizadora ocupa uma projecção funcional em que tem escopo sobre o constituinte focalizado na sua posição de base” (Lobo, 2013, p. 171), ou seja, não seria necessário nenhum movimento para que o constituinte afetado seja c-comandado pelo advérbio focalizador. Esse argumento pode ser favorável à nossa proposta de lugar de soldagem para as orações adverbiais se tomarmos como base Tescari Neto (2017) que procura integrar os advérbios focalizadores em PB à Hierarquia das Projeções Funcionais de Cinque (1999).

O foco da argumentação de Tescari Neto (2017) é mostrar evidências de que as cinco classes semânticas de advérbios focalizadores – nomeadamente (i) restritivos de exclusão, (ii) restritivos particularizadores, (iii) aditivos escalares, (iv) aditivos não escalares e (v) inclusivos (Tescari Neto, 2017, p. 48) – são ordenadamente rígidas e fixas na estrutura sentencial. Recorrendo a testes de transitividade, no espírito de Cinque (1999) (cf. cap. 1), o autor chega à seguinte hierarquia – ordem de base – dos advérbios focalizadores:

(176) de inclusão (*inclusive*) > particularizadores (*particularmente*) > aditivo não escalar (*também*) > aditivo escalar (*até*) > de exclusão (*só*)

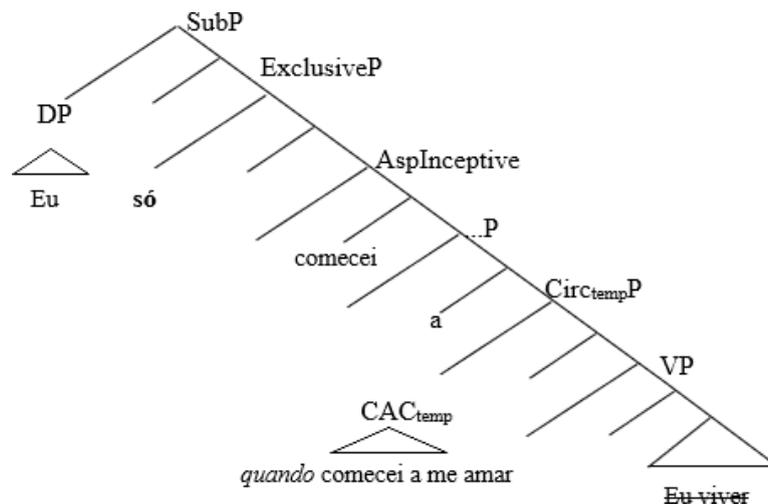
Na sequência, o autor usa novamente do expediente metodológico da transitividade para determinar a posição dos advérbios focalizadores – seguindo a ordem de base em (176) – de forma integrada à hierarquia das projeções funcionais, chegando ao seguinte resultado:

[*geralmente* AspHabitual > [*finalmente* AspTardive > [*tendencialmente* AspPre-dispositional > [*de novo* AspRepetitive(I) > [***inclusive*** Inclusion > [***particularmente*** Particularizer > [***também*** Non-scalar additive > [***até*** Scalar additive > [***só*** Exclusive > [*frequentemente* AspFrequentative(I) > [*de gosto* ModVolitive > [*rapidamente* AspCelerative(I) > [*já* TAnterior > ...

**Figura 24 – Estrato da Hierarquia Universal de Cinque completada com os AdvPs focalizadores (Fonte: Tescari Neto, 2017, p. 80)**

Numa configuração estrutural como a que propomos aqui, em que as orações adverbiais são soldadas no especificador das projeções funcionais dos circunstanciais (fig. 17), conseguimos captar essa propriedade das orações *centrais*, já observadas em inglês (Haegeman, 2012), português europeu (Lobo, 2013) e português brasileiro (cap. 3 dessa dissertação). Uma sentença adverbial temporal, como (79a) – repetida aqui como – teria, como estrutura sentencial, então, o que se representa abaixo, na figura 19:

(177) *Eu só comecei a viver* [quando comecei a me amar].



**Figura 25 – Representação de uma oração adverbial temporal central sob o escopo de um advérbio focalizador (Representação própria).**

Dessa forma, se somarmos a proposta de Tescari Neto (2017) sobre a posição dos advérbios focalizadores à posição das orações adverbiais centrais que propomos aqui, conseguimos captar essa relação entre *oração central* e *advérbio focalizador* de maneira mais precisa e em perspectiva cartográfica (no sentido “estrito” (Tescari Neto, 2021)).

### 3.5.2 A posição baixa de foco e a economia computacional

Em PB, há algumas maneiras que podemos assumir que uma oração adverbial pode ser focalizada. Na sentença (178a) em que as orações adverbiais *temporal* e *final* seguem a ordem de base, assumimos que há uma leitura com entonação neutra – como discutido na seção anterior deste capítulo –; na sentença (178b), em que há a inversão da ordem de base, a oração *final* deve receber uma marcação na entonação, indicada na escrita pelo uso da vírgula, para que ambas as orações sejam interpretadas como modificando a oração matriz; assumimos, nesse caso, que a oração movida foi focalizada.

- (178) a. *Eu almoçarei* [quando chegar em casa] [para matar minha fome].  
 b. *Eu almoçarei*, [para matar minha fome], [quando chegar em casa].

Há, também, a possibilidade de focalizar a oração adverbial central, movendo-a para uma posição pré-verbal, como em (179a-b):

- (179) a. [Para matar minha fome] que *eu almoçarei* [quando chegar em casa] (e não para encher a barriga)  
 b. [Quando eu chegar em casa] que *eu almoçarei* [para matar minha fome] (e não quando sair do trabalho).

Guesser & Quarezemin (2013) assumem que a estratégia de focalização *Foco + que* pode ter como interpretação focal o *foco contrastivo*<sup>30</sup>, o mesmo exemplificado nas sentenças em (179). Nessa configuração, assumimos que a oração adverbial encontra-se na posição de Spec FocP da periferia esquerda, no mesmo espírito que as autoras propõem para a focalização contrastiva do objeto na ordem OSV (Guesser & Quarezemin, 2013, p. 194).

<sup>30</sup> Guesser & Quarezemin (2013) assumem essa estratégia de focalização com essa interpretação focal para o sujeito e objeto. No entanto, uma vez que na sequência funcional as projeções circunstanciais – as quais assumimos também ser o lugar de soldagem das orações adverbiais – figuram logo acima das projeções dos argumentos externo e interno (respectivamente, o sujeito e o objeto da sentença), assumimos que os constituintes soldados nessas projeções seguem a mesma derivação.

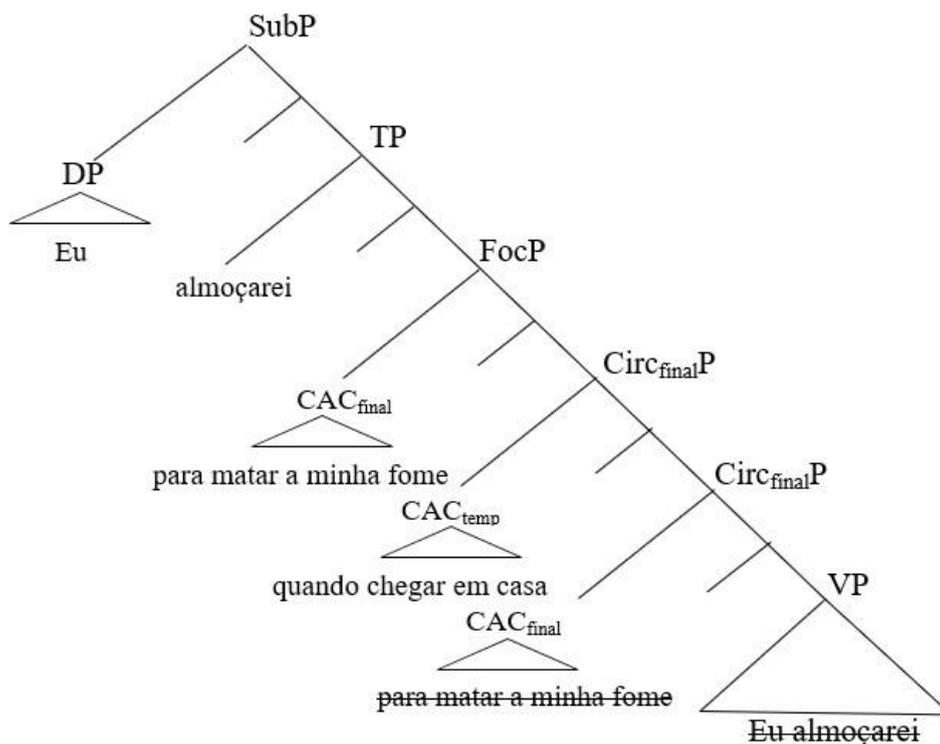
- (180) a. Eu comprei [o relógio].  
 b. [O relógio] que eu comprei (não a camisa).  
 c. [<sub>ForceP</sub> [<sub>FocP</sub> O relógio<sub>i</sub> ... [<sub>FinP</sub> que [<sub>IP</sub> eu comprei t<sub>i</sub>]]]]
- (181) a. Eu comprei [o relógio] [para dar de presente].  
 b. [O relógio para dar de presente] que eu comprei (e não a camisa para sortear).  
 c. [Isso] que eu comprei.

No exemplo em (180b), o argumento interno/objeto da oração vai para a posição de Spec da projeção FocP, como representado em (180c). Em (181b), o que foi movido para a projeção de Spec de FocP é um constituinte maior, formado pelo objeto mais a oração adverbial final; a pronominalização desse bloco em (181c), mostra que ele pode ser considerado como um único constituinte, ocupando, portanto, uma única posição na estrutura.

O que se quer argumentar com esses exemplos é que sentenças como (179), quando a oração adverbial está anteposta ao verbo, estão ocupando uma posição de foco na periferia esquerda. Mas e casos como (178b), em que a oração focalizada está em uma posição pós-verbal? Para esses casos, vamos assumir que a posição de foco ocupada pela oração adverbial central movida é na periferia baixa da sentença, acima de VP (Belletti, 2004).

- (182) [<sub>CP</sub> ... [<sub>TP</sub>..... [<sub>TopP</sub> ... [<sub>FocP</sub> FOC [<sub>TopP</sub> ..... VP]]]]]

Em uma estrutura como assumimos nessa pesquisa, atingir a ordem linear em que as duas orações adverbiais estão em uma posição pós-verbal, sendo que uma delas está em uma posição de foco (179b) é um processo computacional pouco custoso à derivação, uma vez que basta assumirmos que a oração adverbial central move-se do Spec das projeções funcionais, onde faz sua primeira soldagem, para a posição de Spec FocP da periferia de VP, sendo necessário um único movimento, como representado na figura abaixo:



**Figura 26 – Representação de uma oração adverbial temporal central na projeção de Spec FocP da periferia baixa (Representação própria).**

Se assumíssemos que o local de soldagem da oração adverbial fosse no nó do TP, em uma posição mais alta que a posição de foco da periferia baixa, teríamos que assumir, então, para atingir a ordem linear de (178b), que a oração adverbial iria para a periferia esquerda da oração e movimentos ulteriores de porções maiores da estrutura teriam que ser feitos para a linearização encontrada.

O exemplo (183b), ainda, mostra que é possível ter dois constituintes focalizados em posições diferentes, o que corrobora a nossa argumentação de que a oração adverbial pós-verbal parece ser focalizada na periferia baixa:

- (183) a. *Eu comerei* [um lanche], [para matar minha fome], [quando chegar em casa].  
 b. [Um lanche] que *eu comerei*, [para matar minha fome], [quando chegar em casa]. (e não uma pizza para encher a barriga)

Se levarmos em conta o que argumentamos acima, podemos assumir que o argumento interno/objeto '*um lanche*' move-se para a periferia esquerda na projeção de Spec FocP, enquanto a oração adverbial final '*para matar minha fome*' move-se para a posição de Spec FocP da periferia baixa.

Há ainda outro exemplo que nos faz acreditar que essa seria de fato a posição para focalização pós-verbal, e que ainda serve de argumento para a posição do advérbio focalizador,

como discutido acima. Na sentença (184), a oração adverbial final, mesmo fora da ordem de base, ainda está sob o escopo do advérbio focalizador:

(184) *Eu só almoçarei*, [para matar minha fome], [quando chegar em casa].

Isso é possível de uma maneira que não custe muito para a derivação se assumimos que (i) as orações adverbiais – pelo menos as centrais – nascem em uma posição baixa da estrutura – a posição de Spec das projeções circunstanciais –, (ii) a posição do advérbio focalizador é aquela apontada por Tescari Neto (2017) e (iii) a posição para a focalização da oração pós-verbal é na periferia baixa da sentença.

### 3.5.3 – Movimento e vestígio – seguindo a ordem de base

Como apontado na seção anterior, as orações adverbiais centrais podem ser movidas para serem focalizadas, seja na periferia esquerda ou na periferia baixa da sequência funcional<sup>31</sup>. No âmbito da Gramática Gerativa, o deslocamento de um constituinte de sua posição de base gera uma categoria vazia, o *vestígio*, que ocupa o lugar de primeira soldagem desse constituinte, onde ele é soldado e interpretado (Haegeman, 1997; Donati, 2008). Uma vez que essa posição de base está ocupada pelo *vestígio*, não é possível que outro constituinte seja soldado ou movido para lá.

Essa propriedade da estrutura sintática nos permite argumentar em favor de nossa proposta, pois nos possibilita detectar a posição de soldagem das orações adverbiais centrais nos especificadores de cada projeção circunstancial, seguindo uma determinada ordem. Para chegar a tal conclusão, analisemos os exemplos em (184):

- (185) a. *Eu almocei* [quando saí do trabalho<sub>temp</sub>] [porque estava com fome<sub>causa</sub>].  
 b. [Quando saí do trabalho<sub>temp</sub>], *eu almocei* [t<sub>temp</sub>] [porque estava com fome<sub>causa</sub>].  
 c. ?/\*[Quando saí do trabalho<sub>temp</sub>], *eu almocei* [no horário de descans<sub>PPtemp</sub>][porque estava com fome<sub>causa</sub>].  
 d. [Quando saí do trabalho<sub>temp</sub>], *eu almocei* [t<sub>temp</sub>] [neste restaurante<sub>PPloc</sub>][porque estava com fome<sub>causa</sub>].  
 e. \* [Quando saí do trabalho<sub>temp</sub>], *eu almocei* [porque estava com fome<sub>causa</sub>] [neste restaurante<sub>PPloc</sub>].<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Na esteira de uma periferia esquerda mais desenvolvida (Rizzi & Bocci, 2017), as orações adverbiais centrais podem ocupar outras posições, como TopP ou ModP. Não entraremos, no entanto, nessa discussão das diferentes posições que elas podem ocupar.

<sup>32</sup> A sentença (184e) é gramatical em PB. O símbolo de agramaticalidade representa o fato de que o PP locativo nessa posição não está modificando mais o evento da oração matriz, não ocupando, portanto, a projeção Spec

Em (185a) temos um período em que duas orações adverbiais centrais – *temporal* e *causal* respectivamente – sucedem a oração principal, seguindo a ordem de base proposta em (171); nessa ordem, as duas orações modificam o evento da oração principal. Em (185b), a oração *temporal* foi movida, deixando um vestígio ( $t_{temp}$ ) em sua posição de base, que não pode ser ocupada por outro constituinte, o que mostra a agramaticalidade de (185c)<sup>33</sup>, em que um PP *temporal* é inserido na mesma posição.

Já na sentença em (185d), a gramaticalidade é possível devido ao fato de que o PP *locativo* ocupa um outro lugar na estrutura, a posição de Spec  $Circ_{loc}P$ , não “disputando”, portanto, a mesma posição que a oração adverbial *temporal*. Essa sentença já nos auxilia na argumentação de que as orações adverbiais centrais devam ocupar lugares distintos na sequência funcional. O exemplo em (185e) já nos mostra que há uma ordem para que cada constituinte entre na derivação, uma vez que na ordem *causa* > *local*, não é possível alcançar a interpretação de que o PP ‘*neste restaurante*’ esteja modificando o evento da oração principal, uma vez que a interpretação alcançada é de que o PP *locativo* modifica, na verdade, o evento da oração causal que o antecede (‘*estava com fome neste restaurante*’, e não ‘*almocei neste restaurante*’).

Tomamos, então, o movimento e o vestígio como ferramentas diagnósticas em favor de nossa proposta, pois nos permitem detectar que cada oração adverbial central tem uma posição na estrutura sentencial, devendo ser soldada no especificador da projeção de sua respectiva circunstância. Podemos argumentar também, levando em consideração os exemplos em (185), que, apesar de a oração adverbial temporal ocupar a periferia esquerda, lá não é o lugar de primeira soldagem de uma oração adverbial central, pois, caso fosse, nada impediria que o PP *temporal* fosse inserido, já que ocupariam lugares distintos na estrutura. Na sentença em (186), em que há uma oração adverbial *periférica* – que segundo Haegeman (2012) encontra-se no CP –, o PP *temporal* poderia ser inserido normalmente, gerando a gramaticalidade da sentença.

(186) [Quando deveria estar de dieta<sub>PAC</sub>], eu almocei [no horário de descanso<sub>PPtemp</sub>][porque estava com fome<sub>causa</sub>].

---

$Circ_{loc}P$  do evento principal, mas sim do evento expresso na oração que a antecede.

<sup>33</sup> A agramaticalidade de (184c) é assumida nesse exemplo em uma leitura em que tanto a oração adverbial temporal quanto o PP circunstancial temporal modificam o evento da oração matriz (‘almoçar’) temporalmente. Assumimos ser agramatical, ou pelo menos marginal, a interpretação ‘almocei quando saí do trabalho’ e ‘almocei no horário de descanso’. No entanto, uma leitura gramatical pode ser alcançada se o PP circunstancial ganha uma entoação mais marcada.

## Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, aplicamos a metodologia cartográfica apresentada no capítulo 1 a dados do PB, no intuito de compreendermos se nessa língua haveria orações adverbiais com as mesmas propriedades sintáticas – pelo menos referente à soldagem externa – das CACs estabelecidas por Haegeman (2012) para o inglês. Na sequência, apresentamos argumentos em favor da hipótese de que orações adverbiais centrais e sintagmas preposicionais guardam um paralelismo sintático – já apontado pelos gramáticos brasileiros –, sendo, portanto, possível de assumirmos que as orações adverbiais centrais são soldadas, na sequência funcional, no SpecCircP semanticamente relacionado, i.e., nos especificadores de projeções que abrigam os sintagmas preposicionais circunstanciais.

Para isso, iniciamos o capítulo selecionando quais dados seriam testados, fazendo uma análise de gramáticas do português brasileiro (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011), a obras funcionalistas (Castilho, 2014; Rodrigues, 2017) e gerativistas (Mateus et al., 2003; Lobo, 2013) a fim de compreendermos quais leituras circunstanciais são descritas na literatura das orações adverbiais do português. Após a realização dessa triagem tipológica (*'typological screening'*, Tescari Neto, Lima & Bergamini-Perez, 2022), chegamos a 11 classes de orações adverbiais: *causais, consecutivas, concessivas, conformativas, comparativas, condicionais, finais, temporais, proporcionais, locativas, modais, agente da passiva*.

Analisando-se, posteriormente, as análises da sintaxe de tais classes, de acordo com os autores analisados, chegamos às classes de orações que foram contempladas nessa pesquisa (figura 15). A partir das classes que seriam testadas, bem como seus respectivos conectivos, foram selecionadas duas sentenças – que foram criadas para esta análise – para cada classe de oração (fig. 16).

Partimos, então, para os testes da metodologia cartográfica, mais especificamente, aos testes de *clivagem, operador de foco e escopo do operador interrogativo (alternativo)*. Os resultados obtidos nos permitiram chegar à conclusão de que em PB há orações com as mesmas propriedades sintáticas das CACs de Haegeman (2012), as quais denominamos, para o PB, *centrais*. Aplicamos às orações centrais, juntamente com respectivos sintagmas preposicionais de mesma leitura circunstancial, os testes de ‘coocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ e de coordenação, que apontaram para a ratificação de nossa hipótese de que ambas as estruturas teriam o mesmo lugar de soldagem.

Logo após, na sequência, apresentamos nossa proposta de derivação das orações

adverbiais centrais, em que cada oração, de acordo com sua respectiva classe semântica, entraria no especificador das projeções circunstanciais, seguindo a ordem de base estabelecida por Schweikert (2005) e Cinque (2006). Alguns argumentos em favor da nossa hipótese foram apresentados, dentre eles: (i) a posição do advérbio de foco ‘só’ (Tescari Neto, 2017) em PB, que capta a possibilidade de as orações centrais serem c-comandas por ele, em sua ordem de base, (ii) a periferia baixa da oração (Belletti, 2004), que assumimos ser o local de focalização das orações centrais em casos em que duas ou mais orações sucedem a oração principal (na leitura linear) e uma delas tem uma leitura focalizada e (iii) o vestígio e o movimento, que evidenciam que cada oração adverbial central tem uma posição na estrutura e que entram na derivação seguindo uma ordem de base.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado ao paralelismo direto entre orações adverbiais centrais e sintagmas preposicionais (e advérbios), ratificado pelos resultados dos testes de ‘ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ e coordenação, mais os argumentos apresentados na seção 3.7, concluímos que as orações adverbiais centrais entram na derivação, respeitando uma ordem de base, na posição de especificadores das projeções circunstanciais (Schweikert, 2005; Cinque, 2006), logo acima do VP. Para chegar a tal conclusão, procuramos chegar aos resultados de outros dois objetivos traçados nessa dissertação, concluindo, primeiramente, que (i) em PB há orações que podem ser classificadas como *centrais* – na tipologia de Haegeman (2012), e (ii) e que tais orações guardam um paralelismo sintático-semântico com a classe dos sintagmas preposicionais (PPs), podendo ser portanto considerados expressões da mesma projeção funcional.

No capítulo 1, mostramos de que forma o enriquecimento da estrutura sintática foi importante para os estudos em sintaxe, uma vez que a cisão das projeções funcionais possibilitou uma visão mais detalhada da derivação bem como uma explicação de várias ocorrências encontradas em diversas línguas naturais. Como mostrado, os estudos baseados na abordagem da Cartografia Sintática (Rizzi, 1997; Cinque, 1999; Scott, 2002; Schweikert, 2005) proporcionaram, para além de um enriquecimento na estrutura assumindo a existência de diversas projeções funcionais – para abrigar os constituintes pertencentes à mesma categoria, mas com leituras semânticas distintas –, uma proposta teórica que assume a existência de uma hierarquia rígida e fixa para essas projeções, que devem obedecer uma ordem de base ao entrar na derivação.

Como discutido, ainda nesse capítulo, ocorrências encontradas em diversas línguas naturais evidenciam que, por exemplo, os advérbios (Cinque, 1999), os adjetivos (Scott, 2002) e os sintagmas preposicionais (Schweikert, 2005) obedecem a uma ordem, sendo agramatical, inclusive, ocorrências em que a ordem não é obedecida. Para propor a existência dessas hierarquias, foi necessário recorrer a expedientes metodológicos que atestassem tal proposta e, como apresentado no capítulo 1, a abordagem cartográfica oferece um ferramental que possibilita que tal testagem seja feita.

Traçando esse caminho no capítulo 1, pudemos mostrar que assumir uma estrutura da sentença mais enriquecida, com mais projeções funcionais e com uma sequência hierárquica de ordem de base dessas projeções, permite que se consiga ter uma visão muito mais detalhada da derivação, além de ser possível captar com mais precisão ocorrências

observadas nas línguas naturais, como a ordem rígida e fixa dos advérbios, ou até mesmo variação entre as diversas línguas – como a subida do verbo no português brasileiro e no espanhol colombiano.

Na sequência, no capítulo 2, partimos então para uma análise do estado da arte da literatura das orações subordinadas adverbiais – que é o foco desta pesquisa. Iniciamos a análise observando as definições e propriedades apontadas por gramáticos da Tradição Gramatical, que além dos aspectos semânticos das orações subordinadas adverbiais – com foco para as conjunções que as introduzem – e de questões relacionadas à noção de subordinação dentro da Gramática Tradicional, já apontam para a existência de um paralelismo sintático entre as orações adverbiais e os advérbios e locuções adverbiais – aqui compreendido como sintagmas preposicionais.

Trouxemos também a análise da abordagem funcionalista em relação às orações adverbiais, que converge tanto com a tradição gramatical, ao assumir que se tratam de adjuntos da oração principal e que têm a função de ampliar a informação desta oração com informações adicionais, quanto com a gramática Gerativa, quando entende que processos sintáticos, como a focalização, podem ser diagnósticos do lugar de soldagem desses constituintes (Castilho, 2014). Há um ponto, no entanto, da abordagem funcionalista, que questionamos e que diz respeito ao fato de que essa abordagem, no espírito de Rodrigues (2017), deixa para o discurso as possíveis interpretações semânticas e até sintáticas da relação entre a oração adverbial e a matriz. Como já mostrado no capítulo 1, no âmbito da cartografia sintática, a estrutura sentencial já conta com diversas projeções com importe semântico próprio que é capaz de explicar tais ocorrências, sendo assim, um processo sintático por excelência.

Para finalizar esse capítulo, trouxemos a abordagem cartográfica de Haegeman (2012), que fundamenta essa pesquisa. Nessa abordagem, a autora faz uma distinção entre dois tipos de orações adverbiais – *centrais* e *periféricas* – que se distinguem de acordo com o local de soldagem e, conseqüentemente, com a função sintática na sentença, sendo as *centrais* responsáveis por modificarem o evento da oração principal, e as *periféricas* responsáveis por fornecer um *background* discursivo. Mostramos que Haegeman, então, para explicar tais diferenças, assume que as *centrais* estariam soldadas dentro do TP, enquanto as *periféricas* em algum lugar do CP – ambas em relação de adjunção.

Mostramos, porém, que posteriormente, Endo & Haegeman (2019) assumem que mais de duas posições seriam necessárias para abrigar as orações adverbiais que, segundo eles

– baseados em dados do japonês –, são soldadas em diversas posições em uma relação de “gradiência”, levando-se em conta sua estrutura interna. Ademais, incluímos na discussão Frey (2020), que também sob um ponto de vista gerativista, chega à conclusão que as orações *centrais* – foco desta pesquisa – são mais integradas na estrutura que os outros tipos.

Chegamos, então, ao fim deste capítulo, com algumas propriedades gerais das orações adverbiais que consideramos importantes. Iniciamos o capítulo 3 fazendo uma seleção dos dados com base na análise que fizemos da literatura no capítulo anterior. Com base em todos os tipos de orações adverbiais de acordo com a circunstância semântica encontradas na literatura, optamos por abordar nessa pesquisa as *condicionais, causais, concessivas, conformativas, proporcionais, finais, modais, locativas e temporais*. Sendo assim, elicitamos orações adverbiais introduzidas pelos principais conectivos encontrados na literatura e partimos para a testagem, no espírito de Haegeman, para determinar se em PB há também, no mínimo, dois tipos de orações adverbiais.

Após aplicar os testes de *clivagem*, de *operador de foco* e de *operador interrogativo* chegamos à conclusão que em PB há dois tipos de orações adverbiais – *centrais* e *periféricas* – no mesmo espírito Haegeman (2012), mostrado no capítulo 2. Concluimos também que, há tipos semânticos de orações adverbiais que podem ser apenas centrais, outros apenas periféricos; que há conectivos que são apenas centrais ou periféricos; e que há circunstâncias e conectores que podem ser tanto centrais quanto periféricos (ver discussão na seção 3.2.4).

Na sequência, a testagem se deu com as orações adverbiais que podem ser consideradas *centrais* juntamente com sintagmas preposicionais com a mesma leitura semântica, no intuito de argumentar que ambos exercem a mesma função sintática na oração e, portanto, devem ser soldados na mesma projeção funcional. Nossa hipótese se mostrou possível após os testes da ‘ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria’ (Tescari Neto, 2021) e da coordenação, uma vez que, no espírito do princípio One Feature One Head (Kayne, 2005), ficou evidenciado, após os resultados, que as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais não podem ocorrer na mesma sentença se ambos veiculam a mesma leitura semântica e competem pela posição de modificador do evento da oração matriz.

Uma vez que há, então, de fato, um paralelismo sintático entre as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais, concluímos que as orações adverbiais centrais poderiam ocupar a posição dos sintagmas preposicionais proposta por Schweikert (2005) e Cinque (2006), seguindo a mesma ordem de base ao entrar na derivação. Então, propusemos uma representação estrutural hierárquica para as orações adverbiais, em que elas entrariam na

derivação na posição de Spec das projeções circunstanciais semanticamente correspondentes.

Finalizamos o capítulo apresentando duas evidências em favor de nossa proposta, sendo a primeira delas a posição do operador de foco assumido por Tescari Neto (2017), que mostra que, na posição que assumimos para as orações adverbiais, a relação de escopo entre eles – que foi usada como diagnóstico por Haegeman (2012) para determinar o local de soldagem das orações centrais – é mais clara e detalhada.

Como outro argumento, usamos o fato de a possibilidade da oração adverbial central poder ser focalizada tanto em posição pré-verbal quanto em posição pós-verbal. Para a focalização em posição pré-verbal, assumimos que a oração vai para a posição de foco na periferia esquerda, enquanto para a focalização em posição pós-verbal, a oração iria para a posição de foco na periferia baixa (Belletti, 2004). Essa assunção se dá pelo fato de ser mais econômico para a derivação atingir a linearidade encontrada e também pela possibilidade de haver, na mesma sentença, uma oração focalizada na posição pré-verbal e outra na posição pós-verbal. Tal ocorrência pode ser explicada se assumimos que as orações adverbiais centrais entram na derivação na posição que assumimos nessa pesquisa.

Sendo assim, acreditamos que a presente pesquisa traga contribuições importantes tanto para a gramática gerativa, de um ponto de vista geral, quanto para a abordagem cartográfica – e, para tal programa, de uma maneira ainda mais inédita –, uma vez que distribui as orações adverbiais em projeções funcionais distintas, de acordo com a leitura semântica, além de estabelecer uma ordem de base para que cada uma entre na estrutura. Como vimos já no capítulo 1 dessa dissertação, estabelecer uma hierarquia bem como uma ordem de base para as categorias, possibilita definir o momento exato onde cada constituinte entra na derivação bem como deixar mais claro de que forma os constituintes se relacionam na sentença. Acreditamos, ainda, que a partir dessa configuração – que se trata do primeiro local de soldagem das orações adverbiais – é possível determinar com mais precisão possíveis movimentos ulteriores dessas orações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYER, J. *Bound Focus or How can Association with Focus be Achieved without Going Semantically Astray?* In G Rebuschi & L. Tuller, eds.; 55-82, 1999.

BAYER, J. *Asymmetry in emphatic topicalization*. In *Audiatur vox sapientiae*, ed. Caroline Féry and Wolfgang Sternefeld, 15–47. Berlin: Akademie Verlag, 2001.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2006.

BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

BELLETTI, A. *Aspects of the Low IP Area*. In: Luigi Rizzi (ed.) *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVAGUTI, A. P. Uma análise semântico-pragmática das construções condicional-concessivas no português do Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Linguística), UFSCar, 2018.

CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge: MIT Press, 1986.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. London: The MIT Press, 1995.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, G.; RIZZI, L. *Mapping Spatial PPs: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIAS, M.L.V.S.; RODRIGUES, V. V. *Justaposição: processo sintático distinto da coordenação e da subordinação?* In: RODRIGUES, V. V. (org.) *Articulação das orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ: 2017, pp 17-38.

DONATI, C. *La sintassi: regole e strutture*. il Mulino, Bologna, 2008.

- DUARTE, I. *Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional '500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil', Univ. Évora, 2000.
- ENDO, Y.; HAEGEMAN, L. Adverbial clauses and adverbial concord. *Glossa: a journal of general linguistics* 4(1): 48. 1–32, 2019.
- FREY, W. On the categorical status of different dependent clauses. Ms. ZAS Leibniz- Centre General Linguistics, Berlin, 2020.
- FRISON, L. *Le frasi scisse*. in L. Renzi, org.; cap. II. 3. ;194-225, 1988.
- GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. *Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro*. In *Revista Linguística*, v. 9, p. 188-208, 2013.
- HAEGEMAN, L. *Adverbial clauses, main clause phenomena and the composition of the left periphery*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E.C. *Gramaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.
- KAYNE, R.S. *Some notes on comparative syntax, with special reference to English and French*. In: CINQUE, G.; KAYNE, R.S. (Eds.). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 3–69.
- KRIFKA, M. *Quantifying into questions acts*. *Natural Language Semantics* 9, 2001, pp1–40.
- KURY, A.G. *Novas lições de análise sintática*. 9ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LARSON, R. K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry* 19, pp. 335-391,1988.
- LIMA, B.F. *A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias*. *Dissertação* (Mestrado em Linguística), UNICAMP, 2020.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. (Dissertação de Doutoramento em Linguística/Sintaxe). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.; FARIA, I.H. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. Editorial Caminho, Lisboa, 2003.

MIOTO, C. *Sobre o sistema CP no português Brasileiro*. Revista Letras, Curitiba, n. 56, p. 97-139. jul./dez. 2001. Editora da UFPR, 2001.

NODA, H. *Bun koosee* [Clause structures]. In Yutaka Miyazi (ed.), *Nihongo to nihongo kyooiku* [Japanese and Japanese education], 67–95. Tokyo: Meizi-syoin, 1989.

POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3), 1989, p. 365-474.

QUIRK, R. et. al. *A comprehensive grammar of the English language*. Essex: Longman Group, 1972.

QUIRK, R. et. al. *A grammar of contemporary English*. New York: Longman Inc., 1985.

RODRIGUES, V. V. (org.) *Articulação das orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ: 2017.

RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: Haegman, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, p. 282-337, 1997.

RIZZI, L.; BOCCI, G. *The left periphery of the clause – Primarily illustrated for Italian*. In: *The Willey Blackwell Companion to Syntax*, II edition, p.1-30, 2017.

SCHWEIKERT, W. *The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

SCOTT, Gary-John. *Stacked adjectival modification and the structure of nominal phrases*. In *The cartography of syntactic structures*. Vol. 1, *Functional structure in the DP and IP*, ed. by Guglielmo Cinque, 91–120. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Scienze del Linguaggio). Università Ca'Foscari di Venezia, Itália, 2013.

TESCARI NETO, A. *A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, p. 44-84, 2017.

TESCARI NETO, A. *Da posição do verbo temático em cinco variedades ibéricas*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, p. 737-770, 2019.

TESCARI NETO, A. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à cartografia sintática*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2021.

TESCARI NETO, A.; PERIGRINO, M. *O verbo e o substantivo em livros didáticos: contribuições da gramática gerativa às aulas de português*. Revista da Abralín, 17(1), 2018, p.152-191.

TESCARI NETO, A.; FORERO, F.P. *Do movimento do verbo finito e infinitivo em português brasileiro e espanhol colombiano: microvariação e cartografias*. Ms, UNICAMP, 2020.

TESCARI Neto, A.; LIMA, B. F.; BERGAMINI-PEREZ, J.F. 2022. *Diagnosing features in syntactic derivation: the role of adverbs*. Comunicação apresentada no AAFMI, University of Göttingen, Alemanha, maio de 2022.

### Apêndice 1 – Classes das orações adverbiais nas gramáticas do português brasileiro

<b>Categoria</b>	<b>Autores</b>	<b>Exemplo</b>
Causal	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“Não veste com luxo <b>porque o tio não é rico.</b> ” (Cunha e Cintra, 2008:619)
Conformativa	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Kury (2006).	“Todos procederem <b>conforme a ocasião ensejava</b> ” (Bechara, 2006:499)
Condicional	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“Tudo vale a pena <b>se a alma não é pequena</b> ” (Cunha e Cintra, 2008:620)
Comparativa	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“Ninguém ama a brandura <b>mais do que eu amo</b> ” (Kury, 2006:92)
Consecutiva	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“A rã inchou tanto, <b>que estourou</b> ” (Rocha Lima, 2011:350)
Concessiva	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“ <b>Embora chova</b> , sairei” (Bechara, 2008:497)
Final	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“Fiz-lhe um sinal <b>para que não insistisse [...]</b> ” (Kury, 2006:99)
Temporal	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Cunha e Cintra (2008); Kury (2006).	“ <b>Quando estiou</b> , partiram” (Cunha e Cintra, 2008:620)
Proporcional	Rocha Lima (2011); Kury (2006).	“A inundação aumentava à <b>medida que subiam as águas do rio</b> ” (Rocha Lima, 2011:354)
Locativa	Bechara (2006); Kury (2006).	“Não pode haver reflexão <b>onde tudo é distração</b> ” (Bechara, 2006:501)
Modal	Bechara (2006); Rocha Lima (2011); Kury (2006).	“Eu deixo a vida <b>como deixa o tédio</b> ” (Kury, 2006:100)

**Apêndice 2 – Classes das orações adverbiais na Linguística funcionalista e gerativista**

<b>Categoria</b>	<b>Autores</b>	<b>Exemplo</b>
Causal	Mateus et. al. (2003); Lobo (2013); Castilho (2014); Rodrigues (2016).	“Ficarei <b>porque Maria vem.</b> ” (Castilho, 2014:371)
Conformativa	Lobo (2013); Rodrigues (2016);	“ <b>Segundo me disseram</b> , a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira” (Lobo, 2013:102)
Condicional	Mateus et. al. (2003); Lobo (2013); Castilho (2014); Rodrigues (2016);	“ <b>Se está bom o tempo</b> , ficamos bem dispostos.” (Mateus et. al., 2003:706)
Comparativa	Rodrigues (2016);	“Teve bons motivos para criar o homem com 4 bilhões de neurônios a mais <b>do que a mulher.</b> ” (Rodrigues, 2016:62)
Consecutiva	Rodrigues (2016);	“O choque foi tamanho, <b>que me senti atordoado</b> ” (Rodrigues, 2016:73)
Concessiva	Mateus et. al. (2003); Lobo (2013); Castilho (2014); Rodrigues (2016);	“Fui sair, <b>embora tivesse muito trabalho</b> ” (Mateus et. al., 2003:718)
Final	Mateus et. al. (2003); Lobo (2013); Castilho (2014); Rodrigues (2016);	“Vestiu-se bem <b>para que todos notassem.</b> ” (Castilho, 2014: 377)
Temporal	Mateus et. al. (2003); Lobo (2013); Castilho (2014); Rodrigues (2016);	“ <b>Quando você chegar</b> , eu já terei comido toda a sobremesa.” (Castilho, 2014: 379)
Proporcional	Rodrigues (2016);	“ <b>Quanto mais convivo com ele</b> , tanto mais o aprecio.” (Rodrigues, 2016:74)
Locativa	Rodrigues (2016);	“ <b>Onde me espetam</b> , fico.” (Rodrigues, 2016:74)
Modal	Lobo (2013); Rodrigues (2016);	“O Zé saiu de casa <b>sem se despedir da mãe.</b> ” (Lobo, 2013:97)
Agente da Passiva	Rodrigues (2016);	“Fomos enganados <b>por quem parecia honesto.</b> ” (Rodrigues, 2016:64)
Condicional-concessiva	Lobo (2013), Cavaguti (2018)	“ <b>Mesmo que não haja financiamento</b> , o projecto vai para a frente” (Lobo, 2013:94)